

GEOTECNOPSICOSFERA DA TERRITORIALIDADE SAGRADA DO CARIRI CEARENSE

NARRATIVAS DO FENÔMENO MÍSTICO DAS BENZAS



DJAILSON RICARDO MALHEIRO

**GEOTECNOPSICOSFERA DA TERRITORIALIDADE SAGRADA
DO CARIRI CEARENSE: NARRATIVAS DO FENÔMENO
MÍSTICO DAS BENZAS**

DJAILSON RICARDO MALHEIRO



DJAILSON RICARDO MALHEIRO

**GEOTECNOPSICOSFERA DA TERRITORIALIDADE SAGRADA
DO CARIRI CEARENSE: NARRATIVAS DO FENÔMENO
MÍSTICO DAS BENZAS**

1ª Edição

Quipá Editora

2022

© 2022 por DJAILSON RICARDO MALHEIRO. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro, bem como seus dados, forma, correção e confiabilidade são de exclusiva responsabilidade do autor, que permite o download, assim como o compartilhamento, mas sem a possibilidade de promover alterações, de nenhuma forma, ou, ainda, a utilização do conteúdo para fins comerciais. Devem ser atribuídos os devidos créditos autorais.

A presente obra é fruto da tese de doutorado do autor, no Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará – UFC.

CONSELHO EDITORIAL: Me. Adriano Monteiro de Oliveira, Quipá Editora / Dr. Iarê Lucas de Andrade, Universidade Regional do Cariri / Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, Instituto Federal do Ceará / Dra. Sislândia Maria Ferreira Brito, Universidade Regional do Cariri / Dr. Thiago Barbosa Soares, da Universidade Federal do Tocantins.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M249g Malheiro, Djailson Ricardo
Geotecnopsicosfera da territorialidade sagrada do Cariri cearense : narrativas do fenômeno místico das benzas / Djailson Ricardo Malheiro. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2022.

166 p. : il.

ISBN 978-65-5376-072-1

DOI 10.36599/qped-ed1.174

1. Geotecnopsicosfera. 2. Territorialidade sagrada – Cariri-CE. 3. Benzas. 4. Geoeducação. I. Título.

CDD 918.131

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em agosto de 2022.

www.quipaeditora.com.br

@quipaeditora

*Dedico essa pesquisa a meus pais José Malheiro e
Olívia Ricardo por tudo que representam para mim e
por suas histórias de vida, merecedores de todos os
aplausos.*

AGRADECIMENTOS

A todos os familiares e aos/as amigos/as que em algum momento torceram e ficaram felizes com meus processos profissionais e pessoais.

Ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, por oportunizar a muitos muito mais do que uma titulação e sim aprendizado de vida pessoal e profissional.

Ao meu orientador Prof. Christian Dennys Monteiro de Oliveira pela parceria e horas dedicadas a me escutar e ler para além dos escritos.

À Secretaria Municipal de Educação do Município de Juazeiro do Norte por conceder licença para estudos.

À Faculdade de Medicina Estácio IDOMED, Juazeiro do Norte, pelo incentivo as formações e estudos continuados.

Às Secretarias de Educação e aos/as professores/as de cada município que abriram as portas para as formações, contribuindo com a pesquisa da tese.

Às Secretarias de Cultura e turismo dos municípios da Região Metropolitana do Cariri por se disponibilizarem as entrevistas.

A CAPES, como órgão de fomento a pesquisa.

Agradeço de coração a todas as mulheres-benzedoras que me acolheram e se permitiram em suas narrativas contribuir com a pesquisa e principalmente pelo ofício que exercem durante toda as suas vidas, o ofício de cuidar em nome de uma Fé.

A santidade é um caminho para materializar muitas coisas.
É simbólica e cria redes de comunicação.
Cultos criam a identidade e códigos.
Santos são tribais universais.
A cultura fala pelos santos de um local,
e sua memória e seu culto são testemunhos vivos da sociedade
(KARNAL, 2017, p. 15).

PREFÁCIO

Cada livro, sobretudo aqueles que sucedem dissertações ou teses de doutoramento como é o caso deste, gravita em torno de um determinado enquadramento, isto é, acaba agenciando os tensionamentos necessários à transcrição do conflito a que se propõe defender e publicizar. Para tanto, por exemplo, uma obra pode até aproximar autorias outras e submetê-las a uma espécie de testemunho, conversação ou confabulação (mesmo que elas nunca tenham em vida se encontrado) a fim de produzir a instigante trama dos acontecimentos em uma realidade possível, inovadora e ulterior.

De alguma maneira este livro também faz isso. Mas, além de sua temática central, a presente obra privilegia pelo menos duas experiências bem marcantes de leitura. A primeira delas é a tentativa bem-sucedida de nos lermos também na escrita do Outro. Em outras palavras mais psicanalíticas, quando a Memória sobrepujar a História, talvez alguma fidelidade a princípios mais ou menos inconscientes possa atualizar questões da ordem do psiquismo, ali, bem no meio do caminho entre o desamparo e a busca do objeto perdido. Uma ida à uma benzendeira ou rezadeira, no passado, pode aludir a algo apreensível através desse simbólico com ou sem saudosismo. Às pessoas que se aproximarem mais dessa proposta inconsciente, a questão posta pela subjetividade poderá providenciar alguma epifania sobre a tentativa de preencher a falta que habita nos sujeitos.

Entretanto, independentemente de você ter ou não vivenciado algo semelhante na infância por exemplo, há uma segunda experiência de leitura. Esta, que é mais larga, ocorre quando percebemos que o livro conecta, por meio dos fenômenos místicos, pessoas que foram distanciadas do universo acadêmico. É, portanto, justamente esse multiverso periférico que este trabalho evoca e também opera. Ademais, não se deixe enganar, pois é curioso e prazenteiro perceber o esforço do professor e psicanalista Djailson Ricardo, em nos explicar a “semântica” da *geotecnopsicosfera da territorialidade sagrada* a partir da Região Metropolitana do Cariri em cujos caminhos, em busca das benzas e como elas ecoam seus significantes, constituem-se conhecimento muito rico sobre a temática e cuja importância acaba alicerçando outros arcos além da pesquisa ancorada na geografia cultural, de uma cultura caririense e brasileira ocidentalizadas e (con)formadas até aqui e quais projeções são possíveis quando pensadas em aproximação com outros saberes teóricos e práticas, a exemplo da Sociologia, da Educação, da Religião, da Política, das questões de Gênero, da Linguagem e da já situada Psicanálise.

O ineditismo deste vasto material abre, portanto, um oportuno fluxo. Em tempos de pouca vitalidade e de uma profunda crise moral expressa nos paliativos da positividade, navegar em águas (trans)lúcidas até o final da leitura (e a repercussão depois da mesma), não terá sido algo meramente

episódico, pois ela não absolutiza se movimentando no Cariri como um ambiente fechado, pelo contrário, de repente, o Cariri é o mundo, se expande, e amplifica a noção de pertencimento, pois também reflete lugares e narrativas que possam inspirar conexões mais fluidas entre as pessoas.

Lorscheider Carvalho Peixoto
Agosto/2022

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 2 - LUGARES DO SAGRADO NO SUL DO CEARÁ	24
2.1 Festividades católicas e não católicas no Cariri cearense	31
2.2 “Migração da fé” e o crescimento de igrejas evangélicas no Cariri	36
2.3 Religiões de matrizes africanas e a relação com territorialidade sagrada do Cariri	43
2.4 A cultura como elemento de expressão popular nos territórios sagrados da Região Metropolitana do Cariri cearense	48
CAPÍTULO 3 - FENÔMENOS DE UMA GEOTECNOPSICOSFERA E A INFORMALIZAÇÃO DE UMA GEOEDUCAÇÃO	53
3.1 Psicofera e transcendência: racionalização e a irracionalidade em rituais nos territórios sagrados do Cariri	58
3.2 Corpo e mente na “materialização da cura”	63
3.3 “A cura pela fé”: o papel benzedeadoras como símbolo de resistência	66
CAPÍTULO 4 - BENZA, CULTURA E SACRALIDADE RITUAL	68
4.1 “Fenômenos que curam” e o transcender nos Territórios Sagrados da RMC	74
4.2 As bênçãos curativas em rituais católicos: “missa da cura”	81
4.3 A catarse no caminho de cura nos templos evangélicos nos Territórios Sagrados da RMC	83
4.4 “Benzeção e Herança da matriz africana: enfrentando preconceitos”	86
CAPÍTULO 5 - NARRATIVAS E VIVÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS SAGRADOS DO CARIRI CEARENSE	92
5.1 A percepção do poder público sobre os territórios sagrados do Cariri: narrativas	95
5.2 Geotecnopsicosfera e Geoeducação: os fenômenos místicos nas vivências e percepções numa Geografia cultural e humanista	101
5.3 “Ser romeiro/a”: narrativas de fé e devoção na territorialidade sagrada do Cariri Cearense	109
5.4 Narrativas de terreiro: a ancestralidade e os rituais de cura	116
CAPÍTULO 6 - “O CHAMADO” DIVINO PARA O OFÍCIO DA CURA: NARRATIVAS DAS BENZEDEIRAS	119
6.1 Narrativa D. Francisca – Juazeiro do Norte	125
6.2 Narrativa de D. Margarida – Santana do Cariri	127

6.3	Narrativa D. Zulene (Mestra Zulene) – Crato	129
6.4	Narrativa de D. Adelaide – Farias Brito	131
6.5	Narrativa D. Maria de Jesus – Barbalha	133
6.6	Narrativa D. Antônia Josefa (D. Socorro) – Jamacaru, distrito, Missão Velha	134
6.7	Narrativa de Dona Maria Gercina – Caririaçu	136
6.8	Geotecnopsicosfera: novas perspectivas dos fenômenos místicos das benzas	139
6.9	Narrativa de Jacqueline Naylah – Porto Alegre, RS	141
	CAPÍTULO 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICES	157
	SOBRE O AUTOR	165
	ÍNDICE REMISSIVO	166

APRESENTAÇÃO

A pesquisa, através dos estudos geográficos e culturais, pontua os meios para analisar e interpretar os símbolos religiosos cristãos reconhecidos pelo “corpo de religioso” que busca na região do Cariri o seu projeto de saúde espiritual, de lazer, do comércio, de pesquisa e fixação de moradias. Entre estes segmentos estão elementos que corroboram com o desenvolvimento local em um prisma global, mesmo para os espaços mais estáticos diante do processo de dinamização dos territórios.

Oliveira (2010, p. 200) coloca a ideia de que o mundo está contido no lugar, assim como o lugar está contido no mundo globalizado. Consoante a essa ideação, podemos pensar no Cariri como território que carece ser lapidado para que se tenha um direcionamento mais homogêneo por mais que pareça impossível, tornando-se utopia pensar a região como totalmente harmônica.

Essa obra surge como vertente da minha Tese de doutoramento que vem em seus passos para essa construção, também, através do Laboratório de Estudos Geoeducacionais do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (LEGES/UFC).

Inicialmente, o evento na modalidade de minicurso intitulado *Metodologias (cri)ativas: olhares geográficos das festas*, ministrado pelo professor Dr. Christian Dennys, teve como um dos objetivos a análise das perspectivas geográficas em torno das festas, sendo proposto em segmento curricular para mestrandos e doutorandos. Ainda durante o curso percebi que aquele seria um dos caminhos para uma aproximação com a realidade dos territórios do Cariri agregando o campo educacional, especificamente professores da área de humanas (Geografia, História e Estudos Regionais do ensino fundamental II) na percepção dos seus espaços.

Os nove municípios contemplados com o evento compõem a Região Metropolitana do Cariri cearense (RMC), são eles: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Cariri, Missão Velha, Jardim, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. O minicurso aconteceu em quatro encontros na cidade de Juazeiro do Norte, devido ao número de eventos e festividades. Os dois primeiros contatos foram teóricos, o terceiro partiu de uma atividade de campo e o quarto encontro privilegiou a apresentação dos resultados percebidos pelos/as professores/as.

Em alguns municípios aconteceram dois encontros: um presencial e, no mês subsequente, a referida apresentação das intervenções realizadas na comunidade a partir das festas. Após as discussões coletivas, cada professor/a respondeu à uma entrevista estruturada através de um formulário online, fazendo uso do *googledocs*. Porém, dois municípios tiveram os encontros na modalidade remota devido a pandemia do novo coronavírus (COVID-19) que teve início nos primeiros meses de 2020 de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Para fomentar os estudos sobre a dinâmica dos lugares na territorialidade do Cariri fez-se necessário que eu, além dos professores, entendessemos como os gestores percebiam as suas respectivas cidades enquanto espaço agregado a uma institucionalização denominada Região Metropolitana do Cariri¹. Realizei entrevistas com os seguintes segmentos: Secretarias de Educação, Turismo e Cultura para melhor lapidar meios técnico-científicos para uma pesquisa de campo, com aplicabilidade e análise de entrevistas.

Por fim, estruturei um parecer de cada investigação proposta no estudo. Selecionando, além dos órgãos públicos supracitados, igrejas católicas e evangélicas. As religiões de matrizes africanas também foram contempladas na pesquisa. Com ênfase nos terreiros, barracões e casas, a presença dessa ancestralidade em suas histórias no Cariri.

Após breve **introdução**, tido como um primeiro capítulo, delineamos o caminho sequencial do estudo em subtemas que refletem a essência de uma *Geotecnopsicosfera da Territorialidade Sagrada do Cariri Cearense: Narrativas do Fenômeno Místico das Benzas*, e que no final monta-se um mosaico de análises e interpretações que formam a “medula” da tese, tema essa que é construído a cada capítulo.

O **capítulo 2** nos faz caminhar por uma crescente “selva de pedras” que é a região do Cariri e seus movimentos de desenvolvimento através das técnicas de produção, informação e comunicação agregando-se a sentimentos presentes numa racionalidade consciente e também numa irracionalidade, posta por um pertencimento e memórias afetivas que movimentam lugares numa dinamicidade própria de cada espaço. Porém, com aberturas para uma mistura de elementos agregadores de diversas culturas. Nos conduzindo, assim, à reflexões sobre os processos racionais e irracionais simbolicamente postos em uma psicosfera frente à territorialidade do Cariri, através dos lugares e dos eventos com representatividades sacro-profanas.

Questionei, ainda, se há uma migração da fé ou apenas ocupação de espaços religiosos distintos de maneira crescente e/ou decrescente. Nesse caso, valem as expertises na captação do “produto humano” através do sagrado na proposta de distanciamento do profano, isso, caso haja uma certeza do conceito real desses termos. Ainda percorrendo essa seara, como esses fenômenos podem ser reproduzidos através da cultura? A investigação, aqui, propõe uma discussão sobre que elementos estão presentes nesses territórios sagrados, como se manifestam e o que assegura ou ameaça sua continuidade.

Em uma territorialidade em que se manifestam fenômenos de uma sacralidade vinculada ao profano, como propõe Eliade (1979), abro o **capítulo 3** abordando uma hierofania presente nos

¹ A Região Metropolitana do Cariri cearense, criada pela Lei complementar nº 78, 26 de junho de 2009, agrega as cidades de Juazeiro do norte, Crato, Barbalha, Missão Velha, Caririaguçu, Jardim, Nova Olinda, Santana do Cariri e Farias Brito.

territórios do Cariri como fenômenos transmutados nos espaços em uma constituição dos lugares, dentro de uma irracionalidade que transcende a psique humana a partir dos ritos e rituais localizados em espaços específicos como, por exemplo: nos templos religiosos, terreiros nas religiões de matrizes afro e nas residências das benzedeadas.

Não pude deixar de dedicar um espaço às benzedeadas, ainda no presente capítulo, para falar e imprimir a expressão de fé e “cura” pela reza resistente em meio uma tecnosfera (como no caso das indústrias de medicamentos e dos equipamentos técnicos para detecção de doenças). A esfera técnica confronta a psíquica em uma “queda de braços”, na tentativa de preservar uma herança imaterial marcada pela cultura de um povo nos processos que interligam fé e cura, mesmo naquelas doenças consideradas da mente traduzidas no corpo como no caso dos fenômenos psicossomáticos e se é possível mercantilizar as crenças em um Divino. Faz-se necessário, também, calendarizar alguns eventos festivos para que se possam legitimar períodos específicos para os manifestos da fé. Assim, apresento no final desse capítulo um cronograma comentado das principais atividades festivas nos territórios do Cariri.

Todos os fenômenos apresentados até aqui têm reflexos de uma expressividade geoeducacional, desde o momento da espacialidade dos territórios até os rituais que são passados de geração em geração. Essa premissa abre o **capítulo 4**, que mostra como elementos de uma tecnosfera podem ser alinhados à uma psicofera e o quanto é importante o transporte de saberes populares de um tempo passado, como resistência aos encantos da modernidade, para os dias atuais em que a esfera técnica permeia o espaço antropizado. Mas, com brechas, algumas vezes forçosamente para uma psicofera que transcende os territórios e que podem ser simplesmente repassados pela fala e repetição. As benzedeadas entram, também, como protagonismo cultural quando refiro as propostas de transposição temporal e de geração a partir de ensinamentos populares, que permitem uma continuidade das tradições.

As narrativas sobre uma territorialidade sagrada e a participação de segmentos sociais e institucionais corroboram com análises de uma psicofera e tecnosfera presente no **capítulo 5**. Assim, fez-se o uso de entrevistas para mostrar como representantes de órgãos públicos ocupam espaços voltados para pensar a dinâmica local, refletindo os seus municípios na composição de uma região com expressivos manifestos culturais e religiosos.

Como conhecer os fenômenos de uma região voltados para uma territorialidade sagrada em amostra numa etnografia ou por elementos etnográficos? O **capítulo 6** nos permite, como em uma roda de conversa, registrar narrativas dentro de um protagonismo vivido ou experienciado por vários segmentos. Aqui apresento as falas das pessoas se percebendo ou não como parte desse cenário, mas trazendo percepções desses lugares de maneira, apenas espacial, dentro de uma esfera voltada para o

processo de desenvolvimento regional. E, também, uma amostragem do sentimento de pertencimento, de valor simbólico enquanto indivíduo dinamizador e enquanto ser de uma visão e experiência voltadas as territorialidade sacro-profanas.

Chegando no traçado das considerações finais. Optei por essa terminologia porque não querer engessar os conceitos preestabelecidos sobre uma conclusão. Busquei elementos que permitam aos leitores as possibilidades de compreensão sobre os caminhos de uma geotecnopsicosfera, e como a expressividade geoes educacional pode conduzir alguns processos ligados às tradições e a modernidade, navegando, assim, por vários segmentos socioculturais nos territórios sagrados do Cariri cearense.

Certamente algumas interrogativas surgirão no percurso e no final da leitura. Porém, vejo de bom grado, haja visto que a subjetividade e complexidade do tema deve de fato nos fazer refletir e traçar novos questionamentos para proposições futuras. A ideia não é apenas conceituar e sim despertar novos olhares para ou a partir dessa geotecnopsicosfera.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

PSICOSFERA DA TERRITORIALIDADE SAGRADA DO CARIRI CEARENSE: NARRATIVAS DO FENÔMENO MÍSTICO DAS BENZAS



*“Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá [...]
Certo ou errado até
A fé vai onde quer que eu vá”
(GIL, 1982, não paginado).*

1 INTRODUÇÃO

Tudo que é registrado por nossa mente fica arquivado nos fichários do inconsciente, até o momento em que precisarmos de elementos para a compreensão do real em nossos achados do consciente. Os registros passam não apenas por questões materiais e palpáveis, mas por afetividades e imagens capturadas por nossos olhos e, simbolicamente, impressas no processo de desenvolvimento intelectual e emocional. Essas primeiras formulações tópicas nos elucidam um caminho, à medida que nos contextualizamos no espaço. Espaço esse, muito falado por professores do ensino Básico (especialmente do Fundamental) quando se evocavam os “reais” objetivos de estudos da Geografia. Aprendíamos que as ações do homem transformavam o que era natural em espaço geográfico e tudo estava resolvido.

Ao ingressar na universidade, lugar onde passaria quatro anos estudando Geografia, não imaginei que este “real” estaria para além dos conceitos apreendidos desde a quinta série². Agora surgem “novas” geografias para desconstruir e reconstruir minhas perspectivas de conhecimentos: física, humana e suas variantes (econômica, política, agrária entre outras).

O objetivo maior era formar profissionais voltados para a educação do ensino básico. Após a formatura éramos alguns profissionais atuando, simultaneamente, em escolas das redes privada e pública e tendo o livro didático, imposto pelo sistema educacional, como uma “bíblia” norteadora dos ensinamentos geográficos. O livro didático fatiava o mundo em capítulos e conceitos preestabelecidos e sem senso crítico lapidado, dando a nós professores/as, uma limitação dos conceitos e categorias vistos nos últimos quatro anos da Academia.

Percebia-me, então, num mundo para além da sala de aula, já dando impulso para novos voos chegando à pós-graduação, em nível de mestrado e uma formação em psicanálise, que acabaram me fazendo recorrer àqueles fichários guardados no inconsciente.

Um pouco antes do ingresso na pós-graduação, na função de professor, me deparei com uma nova vertente dos estudos geográficos denominada Geografia Médica do Brasil³ (Geografia da Saúde) e Saúde Ambiental. Durante o mestrado tive um aprofundamento desses estudos pesquisando a correlação entre doenças com o ambiente no município de Juazeiro do Norte, Ceará. Esse período me possibilitou uma visão ampliada do fazer geográfico e suas interfaces.

2 Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. O que era série agora é ano, exemplo: 1ª série se torna 1º ano - Lei 11.274/2006.

3 No início da década de 1980 desaparece a Geografia Médica do Brasil dando lugar a Geografia da Saúde em que objetivando estudos correlacionando os processos de adoecimento as questões socioambientais e qualidade de vida. Mesmo com essa mudança algumas instituições de ensino superior adoraram, até primeira década dos anos 2000, em sua matriz curricular o termo Geografia Médica do Brasil.

No doutoramento em Geografia sigo ampliando a percepção de que existem geografias para além das conceituadas em minhas leituras, e que as possibilidades de investigação são desdobráveis quando sistematizadas em uma pesquisa. É neste nível que é necessário uma orientação para lapidar e ordenar um emaranhado de ideias que começam a surgir quando olho para o espaço não mais posto no livro da quinta série e, sim, em toda a dinamicidade presente nas relações do ser humano com o meio em que está inserido. Orientação essa que tive em meu orientador e mais novo amigo o professor Christian Dennys, referência em estudos Geoeducacionais, do Turismo e da Religião, que me vez enxergar além do que estava a minha frente, sugerindo integrar a Geografia e a Psicanálise.

Um dos desafios lançados no percurso da pesquisa foram a busca da articulação de elementos regionais capazes de associar geografias - cultural, humanista, da religião - com fragmentos da psicanálise. Dessa maneira, parto de uma investigação pouco explorada na área sobre a dimensão psíquica do mundo ou psicofera da territorialidade, nas práticas sagradas e mágicas das rezas e benzas, através dos elementos geoeducativos do Cariri. Nasce um projeto de tese e que resulta nessa obra.

Apresenta-se uma geografia da cultura e da religião, que possibilita um reencontro com as memórias e referências de uma região predominantemente católica e popular. Havia, até poucos anos, nesse universo, uma porção menor de evangélicos que denominávamos “crentes” e quase não se viam pessoas das religiões de matriz africana, sendo esta rotulada muitas vezes como “o povo da macumba”, expressão, hoje, preconceituosa e que tardou a ser.

O retorno à essas memórias remetem, espacialmente falando de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, lugares de referência do Cariri cearense. No tempo que passava, cerca de duas décadas, eu seguia observando as transformações desses lugares: ruas e avenidas eram criadas em velocidade quase automotiva, edifícios surgiam no meio do nada e, em pouco tempo, esse “nada” estava se urbanizando. Era essa a nossa realidade, a realidade de uma região que crescia em torno da figura “paterna” e “milagrosa” do Padre Cícero e o sentimento de pertencimento em ter um “santo” perto de nós.

As romarias, em geral, são eventos que têm os seus primeiros passos a partir de uma fé popular e que não carece da outorga de uma instituição. Nessa perspectiva, na região do Cariri cearense, era tudo muito ingênuo e simples na visão de uma religiosidade e de um comércio crescentes que promoviam um desenvolvimento regional calcado unicamente na fé dos romeiros e dos residentes no Cariri cearense, até final do século XX. Tais romeiros passam a ter novos objetivos para além do roteiro de fé, sem desprezar os elementos que a constituem culturalmente. Com o crescimento e desenvolvimento regional, surgiram indústrias e entre elas, um dos maiores templos do

capitalismo, o shopping *center*⁴, que em sua instalação ostentou uma imagem do patriarca em seu pórtico de entrada. Curiosamente, quando o conglomerado foi vendido a um grupo nacional do ramo de *shopping centers* e o espaço sofreu uma radical reestruturação física, a estátua do padre foi retirada do local.

Uma provocação: onde estavam as demais cidades nesse período de crescimento regional e como pensar a tecnosfera e a psicosfera em um cenário dinâmico e em constante movimento? É uma resposta com várias vertentes que cuidarei de elucidar ao longo do texto, pois elas estavam lá e nós não as víamos. Talvez por ser algo muito distante do alcance de minha análise, por mais próximas que fossem geograficamente. O fato é que frente ao Mundo Psíquico dos valores e das Técnicas, a partir do shopping e ambulantes, mercados e romarias tudo aconteceu, inclusive, meu desejo de aprofundamento das questões ainda sem respostas em torno dos fenômenos socioculturais percebidos em pouco mais de duas décadas, entrelaçando razão e emoção para a construção de novos olhares nos territórios caririenses com projeções para uma fusão tecnopsicosfera agregando outros novos prefixos, como por exemplo “Geo”, que será aglutinado ao longo do texto.

Tracei a linha da pesquisa pensando numa geografia da religião e da cultura, buscando em minhas leituras da psicanálise elementos direcionados aos aspectos culturais nos territórios sagrados do Cariri. Nesse momento, os registros de infância começam a surgir do inconsciente para o consciente possibilitando releituras do real vivido, contextualizando-as com os processos de desenvolvimento local.

Pensar no Cariri, no início dos anos de 1990 era trazer automaticamente um território de fé, tendo como centro de devoção as romarias e a “salvação” junto à cidade de Juazeiro do Norte. No restante do país, a noção de progresso estava mais alinhada às tecnologias, ao turismo e à economia, enquanto a vida interiorana do Cariri pautava-se basicamente na sacralidade reproduzida a partir da crença no fenômeno sobrenatural denominado “o milagre da hóstia”⁵.

As evidências de uma territorialidade sagrada estavam voltadas para Juazeiro do Norte. Estudando a Geografia da Religião percebi não apenas a sacralidade dos territórios, mas uma profanidade que não me cabia enxergar, como exemplo disso, os carnavais brincados nas escolas de samba. Tais festas, que me pareciam algo ingênuo e que não feria a sacralidade dos espaços, podem ser vistas na paisagem cultural como fragmentos de uma globalização dos eventos. Um exemplo são

4 O Cariri cearense com o turismo se estruturando cada vez mais, mesmo que não homoganeamente, amplia seu potencial turístico com a chegada do primeiro shopping da região na cidade de Juazeiro do Norte. Inicialmente chamado de *Cariri Shopping* em 1997, com a expansão da área, ocorrida em 2012, o conjunto foi renomeado de *Cariri Garden Shopping*.

5 Suposto fenômeno sobrenatural ocorrido no ano de 1889 em que a hóstia se transformara em sangue na boca da Beata Maria de Araújo durante o rito da comunhão ofertada pelo Padre Cícero Romão Batista na cidade de Juazeiro do Norte, Sul do Ceará.

os desfiles de escolas de samba no carnaval caririense, embora ausentes da maior parte de cidades no interior do Nordeste, que reinventam seus folguedos mais enraizados como em brincadeiras do maracatu rural.

Lembro-me que nas cidades de Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte as agremiações exerciam suas paródias das grandes escolas de samba, no modelo carioca. No auge daqueles anos carnavalescos, a gestão pública exercia toda uma logística na operacionalização desse evento, desde os espaços destinados ao mapeamento, à segurança e à infraestrutura até, e principalmente, ao aporte financeiro concedido à festividade. Era o carnaval de uma sociedade conservadora em que os brincantes não transgrediam a moral de uma época e muito menos a religiosidade local. Constatava-se apenas um rito de passagem à quaresma que se avizinhava e notadamente diferente das escolas de samba do Sudeste, em que a irreverência e ousadia instigavam a libido e as fantasias inconscientes das pessoas, como forma de se permitirem durante os quatro dias de pulsões à flor da pele.

A decadência dos desfiles das escolas de samba no Cariri pode ter uma série de motivações, entretanto, em uma de suas últimas edições, quando diante da comissão julgadora, um destaque despiu-se sobre um dos carros alegóricos deixando à mostra os seios. Esse fato recupera o sentido de transgressão tão comum à “festa da carne”, todavia, a população juazeirense permaneceu visivelmente chocada com ato. Registra-se que esse feito tirou a pontuação necessária para que a referida Escola se consagrasse campeã, informação de um dos dirigentes. O episódio define o pensamento e o comportamento de uma época não tão distante dos dias atuais, mas que nos mostra o quanto a sociedade em sua dinamicidade vem mudando seus conceitos relacionados à moral e aos costumes, principalmente os que são endereçados à sacralidade.

Iniciei, então, a investigar o profano dentro do Cariri cearense e os termos refletidos no pensamento geográfico para os estudos de uma territorialidade sagrada. De mãos dadas, sagrado e profano podem ser embasados em uma literatura que contribui para interpretações dentro de uma territorialidade que apresenta elementos enraizados na fé e no misticismo de um povo, a exemplo dos escritos de Eliade (1999, 1992, 1979, 1972) e Rosendahl (2018, 2012, 2010, 2009, 1991); em Oliveira (2012, 2010, 2007, 2004) refleti sobre as festas em meio a uma geoeducação na territorialidade sagrada, com traços de elementos turísticos e como as simbologias e o inconsciente nesses espaços se apresentam a partir de Freud (2011, 2010, 1996, 1990) e Jung (2008, 2000, 1983, 1964) em seus diversos pensamentos registrados nas suas respectivas obras, seja no campo da psicanálise ou da cultura como elemento próprio de um povo, seja de maneira coletiva ou individualizada. Claval (2011) e Corrêa (2010) remete a geografia cultural numa dinamicidade que permeia o universo em que encontrei elementos que dão suporte a uma interatividade no campo dos movimentos dos territórios analisados.

Haesbaert (2017, p. 77) nos lembra que a temática da modernidade não é nova para uma análise espacial e a que Geografia não teve interesses focados nesses objetos. Mas, para fomentar alguns estudos faz-se necessário uma aproximação com diversas áreas do conhecimento para uma percepção do espaço em sentido amplo e com olhares permissíveis à uma investigação mais completa, por mais subjetiva que seja. Morin (1998) deixa claro que é possível pesquisar a complexidade na subjetividade.

Para o delineamento da pesquisa, uma temática complexa e subjetiva encontrada nas geografias Cultural e da Religião, parti de uma experiência de convívio com as práticas devocionais, em uma empiria revisitada capaz de rever a territorialidade sagrada no Cariri cearense. Essa percepção aponta possibilidades de investigação, quase que exclusiva em sua constituição, para além da cidade de Juazeiro do Norte atingindo, assim, fenômenos localizados em uma espacialidade mais ampla na região do Cariri cearense.

Surgem, dessa maneira, problemáticas que giram em torno dos territórios sagrados do Cariri, busca de representações geoeducacionais e docentes como campo e das mediações que benzedeadas e rezadeiras projetam nessa territorialidade. São estes os elementos que se correlacionam para a sistematização do campo simbólico em estudo. O desenvolvimento do Cariri cearense pode ser visto como territorialidade sacro-profano diante de eventos que transformam os lugares, não somente pela técnica de planejamentos voltados para o progresso e modernização exterior.

Podemos e devemos pensar em uma psicofera – conforme Milton Santos (2006, p. 171) *reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido* - a partir de uma projeção educativa regional. Como formar cidadania espacial em contextos de devoções, crenças e múltiplas práticas de fé e sacrifício? Como lidar com a irracionalidade relativas dos territórios sagrados, no elo místico entre o real e o imaginário, e na busca de suprir as faltas materiais correlacionando-as às emocionais? Por fim, se tenho consciência de que as cidades não têm a mesma dinâmica na visibilidade regional, principalmente no campo da religiosidade, cabe indagar que fatores viabilizam um desenvolvimento tão desigual (heterogêneo) na territorialidade regional sagrados do Cariri?

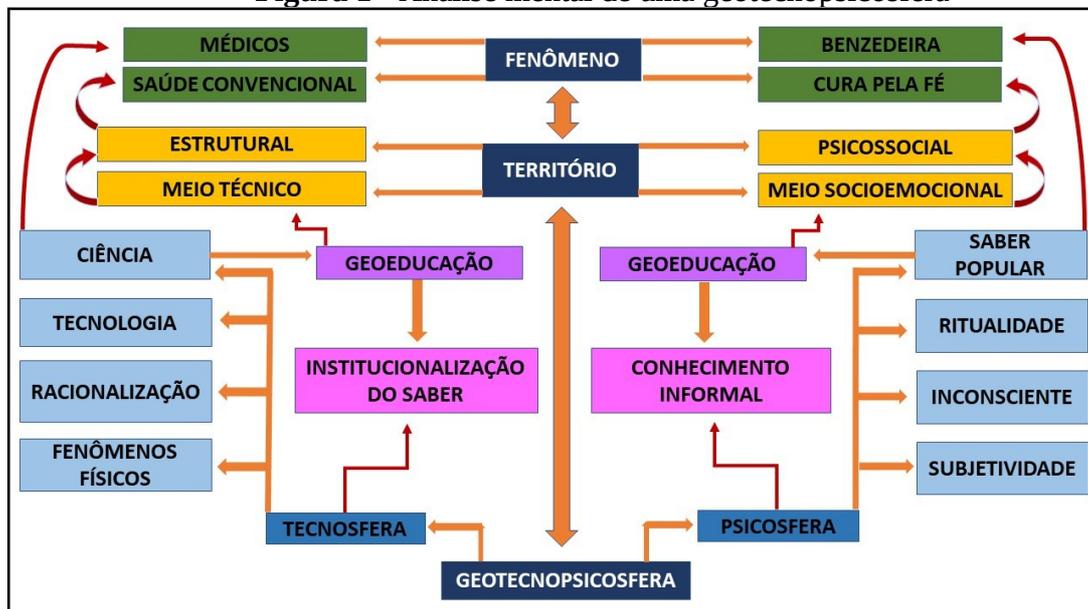
Os territórios sagrados presentes no cenário do Cariri cearense possibilitam uma investigação a partir da psicofera como fenômeno não apenas físico, mas como elemento subjetivo com raiz na simbologia do material-imaterial, tendo através de olhares geoeducacionais repensar esses lugares. Santos (2006) mesmo mergulhado na percepção da tecnosfera, alerta para uma psicofera presente no espaço geográfico. É a partir desse fragmento que busco me aprofundar em elementos que possibilitem maiores análises da psicofera nos territórios sagrados do Cariri. Dialogando, assim, com segmentos (atores e agentes) da prática escolar em seus desafios geoeducacionais. Grupos de docentes que em formação continuada reavaliem as vertentes subjetivas de sua interação cultural na

região, diante das expressivas simbologias que giram no entorno dos fenômenos considerados sacro-profanos.

Frente a essas referências iniciais, a pesquisa busca analisar e interpretar a *Geotecnopsicosfera da Territorialidade Sagrada do Cariri Cearense: narrativas do Fenômeno Místico das Benzas*, procurando explicitar os fenômenos psicossociais e formativos que dinamizam os territórios dessa região associados. Visando, também, compreender como a tecnosfera, numa dinamicidade, acontece a estruturação e/ou a organização dos distintos lugares por mais próximos que sejam, enquanto delimitação espacial frente a um movimento de transformações da territorialidade caririense, principalmente no campo dos eventos religiosos e desenvolvimento regional.

A investigação promove, também, subsídios para pontuar como acontecem as dinâmicas dos municípios do Cariri no valor de pertencimento, aceitação, mudanças comportamentais e afetivas simbolicamente representadas por um inconsciente coletivo, frente aos territórios sagrados da região. Organizando a estruturação dos capítulos seguintes podemos compreender a trajetória da pesquisa pensando na Psicosfera e Tecnosfera na formulação de uma Geotecnopsicosfera, conforme apresento na figura 1.

Figura 1 - Análise mental de uma geotecnopsicosfera



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Alinhando uma pesquisa qualitativa a interação etnográfica criam-se recursos para que possamos, a partir do olhar institucional (comunidade escolar), captar percepções e analisar as práticas postas nos eventos dos territórios sagrados do Cariri. Essa dinamicidade me ajuda a pontuar

uma realidade que é própria de quem permeia esses espaços em racionalidade e essência técnica (real materializado) e inconsciente em essência psíquica (real simbolizado).

Moreira (2002, p. 59-60) fortalece essa prerrogativa quando diz que a pesquisa qualitativa é focada no ser humano como agente e a visão do mundo é o que realmente importa para uma análise mais ampla, mesmo que subjetiva, sendo a sistematização do método fenomenológico um ganho para uma investigação qualitativa em vários campos.

Para o desenho metodológico do estudo consolidado que a pesquisa vivenciada em campo é a espinha dorsal que liga importantes partes do “corpo do trabalho”, saindo da observação para a ação sistematizada, por intermédio de uma metodologia interativa entre pesquisador e coletivos sociais objetivados (benzendeiras e professores) como *sujeitos* em estudo.

Ao longo do texto apresento algumas perspectivas na ideia de Tecnosfera e Psicosfera, proposta por Milton Santos (2006) em *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Essas construções e análises nos dão base conceitual para melhor compreensão desses termos diante da proposta investigada. Contudo, antecipo que a constituição da tecnosfera, ainda proposta por Santos, vem quando percebi que as relações técnicas e informacionais divergem das questões socioambientais e que as relações comunicacionais são resultantes desse meio social e ambiental. Trazendo olhares para essas questões, a Geografia traz um movimento que apresenta o território como produtor de técnicas de produção em que relações informacionais trazem o “reino das necessidades”, enquanto que as relações comunicacionais direcionam para o “reino da liberdade” e que a tecnosfera gera uma dependência da tecnologia e da ciência, como destaca o autor.

A Psicosfera, aponta Milton Santos (2006) visualiza no lugar uma racionalidade em torno da técnica e da produção instigando sentimentos, sensações e sentido que estimula o meio socioambiental ao imaginário mundo das relações que tem como base a técnica, mas que pode surgir bem antes da produção sistemática quando no campo ainda das ideias.

Tecnosfera e Psicosfera podem ser consideradas leituras sistêmicas de mundo, representando contrapontos como, por exemplo: indústria de medicamentos e oração, ciência e conhecimento popular, entre outros. Dando, dessa maneira, um movimento racional e imaginário das experiências dos territórios vividos para uma fluxo em direção a uma Geotecnopsicosfera, envolvendo pilares verticais e horizontais na dinâmica dos lugares e das vivências socioambientais. Alguns eventos relacionados ao catolicismo estão presentes nas cidades do Cariri, porém, nem todos têm “destaque” no campo turístico ou de desenvolvimento local.

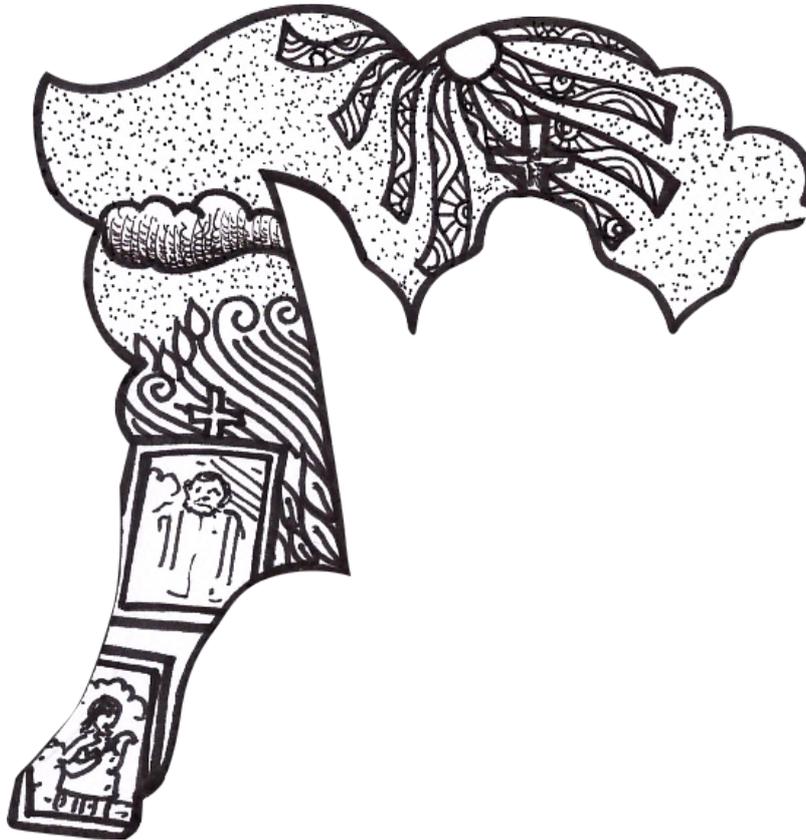
Nesse caso, faz-se necessário correlacionar os elementos religiosos aos não-religiosos – pensando no sacro-profano – com as respectivas cidades de acordo com a cronologia e valor simbólico do lugar, com o intuito de investigar como os velhos e novos “objetos” da fé ou da cultura

proporcionam mudanças no cenário local. Assim, possibilitando vislumbrar as interferências para um elo entre os territórios sagrados e o desenvolvimento, ou não, dos espaços que os entranham.

Não é por acaso que Freud (1990) nos alerta sobre a necessidade de uma conexão com o divino, porém “a materialização” dessa fé pode ser encontrada nos aspectos econômicos voltados para a projeção do lugar em uma escala global – técnica e psicosfera como retrato de uma simbiose sempre presente na discussão de elementos simbólicos, que configuram as territorialidades sagradas e profanas do Cariri cearense. A subjetividade do indivíduo em torno de sua fé traz nos ritos, uma concretude em resposta ao divino.

CAPÍTULO 2

LUGARES DO SAGRADO NO SUL DO CEARÁ



“Chegamos em uma Era onde mesmo desconhecendo o histórico de vida e a conduta do outro, a primeira atitude de sempre é “ver o circo pegar fogo”. Estamos em bolhas digitais, em que os vínculos são voláteis e o tempo corre aceleradamente...”
(NAYLAH, 2019, p. 125).

2 LUGARES DO SAGRADO NO SUL DO CEARÁ

O Cariri em meio ao processo de globalização emerge de modo singular. Essa emergência tem a contribuição do fenômeno das romarias, da especulação imobiliária, do surgimento de faculdades, do comércio e das indústrias. Esse segmento local-global ao longo da história de cada cidade na Região Metropolitana do Cariri possibilita mudanças de comportamento e anseios em torno de um progresso em todos os segmentos da sociedade. Na era da globalização, as emoções tornaram-se indispensáveis para compreender a complexidade do mundo em que vivemos (MOÏSI, 2009).

Os territórios sagrados do Cariri se avolumaram à medida em que a região se desenvolve e se transforma, pois, aliado a essa sacralidade temos uma profanidade alicerçada em seu encaço, além de projetos focados no progresso. De um lado, destaca-se uma expansão técnica que envolve elementos voltados para o crescimento das cidades numa perspectiva de investimentos em vários segmentos como o surgimento de indústrias, empresas, universidades, especulação imobiliária, incentivo ao turismo, especialmente o religioso, entre outros. Em contraponto, mas também, interdependentemente, está presente a essência de um povo que vive os lugares com pertencimento aliado às suas necessidades psíquicas e espirituais, nesse caso visualizo a tecnofera e a psicofera movendo essa região.

Cabe, a partir de agora, investigar como os eventos, principalmente religiosos, pensando pelo turismo, cultura e expansão territorial, se interligam em suas práticas devocionais, festivas e simbólicas apresentando em algumas independência com características próprias em seus cenários “hieropólicos” e, em outras, uma necessidade de atrair elementos de umas para as outras. Como afirma Tuan (1983), precisamos conhecer a história cultural e as experiências vividas no espaço – ambiente físico e cultural – para que possamos compreender a cultura através da percepção. Traço aqui um mapear da Região Metropolitana do Cariri, Sul do Ceará⁶, como territórios que se interligam através de leis em sua constituição legal e ao mesmo tempo a similiaridade devocional de uma sacralidade que toma conta desses espaços, como vemos na figura 2:

6 O Estado do Ceará possui uma área total de 148.894,757 km². Situado na Região Nordeste do Brasil, com 184 municípios e 14 Regiões de Planejamento, destacando-se as Regiões Metropolitanas de Fortaleza, do Cariri e de Sobral perfazem uma população de 8.452.381 pessoas (IBGE, 2017). A cerca de 600 km temos a mesorregião sul do Ceará composta por 30 cidades: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Aiuaba, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jati, Jardim, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas, Várzea Alegre (IBGE, 2017).

Figura 2 - Mapa da Região Metropolitana do Cariri

Fonte: IPECE/CE (2017).

O Artigo 1º da Lei que institucionalizou a Região Metropolitana do Cariri cearense, Lei Complementar nº 78/2009 (CEARÁ, 2009), diante do disposto no art.43 da Constituição Estadual do Ceará, formaliza o agrupamento dos municípios. Apresento, outrossim, as cidades dispostas por ano de emancipação política, da mais antiga para o mais nova:

Quadro 1 - Municípios da Região Metropolitana do Cariri (RMC) cearense

	Município	Ano de criação	Idade em anos (até 2021)
1	Crato	1764	257
2	Jardim	1814	207
3	Barbalha	1846	175
4	Missão Velha	1864	157
5	Caririaçu	1876	145
6	Santana do Cariri	1885	136
7	Farias Brito	1890	131
8	Juazeiro do Norte	1911	110
9	Nova Olinda	1957	64

Fonte: elaboração de Malheiro *et al.* (2021) baseado em Ceará (2017).

Destaco no quadro 1 que entre as cidades que compõe a Região Metropolitana Cariri, algumas são conhecidas em nível nacional e por projeção enquanto territorialidade sagrada, pela cultura e até mesmo pelo crescimento das instituições e indústria como é o caso de Juazeiro do Norte (cidade do Padre Cícero), Santana do Cariri (pela paleontologia), Nova Olinda (pelo artesanato), Jardim (através da festa dos Karetas), Barbalha (pela Festa do pau da bandeira) e Crato (Floresta Nacional do Araripe⁷). Porém, nem todas têm a mesma visibilidade, mesmo com potenciais voltados para o turismo, eixo que atualmente dá prestígio a algumas localidades.

Ao introduzir o prisma da geotecnopsicosfera, busco em Kahil (2010) por nos fazer lembrar que “[...] o lugar é o mundo em movimento – movimento dinamizado pelos eventos –, um movimento permanente de metamorfose do real-abstrato em real-concreto, sendo a totalidade um perpétuo movimento”. Simbolizo aqui o conhecimento da RMC, através de um dos marcos políticos de cada cidade, sua bandeira – símbolo este sempre presente em todos os eventos/festas cívicas adornando os acontecimentos locais.

A bandeira é um símbolo que está presente em várias sociedades e com representações, algumas vezes, sobrenaturais quando mostra-se como um elo entre o terreno e o divino. Torna-se estandarte que ao ser erguido acima da cabeça traz proteção de um ser celetial. Chevalier (2002) fala sobre esse símbolo de tamanha representatividade entre povos distintos e que pode ser um elo entre eles:

No plano cristão, a bandeira simboliza a vitória do Cristo ressuscitado e glorioso. Toda procissão litúrgica, durante o tempo pascal e a ascensão, inclui o emprego de bandeiras [...] Esse símbolo de proteção acrescenta-se ao valor do signo distintivo: bandeira do senhor feudal, de um general, de um chefe de Estado, de um santo, de uma congregação, de uma corporação, de uma pátria. Ela oferece a proteção da pessoa, moral ou física de quem ela é a insígnia (CHEVALIER, 2002, p. 119).

Penso que a bandeira atua em duas frentes distintas. A primeira, de caráter político-cívico e, em seguida, ou simultaneamente, àquela que mobiliza as emoções, os afetos. Sua simbologia pode representar, também, elementos oriundos das festividades religiosas sendo em alguns lugares, o hasteamento da bandeira, o marco de uma “civilidade de fé”, na “civilização-nação-cariri”.

Dentro do paradigma festivo cultural, em uma esfera técnica, praticamente em todas as cidades do Brasil, temos as festividades do Dia da Independência em que os desfiles anuais são abertos com a bandeira brasileira seguida das que representam os seus municípios como elementos de uma independência política, estimulando, assim, um civismo até então recalcado nas pessoas que acompanham esse momento. Entretanto, no campo da psicosfera, consideremos as festas religiosas

7 Decreto-Lei No 9.226, de 2 de maio de 1946 – Art. 1º Fica criada, em duas glebas distintas, sendo uma na Serra do Araripe, na região dos Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, a outra, na Serra do Apodi, entre os Estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, a Floresta Nacional do Araripe-Apodi, subordinada ao Serviço Florestal do Ministério da Agricultura. Conhecida como Floresta Nacional do Araripe é a primeira do Brasil.

católicas em que o estandarde leva impressa a imagem do santo como ato de fé e homenagem pelo seu dia enquanto protetor de uma cidade, compondo dessa maneira o território sagrado e como nos fala Rosendhal não pode ser desassociado do profano.

Para conceituar o Território Sagrado, reflito em Rosendhal (2005) sobre signo e o significado que são marcas fundamentais para consolidar o Sagrado, e que a ênfase desta análise recai sobre os símbolos e o valor de bens simbólicos religiosos, considerados como bens que expressam a revelação do sagrado. A autora coloca que o Território resulta da apropriação e controle de diversos segmentos sociais como grupos de pessoas, instituições e empresas. Para a autora, “[...] o território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla” (2005, não paginado).

Como estratégia voltada para uma tecnopsicosfera faço a alternância entre território e territorialidade, como forma de pensar a associação entre os sistemas que dinamizam o território e as esferas que movimentam a territorialidade conforme nos direciona Rosendhal (2005, não paginado) quando afirma que, “[...] a territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território”.

Trazendo para os territórios sagrados do Cariri esse pensar “patriótico”, representado pelas bandeiras de cada município, proponho uma perspectiva de que traços religiosos estão postos no que se considera o maior e mais importante símbolo representativo de uma nação, sempre presente em momentos importantes: a bandeira. Se falo em lugares sagrados, como a transcendência espiritual se destaca nesses símbolos dentro de uma perspectiva cultural e psicoférica?

Para Jung (1964, p. 93), “[...] os símbolos culturais, são aqueles que foram empregados para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados em muitas religiões”, a exemplo das bandeiras presentes nas festas religiosas como símbolo e demarcação espacial de um significante de dominação da fé. Nos casos das bandeiras, que representam nações e cidades, esses elementos podem ou não estar associados. Vejamos nas bandeiras que representam as nove cidades da Região Metropolitana do Cariri, e em meio a essa territorialidade temos algumas lugares considerados popularmente como “terra santa”.

Figura 3 - Bandeiras pertencentes aos municípios da RMC

Fonte: elaborado pelo autor com base em MBI (2021).

Na leitura das bandeiras da figura 3, percebo que mesmo em uma territorialidade sagrada nem todas trazem representações de uma religiosidade. Há uma preocupação maior em detalhar elementos que destacam características sociais e econômicas. Os municípios de Crato e Santana do Cariri são os únicos do bloco que apresentam a Cruz em alusão à simbologia Cristã. Novamente, Jung (1964, p. 91) nos fala que “[...] a Cruz da Religião é um símbolo dos mais significativos e que expressa a profusão de aspectos, ideias e emoções”. Observo que as demais religiões não são contempladas nas bandeiras.

A afetividade através da fé, em geral festas católicas, estão desenhadas nas bandeiras hasteadas dentro de um ritual profano em meio a sacralidade, quase que uma representação sentimental cívica. Nas maioria dessas cidades, as bandeiras são “símbolos sagrados” que coroam rituais em torno de um pau que até o momento do hasteamento consideramos profano.

A exemplo de Barbalha, Nova Olinda e Santana do Cariri existe o rito do corte da árvore em um festejo regado à bebida alcóolica e outros estimulantes, que naturalmente podem tirar o homem da sua racionalidade. Aqui, o termo “homem” não comporta uma retórica em todo do ser humano. Mais do que isso, ele assinala uma atividade ritualística exercida exclusivamente pelos “machos” em

um aglomerado que, descontadas as proporções, assemelha-se a uma cena animalesca na literal “disputa pelo falo”.

Na abertura da festa do/a padroeiro/a uma multidão aguarda nas ruas das cidades a entrada “triumfal” do pau da bandeira até a frente da Igreja Matriz, em que após fixado ao chão a bandeira do/a Santo/a é presa na ponta do mastro que simbolicamente torna-se a partir dali um elemento sagrado. Esse momento festivo em torno de uma árvore, que se torna após a sua derrubada símbolo de força e fé, demonstra claramente a ideia em que o sagrado caminha ao lado e porque não dizer “parceiro do profano”.

A internalização psíquica das vivências e experiências postas por um inconsciente coletivo permite uma análise sobre a estrutura subjetiva, na formulação dos territórios sagrados do Cariri, como espaço simbolicamente voltado para uma territorialidade sagrada e com propostas de um turismo planejado. Neste caso, unindo a psicofera e a tecnosfera apresentada por Milton Santos (2006), a qual nomeio de *Geotecnopsicosfera* (GTP) ou a *geografia tecnológica da psique humana* presentes, também, nos lugares em que esses conceitos adentram e se instalam confortavelmente para uma melhor análise dos territórios.

Posso dizer que o Cariri constrói uma territorialidade em volta de um misticismo religioso e que a partir desse, são projetados segmentos em prol de um desenvolvimento e crescimento regional, pontualmente e em lugares específicos, como algumas cidades presentes nesses espaços. Esses territórios estão voltados para uma geografia cultural com aspectos psicológicos que refletem nas ações conscientes e inconscientes apontando, assim, para uma psicofera em meio as esferas da racionalidade.

A GTP traça a essência interiorizada dos territórios de cada um em meio ao todo. Serbena (2010) estrutura a psique como constituída por elementos inconscientes que nascem em distintas modalidades, seja individual ou coletiva, pertencentes às suas origens, em geral, familiares que são componentes de uma cultura carente de preservação em meio as diversidades técnicas presentes na sociedade contemporânea.

O Cariri, por exemplo, apresenta diferenciais das demais regiões ditas “metropolitanas” do país devido aos fenômenos religiosos ou de uma territorialidade sagrada, apontando dentro desse segmento investimentos em diversas áreas e em especial ao turismo religioso, ecológico entre outros. Oliveira (2004, p. 27) nos diz que “[...] o incentivo ao desenvolvimento de lugares por meio do planejamento turístico, nos planos socioeconômico e ambiental, costuma envolver algum aspecto religioso na composição dos atrativos”.

Fotografia 1 - Missa Nossa Senhora de Fátima - Crato



Fonte: acervo do autor (2019).

É numa perspectiva (in)consciente que o lugar é “vivo” no Cariri cearense, devido as multifacetadas que abrigam um simbolismo presente nos territórios considerados sagrados trazidos pelas experiências de cada indivíduo. A construção dessas vivências se firmam não apenas pelos visitantes com seus objetivos particulares e coletivos. Mas, também, pelos que fazem desses lugares a sua moradia encontrando, além da fé, meios de sobrevivência e subsistência. “A experiência expressiva de um lugar se efetiva essencialmente na vivência, na realidade desse lugar. Eis o porquê um lugar ter um sentido, um significado. Um sentido singular para aquele que vivencia um lugar específico” (SOUZA, 2015, p. 331).

2.1 Festividades católicas e não católicas no Cariri cearense.

Não posso desconsiderar a sinonímia entre elementos de materialidade e sacralidade dentro de um território. Outrossim, os fenômenos simbolizados nos territórios sagrados do Cariri se autorrepresentam em lugares específicos de acordo com a dinamização e historicidade dos espaços que os congregam, permitindo, desse modo, uma visibilidade material, concretude de fé e na esperança (in) consciente de um povo. Sendo assim, questiona-se se há artificialidade do sagrado,

haja visto que esses fenômenos são vivos no território e muitas vezes representados em movimentos festivos.

Fotografia 2 - O pau-de-arara “converteu-se” em “carros alegóricos”



Fonte: acervo do autor (2019).

Santos (1988) nos diz que o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, do outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. Pensando na religiosidade popular e católica em torno das romarias que hoje estão presentes em vários territórios do Cariri, e não apenas na cidade de Juazeiro do Norte, a memória do pau-de-arara⁸, uma das mais importantes alegorias da cultura das romarias, pode ser visto como um dos primeiros lugares afetivos em festa devido a alguns elementos simbólicos a exemplo das músicas e cantos, dos batuques e palmas, dos confetes e das ritualísticas guloseimas. O veículo, carro-andor, que a esta altura da discussão assemelha-se ao carro alegórico dos grandes desfiles carnavalescos é o porta-estandarte da fé.

Outro aspecto que denota uma característica carnavalesca no cenário das romarias é uma crescente uniformização das vestimentas dos romeiros. Esse fluxo remete às fantasias e abadás como elementos característicos dos blocos multicoloridos de foliões na medida em que os peregrinos enfeitam os seus transportes e padronizam suas roupas gerando expectativas em torno dos eleitos

⁸ Resolução nº 82, de 19 de novembro de 1998, do Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN que dispõe sobre a autorização, a título precário, para o transporte de passageiros em veículos de carga, mas precisa urgentemente de modificações para atender a realidade das viagens dos romeiros do Padre Cícero. Desde o ano 2016 fica proibido o transporte de romeiros para o Cariri nos caminhões pau-de-arara na configuração que se apresentavam, principalmente relacionado à falta de segurança. Os ônibus e veículos particulares ocupam o lugar do pau-de-arara nas romarias.

como sendo aqueles mais adornados, mesmo os ônibus também são metamorfoseados em *tele-transportes* de fé. As ruas e avenidas de acesso à cidade e dentro dela, se transformam em verdadeiros corredores de folia. No final do percurso, ou melhor, no ponto de chegada, os mais enfeitados da carreata recebem uma premiação que vai do primeiro ao terceiro lugar. O pau-de-arara “converteu-se” em “ônibus alegórico”.

O pau-de-arara teve a sua finitude nas romarias do Cariri, mesmo com a comunidade religiosa defendendo-o como elemento importante da cultura do romeiro. A Diocese do Crato (2014, não paginado) anuncia a importância do transporte pau-de-arara para esse visitante:

[...] o processo de formação, crescimento e manutenção das romarias a Juazeiro, um dos meios de transporte de passageiros em veículos de carga, ou seja, o caminhão pau de arara, sempre foi e continua sendo utilizado pelos romeiros. Que a romaria realizada no caminhão Pau de Arara promove um ambiente místico de orações, benditos e penitência e um clima de solidariedade, motivados por razões de caráter cultural e histórica.

Os espaços festivos nos interiores dos paus-de-arara faziam parte dos rituais e da cultura dos romeiros como lugares de confraternização, solidariedade e compaixão. Eram espaços democráticos e que mexiam com as emoções, esperanças e fé de um povo que tinha nesse transporte um dos símbolos que os faziam sentir-se romeiros e, ao mesmo tempo, instrumentos de homenagem ao Padre Cícero, à Nossa Senhora das Dores, a São Francisco, à Nossa Senhora das Candeias em suas respectivas romarias com vistas ao sobre-humano.

A lei de trânsito busca evitar riscos de acidentes e mortes, prevalecendo frente à cultura de um povo. Devido a essa determinação legal, além de alegria em meio as festividades os romeiros têm na ausência do pau-de-arara um sentimento de dever não cumprido, parecendo que há um vácuo na satisfação nas homenagens aos seus santos de devoção, chegando em certos momentos a não se reconhecerem como tais, algo quase profano na concepção dos peregrinos. Assim, rompe-se e transforma-se uma cultura.

Cultura e religião em um cenário contemporâneo possibilitam mudanças no real-imaginário de um povo. Sanchis (2018, p. 17) nos diz que a cultura é algo que todos têm e que nos faz ser “gente”, sendo a maneira particular de encarnar a humanidade fundamental a cultura em cada grupo de humanos. “A religião também pretende fornecer ao ser social uma visão do mundo – uma representação particular, com suas categorias próprias, que torna o mundo intelectual e emocionalmente apreensível (Deus, Deuses, Orixás, Anjos, Santos...)” (SANCHIS, 2018, p. 23).

O Cariri, em seu processo de desenvolvimento e crescimento, apresenta várias vertentes relacionadas às religiosidades populares e institucionalizadas, abrindo espaços para a cultura de

grupos distintos. Desse modo, traço aqui alguns dos principais fenômenos festivos que ocupam a territorialidade sagrada e que não se restringem apenas ao catolicismo.

Quadro 2 - Calendarização das festividades, RMC

Período	Municípios	Evento
Janeiro		
17	Juazeiro do Norte	Romaria – Aniversário de Morte da Beata Maria de Araújo
06		Romaria – Encerramento ciclo Natalino
Data indefinida		Caminhada Pela Liberdade Religiosa
3	Jardim	Emancipação política
11 - 20	Nova Olinda	Festa do Padroeiro São Sebastião
Fevereiro		
2	Juazeiro do Norte	Romaria – Nossa Senhora das Candeias
Março		
24	Juazeiro do Norte	Romaria – Aniversário do Padre Cícero
19	Missão Velha	Festa do Padroeiro São José
Abril		
Data indefinida	Jardim	Festa do “Karetas” (domingo de páscoa). Desde o século XIX
Junho		
Primeiro sábado	Caririaçu	Festa do Milho
1 a 13	Barbalha	Festa do Padroeiro Santo Antônio
1 a 13		Festa do Pau da Bandeiro
13	Jardim	Festa do Padroeiro Santo Antônio
20 a 29	Caririaçu	Festa do Padroeiro São Pedro
Julho		
3 a 7	Missão Velha	Vaquejada de Missão Velha (54ª em 2019)
11 a 14	Juazeiro do Norte	Vaquejada de Juazeiro do Norte (43ª em 2019)
20		Romaria – Aniversário de morte do Padre Cícero
20	Farias Brito	Missa Padre Cícero
13 a 21	Crato	Festival Expocrato (75ª em 2019)
16 a 26	Santana do Cariri	Festa da Padroeira Senhora Santana
Agosto		
18	Caririaçu	Festa de 143 anos de emancipação e 45ª vaquejada
Setembro		
1	Crato	Festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha
15	Juazeiro do Norte	Romaria/festa Padroeira Nossa Senhora das Dores
Outubro		
4	Juazeiro do Norte	Romaria de São Francisco das Chagas
24	Santana do Cariri	Romaria de Benigna
Novembro		
1	Juazeiro do Norte	Romaria de Finados
Dezembro		
8	Farias Brito	Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição
21	Juazeiro do Norte	Romaria – Início Ciclo Natalino.

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Analisando o quadro 2, observo que algumas datas são móveis devido ao calendário nacional, a exemplo das festividades em torno da Semana Santa, entre outros. Assim, destaco as principais atividades festivas. Diante da territorialidade sagrada encontro elementos de uma psicosfera, que perpassa pela esfera da racionalidade através dos eventos cívicos e festivos que não remetem a uma divindade. A predominância desses fenômenos ainda está alicerçada na religião católica totalizando

20 dos 28 itens apresentados, porém, em todos os eventos destacamos ritos sagrados em outros momentos festivos. Os demais eventos são pontuais de cada lugar e não se apresentam regionalizados, mesmo alguns tendo as mesmas características como, por exemplo, as vaquejadas.

Existe uma sacralidade em meio a uma profanidade quando em praticamente todos os eventos e rituais são predominantemente católicos, mesmo em momentos cívicos. Aponto as missas que abrem ou encerram as festas de emancipação política, as vaquejadas e até mesmo a festa dos Karetas⁹ na cidade de Jardim. Tradicionalmente, a festa dos Karetas acontecia simultaneamente às festividades da igreja católica, porém em 2019, ela passou a acontecer somente após as atividades do Domingo de Páscoa. Visualizo mais uma tradição se transformando e se adequando as exigências seja da Lei, da gestão pública ou da instituição Igreja.

Existe nessa configuração um sincretismo em que as religiões “comungam” nesses territórios sagrados de maneira homogênea? Pelo que sinalizo, ainda no quadro, apenas no mês de janeiro é incluído o dia da Caminhada pela Liberdade Religiosa. Momentos esses em que deveríamos congregar as diversas religiões e/ou religiosidades dos territórios sagrados do Cariri. No entanto, é notório que temos um maior número religiões de matriz Africana (Candomblé, Ifá, Umbanda...) em detrimento das demais. Pouco ou nada se vê de representações católicas e/ou evangélicas. Esta última traz em sua linha de atuação um estímulo ao preconceito para com as religiões afro, fortalecendo a intolerância religiosa e o racismo religioso.

Ressalto que esse evento – a Caminhada pela Liberdade Religiosa – acontece no maior território que representa o sagrado na região, a cidade de Juazeiro do Norte. Além desse momento de suposto encontro de religiões, não temos indícios de um evento público em nenhuma outra data representando o sincretismo religioso no Cariri. Tende a ser uma cultura que ainda não converge na mesma direção. Sobre o sincretismo e a correlação com a cultura Sanchis (2018, p. 353) explica que:

Falar em sincretismo como numa forma não totalmente vazia equivale a dizer que há sincretismo quando o processo social tende a impor determinada forma a “algo”. Seriam traços, comportamentos, elementos de cosmovisão, valores? Vê-se que, nessa flexibilidade e comunicação dos conceitos, é difícil falar em uma estrutura sincrética sem levar diretamente em conta a cultura.

Os cenários das festividades do Cariri se tornam próximos no tocante as suas características regionais, porém simbolicamente equidistantes quando trato dos movimentos religiosos, das festas populares de tradições carnavalescas como a festa dos Karetas, da cultura das vaquejadas e dos “isolamentos” de algumas religiões devido, infelizmente, aos preconceitos resistentes em pleno

⁹ Festa tradicional que acontece desde o século XIX. No período da Semana Santa os campesinos promovem seus agradecimentos pela última colheita. Na ocasião, máscaras representam personas e outras criaturas para uma celebração coletiva.

século XXI. Mostrando que as raízes de uma religiosidade voltada para um determinado segmento social permanecem firmes, e se blindam as diversidades e as crenças vindas de vários lugares.

Fotografia 3 - Mosaico Caminha pela diversidade religiosa, Juazeiro do Norte; brincantes, romaria Juazeiro do Norte e Fogos festa de S. Sebastião, Nova Olinda



Fonte: acervo do autor (2019).

2.2 “Migração da fé” e o crescimento de igrejas evangélicas no Cariri

No mundo ocidental a instituição da Igreja Católica teve em muitos séculos, e ainda o tem só que em proporção menor, grandes domínios territoriais. Aqueles que fossem contrários aos seus dogmas seriam praticamente banidos do meio social. O Deus da Sagrada Igreja Católica Apostólica Romana era visto como opressor e punidor dos que se desviavam das suas leis divinas. Vigiados pelos “escolhidos” que reiteravam tais leis, às pessoas comuns não eram permitidas outras formas de conexão com o Sagrado.

Inconscientemente, a religiosidade representada em símbolos, ritos e rituais tem na igreja como a representatividade maternal de acolher os fiéis que a procura. Como se o ser humano buscasse o regresso ao espaço de maior acolhimento que possa ter, o útero materno. Como apresenta Freud (1990), em seus estudos iniciais da religião e da psicanálise em *Totem e Tabu*, enquanto o Deus é considerado o castrador, o pai que nasce a partir do momento em que os filhos resolvem matá-lo e comê-lo apropriando-se, assim, da sua essência, destacando elementos do complexo edípico¹⁰. Mesmo depois, vindo o arrependimento – em forma de pecado – passando agora esse pai a ser o Divino, e que começa a punir severamente todos que praticarem em pensamentos e ações qualquer ato que não esteja dentro das normas representativas da moral e da obediência ao pai.

Agora, o servir a essa divindade precisa de um espaço considerado sagrado para demarcar a devoção dos servos e expressar os primeiros passos que consagram uma religiosidade. Portuguesez (2015) reflete sobre a religiosidade trazendo elementos culturais, sistemáticos e de afeto para pensar na construção ou não de uma religião expondo a seguinte ideia:

A nosso ver, ela (a religiosidade) é a expressão de um conjunto de sentimentos e ações com base no qual os indivíduos estabelecem laços afetivos, culturais e comunitários por meio da prática sistematizada ou não, da fé. A religiosidade pode ser bastante espontânea, explicada a partir de experiências individuais, mas também pode ser mediada por sistemas estabelecidos de crenças, ritos e mitos. Em outras palavras, a religiosidade ocorre nos âmbitos do indivíduo e/ou da coletividade, podendo ou não ser mediada por uma religião estabelecida (PORTUGUEZ, 2015, p. 20).

Que espaços são considerados sagrados ou profanos em nossa sociedade com os diversos atrativos que temos hoje para além dos muros dos templos religiosos? Precisamos de paredes e um teto que simbolize tanto “o retorno ao útero materno”, quanto uma conexão direta com o divino. Uma casa pode ser apenas uma casa, porém as funções dadas a ela podem definir simbolicamente uma representatividade de acordo com as necessidades de quem a ocupa. Pode ser tudo, até mesmo um templo religioso e nesse caso temos um espaço sagrado que acolhe ou que deveria acolher as pessoas em momentos de conflitos.

Para os que buscam uma fé, esse espaço (casa) é definido como lugar de encontro consigo e com o divino. Essa casa-templo, que chamaremos a partir de agora de santuário, é mais comum na religião cristã; e nem tanto na confissão evangélica ou na matriz afro. A religião católica, tradicionalmente, carece de uma estrutura que se destaque da arquitetura local como maneira de

¹⁰ Édipo rei presente na mitologia Grega em que mata o pai e casa-se com a mãe. Ele também é lembrado por desvendar as charadas da esfinge que guardava a entrada da cidade de Tebas. Podemos considerar que na psique humana o complexo de Édipo concentra-se na infância (entre 3 e 6 anos de idade) envolve elementos de desejos com a mãe e quanto em relação da menina para com o pai chamamos de complexo de Electra. Em termos psicanalíticos e atuais podemos considerar os elementos psíquicos de desejos tanto do menino quanto da menina de complexo de Édipo.

demarcar um espaço sagrado. Eliade (2018, p. 56) diz que “[...] o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários” e ainda nos lembra, que:

Lembremos o essencial do problema: se o tempo constitui um *imago mundi*, é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo.

Quase um mantra, falar em sagrado é trazer elementos profanos em um mesmo território e nessa perspectiva não necessariamente é preciso de um ponto fixo para vincular-se ao divino. Nos territórios sagrados do Cariri ainda prevalece a confissão católica como dominante de uma fé que se renova, simbolicamente, a cada ciclo de romaria, por exemplo. Para esse romeiro/peregrino, a vinda (repetidas vezes) às cidades em que seus santos de devoção os esperam para abençoá-los e receber suas ofertas, sejam elas financeiras ou, em especial, sob a forma de ex-votos¹¹.

Além dessa materialização da fé, simbolicamente impressa, temos os rituais em pontos específicos que marcam um elo direto com o Divino, a exemplo das voltas em torno do cajado da estátua do padre Cícero no Horto e das voltas em que os veículos dão na estátua de São Francisco no pátio da sua igreja como maneira de pedir as suas bênçãos, agradecer e se despedir desses lugares. Oliveira (2004 p. 15) nos fala que “[...] pessoas, famílias e povos peregrinam por motivos transcendententes à sua vontade. A peregrinação, portanto, não é uma escolha individual desde sujeito à divindade (o santo) que o agraciou. Sua realização dá-se, na maioria das vezes em espaços profanos”.

Fotografia 4 - Materialização da fé: ex-votos



Fonte: acervo do autor (2019).

¹¹ Para os fiéis, principalmente da religião católica, os ex-votos são símbolos que representam gratidão, pedido, esperança e promessa alcançada. Os ex-votos são materializados por fotografias, roupas, objetos e em geral parte do corpo humano talhados em madeira que são deixados em igrejas e/ou em espaços considerados sagrados.

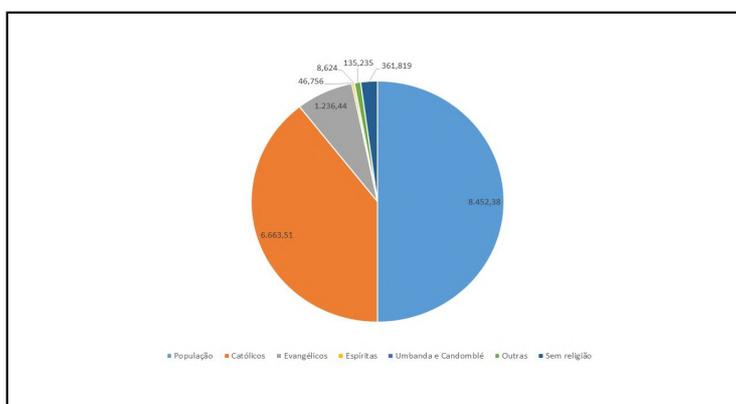
Quando falo em territórios sagrados do Cariri logo fixo na esfera da religiosidade popular e predominantemente católica, principalmente nas cidades que compõem a Região Metropolitana do Cariri como Juazeiro do Norte e as romarias em torno da figura do padre Cícero e da mártir Benigna em Santana do Cariri. Também são elementos do profano, a festa do Pau da Bandeira em Barbalha e a festa dos “Karetas” em Jardim. Todavia, esse cenário vem se transformando rapidamente nas últimas décadas quando percebo que os ex-romeiros e hoje atuais moradores juntamente os nativos começam a transformar esses territórios com um processo migratório que parte da fé, se transportando para outras religiões, principalmente a evangélica.

É perceptível, no Cariri, que muitas casas e galpões se transformam em templos religiosos evangélicos chegando, em alguns bairros, a uma estratégia que parece de guerrilha criando trincheiras simbólicas em torno das igrejas católicas. Tal demarcação exerce uma quantitativa dominância do território a ser evangelizado nas comunidades em que estão inseridas ou em processo de inserção. Esse fenômeno migratório entre religiões acontece com muita frequência e não apenas no Cariri. Nas palavras de Arnaldo Filho e Alesca Oliveira (2019, p. 88):

O que é encontrado referente ao trânsito religioso brasileiro são as variadas práticas utilizadas que fazem flexibilizar os vínculos dos fiéis e suas igrejas. Desta forma o que surge no cenário religioso são as múltiplas opções, o surgimento de diversas instituições é responsável pelo crescimento de adeptos da última onda do pentecostalismo, essas instituições têm seu surgimento por diversas causas, sejam dissidências, flexibilização das crenças das organizações clássicas ou junção de crenças.

Para Bartz (2012 p. 259), “[...] a intensa circulação de pessoas, ao redor de alternativas religiosas variadas proporciona uma situação de desestabilização e de fragmentação das organizações religiosas tradicionais, já que a mobilidade traz consequências nos planos das crenças e das práticas religiosas”. Exponho a seguir uma amostra e análise desse processo de migração no estado do Ceará:

Gráfico 1 - Representação das religiões no Estado do Cear



Fonte: adaptado pelo autor com base no IBGE (2010).

O gráfico 1 traz nitidamente uma amostragem cearense de como esse processo flutuante entre religiões destaca um número em que as maiores porcentagens estão concentradas da religião católica para a evangélica. Surge também um quantitativo expressivo para a doutrina Espírita, seguida pelas religiões de matrizes africanas. O número de pessoas que se denominam sem religião também é significativo. Levando em consideração que a pesquisa é do senso de 2010, as movimentações numéricas podem naturalmente ter crescido no transcurso da última década.

Parece que em tempos modernos com tantos atrativos e distrativos as pessoas estão vivendo em um desolamento psíquico e de fé, que permeia lugares distintos em busca de um reencontro com elas mesmas e com o *divino perdido* numa alusão ao *objeto perdido*, objeto causa do desejo levantado e sustentado pela psicanálise de Freud e Lacan. “O afastamento do divino traduz na realidade o interesse cada vez maior do homem por suas próprias descobertas religiosas, culturais e econômicas” (ELIADE, 2018, p. 106). Não sendo diferente, o Cariri tem em seus territórios sagrados transformações causadas pela migração das religiões e das pessoas em busca de divino perdido. Apresento abaixo uma compilação da divisão religiosa:

Quadro 3 - Representação das religiões na Região Metropolitana do Cariri

Cidade	População	Católicos	Evangélicos	Espiritas	Outros
Juazeiro do Norte	250.000	218.944	20.994	2.284	
Crato	121.428	107.122	9.505	1.181	
Barbalha	55.323	51.312	2.630	160	
Missão Velha	34.274	31.495	2.278	24	
Jardim	26.688	25.342	946	61	
Caririaçu	26.393	25.377	719	12	
Farias Brito	19.007	17.143	1.398	0	
Santana do Cariri	17.170	15.943	827	18	
Nova Olinda	14.256	12.677	1.167	0	
Total	5.645,39	398.464	40.464	3.740	121.871

Fonte: adaptado pelo autor com base no IBGE (2010).

O quadro 3 reflete, além do processo migratório de uma religião para outra, em tempos do senso 2010, um preconceito, se é assim que posso chamar, sobre as religiões de matrizes africanas denominadas apenas como outras. Pelo menos é o que interpretei quando não as localizei na tabela. É remoto o tempo em que as pessoas fortemente negavam as suas religiões quando fugiam do “padrão” aceitável (católicos, evangélicos e espíritas) pela sociedade “cristã”. Essas nulidades em torno das religiões afros ainda estão presentes, devido ao preconceito que paira sobre as pessoas que projetam e mostram a fé em seus deuses e com rituais vistos por outros segmentos como profanos (presentes no candomblé, da umbanda entre outras).

Parece que existe uma solidão inconsciente mesmo nos territórios sagrados em que as pessoas deveriam ter um preenchimento pela fé em suas vidas. Há um isolamento social e a busca por novos

Deuses ou por um Deus perdido, que pode ser encontrado em outros templos divergem dos seus, de outrora como se essa permuta viabilizasse o desejado equilíbrio espiritual e social enquanto pertencimento de um grupo. Essa busca pode passar por rituais coletivos ou individuais proporcionando uma desconstrução do que lhe cabia enquanto vínculo com um ser divino, muitas vezes imposto por seu ciclo familiar. Bartz (2012 p. 270) faz a seguinte reflexão em torno do indivíduo e suas crenças ou falta delas:

A frequência a determinados grupos, mesmo com pouca assiduidade, permite que mensagens e novos simbolismos influenciem a vida religiosa. Isso corre através de recolhimentos, leituras, mantras, incensos, pirâmides, meditação etc. Cresce o número de pessoas que procuram os templos/igrejas vazios para rezar em silêncio. Identificações sincréticas, recuperação da magia, exaltação dos sentidos que põe em contato com o cosmos e à estética, florescendo os sentimentos, harmonização com a natureza, busca de equilíbrio emocional e saúde.

Na conjuntura moderna em que a tecnologia e o desenvolvimento trazem atrativos promotores de uma “satisfação” preenchendo, mesmo temporariamente, o vazio que por vezes era sanado com a fé, possibilita uma reconfiguração dos territórios sagrados dentro de um pensar mercadológico em meio as ranhuras que essa mudança pode deixar.

Cito como exemplo, pensando na cidade de Juazeiro do Norte considerada por muitos a capital da fé, umromeiro que chega para fixar moradia no Cariri, com grande devoção ao padre Cícero e aos santos que fazem parte desse cenário. Como forma de agradecimento resolve colocar o nome do seu estabelecimento de artefatos religiosos com o nome do “padrinho”. A exemplo disso, teríamos a Loja de santos Padre Cícero, que por sinal vende estátuas de santos católicos para católicos e, às vezes, para pessoas da Umbanda. Após alguns anos, esse devoto do padre e da Nossa Senhora das Dores migra de religião, passando por alguma razão a não crer mais em seus divinos (santos). Agora esse ex-devoto é membro de uma determinada igreja evangélica em que (em)prega uma literal interpretação das Escrituras, no que se refere a não adoração de imagens. Essas imagens representam o lado profano-diabólico de uma *pseudofé*. Flagra-se que, sendo o seu comércio rentável, principalmente em épocas de romarias, o mesmo negociante abre concessões expressamente capitalistas para manter o seu comércio de imagens católicas. Está micronarrativa que parece ser ficcional é dada como verídica, ainda que segregada na região.

A dinamicidade da cultura e da religião, em tempos modernos, reflete diretamente na reestruturação dos territórios sagrados diante das alternativas religiosas apresentadas ao indivíduo, causando uma ruptura em diversos setores da sociedade e transformando simbolicamente o mapa da

fé em detrimento a uma cidade em vias de desenvolvimento. Carballo¹² (2010, p. 113) discorre sobre as práticas religiosas, a sociedade e as cidades modernas:

Hoy, las prácticas religiosas entran en juego como una expresión más en el sistema complejo de nuestras sociedades, inestables y cambiantes en una trama social dinámica y en plena reconstrucción, dejando de lado las certezas y evidenciando, desde otra perspectiva urbana, las grietas de la ciudad moderna.

Se há um distanciamento do divino e da fé para os que se encontram “perdidos” ou em trânsito para outras religiões, Steil e Herrera (2010, p. 386) dizem que a experiência da conversão com frequência situa os conversos num mundo repleto da presença de deuses, espíritos, demônios, anjos, energias, onde vivem como se já fossem tocados pela eternidade e tivessem entrado na economia de uma ordem sobrenatural. Mesmo com esse leque de representatividades nas crenças, mudar de religião pode ser uma tentativa de trilhar novos caminhos distintos daqueles dos quais perdera.

Reencontrar a fé em novos templos pode ser uma maneira de sobreviver a uma sociedade, atualmente mais técnica e menos emotiva em que as relações sociais e afetivas se dispersão à medida que existe um distanciamento entre os seres, sejam eles humanos ou divinos. Steil e Herrera (2010, p. 386) apontam que:

A paisagem religiosa brasileira que emerge com a diversificação do seu campo religioso aponta menos para o desencantamento do mundo e mais para a emergência de novos padrões e modos do religioso se instituir tanto no espaço público quanto na experiência dos indivíduos.

Como pensar nas territorialidades sagradas do Cariri desapegando imaginário onipresente da fé católica e das devoções dos peregrinos? Para esse feito é necessário, primeiramente, aceitar que existem outras formas devocionais distintas das consideradas hegemônicas (católicos e evangélicos). Os territórios sagrados não pertencem a uma única religião e as diversidades dos manifestos religiosos podem conviver harmoniosamente durante o ano inteiro e não apenas em momentos pontuais como o supracitado Dia da Caminhada pela Liberdade Religiosa. Longe de ser uma utopia, essa ponderação tem efeito quando seus fenômenos religiosos se apresentam em uma territorialidade agregadora de diferentes culturas.

É notório que do último censo (IBGE, 2010) para hoje temos alterações nos dados apresentados sobre as religiões na Região Metropolitana do Cariri.

¹² “Hoje, as práticas religiosas entram em cena como mais uma expressão no complexo sistema de nossas sociedades, instáveis e mutáveis em uma trama social dinâmica e em plena reconstrução, deixando de lado as certezas e evidenciando, a partir de outra perspectiva urbana, as rachaduras da cidade moderna” (CARBALLO, 2010, p. 113) em *Trilhas do Sagrado* organizado por Zeny Rosendahl.

Fotografia 5 - Fé popular e Fé institucionalizada



Fonte: acervo do autor (2019).

2.3 Religiões de matrizes africanas e a relação com territorialidade sagrada do Cariri

Se construísse um mapa das religiões distribuindo-as pelo Brasil, as religiões de matrizes africanas seriam representadas por uma grande cidade, enquanto as demais ocupariam os estados e regiões. Até porque em algumas localidades muita gente não se afirma como pertencente a uma religião afro, com medo dos preconceitos e em alguns casos até de violência física e/ou psicológica. Provavelmente, no mapa do Cariri, em que temos uma territorialidade sagrada bem expressiva predominantemente católica e evangélica, as religiões afro estariam como uma pequena cidade bem na periferia com representatividade muito tímida diante das demais.

Retomo, aqui, a ideia do templo em que a relação com o Divino ou com os Deuses carece desse “telhado” para as práticas ritualísticas (cânticos, louvores, preces, comunhão, giras¹³, “curas” entre outras). Enquanto temos a presença de templos suntuosos em uma esfera técnica como na religião católica e evangélica, nas religiões afro, como exemplo a Umbanda, esses espaços, em geral, são casas em que famílias têm uma rotina diária dos afazeres de lares comuns¹⁴.

No momento dos encontros das práticas religiosas misturam-se sagrado e profano e, após rituais prévios a esses encontros, a sala ou quarto se transforma em lugar de expressiva representatividade das práticas religiosas, trazendo a psicosfera como meio de transmutação do espaço. Portuguesez (2015, p. 34) fala que passa a fazer parte da identidade do grupo que a ele atribui poder e sacralidade. Essa consagração muitas vezes se dá de forma ritual, como forma de delimitar a área onde a(s) divindade(s) atuará(ão).

Como acontece a relação entre as religiões de matriz africana e as ditas convencionais (católicas e evangélicas) nas territorialidades sagradas do Cariri? Em um primeiro momento deveríamos ter uma região em que os credos pudessem conviver de maneira homogênea pautada no respeito pela diversidade e fé do outro, mas parece que aceitar as diferenças de crenças passa a ser uma utopia devido a necessidade de “dominação de territórios” e captação de fiéis para suas respectivas igrejas.

Nesse campo, apresentam-se “reinados” em que, de um lado, estão os católicos e evangélicos e, do outro, uma minoria de soldados das religiões que o senso de 2010 apresentou no Cariri como outros (Umbanda, Candomblé, Ifá...). Parece uma guerra entre “deuses e demônios” travestidos de pessoas na terra. Castro (2019, p. 41) expõe o conceito de demonização visto pelos segmentos católicos e evangélicos frente à religião afro-brasileira:

O conceito sobre a demonização das religiões afro-brasileiras é diferente entre católicos e evangélicos, que seguem a linha neopentecostal, visto que os primeiros não têm uma posição tão fundamentalista em caracterizar as religiões afro-brasileiras como demoníacas e seus discursos não se assentam nisso; já o discurso institucional neopentecostal está assentado principalmente na referência demoníaca à religiosidade afro-brasileira (CASTRO, 2019, p. 41).

Como posto anteriormente, no Cariri cearense ainda há uma predominância do catolicismo. Dentro desse segmento religioso, o preconceito em relação à religião afro é maior do que a relação com os evangélicos. Alguns católicos frequentam os terreiros, principalmente, quando em busca de

13 A Gira ou Jira (culto) na Umbanda é o encontro de vários espíritos que em geral se apresentam manifestos através dos médiuns.

14 No período Monárquico, a Constituição Imperial de 1824, em seu art. 5º, proclamou a religião católica como oficial, permitindo a manifestação de outras religiões apenas em local doméstico. Em outras palavras, com exceção da Igreja Católica, as outras religiões não podiam organizar-se publicamente ou em templos (Bárbara Cristina Pereira VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas – 2017, p. 5).

respostas e ajuda para algumas problemáticas sejam elas financeiras, adoecimentos, separações entre outras. Já a religião evangélica não aceita as práticas do Candomblé ou da Umbanda, por exemplo. Para esse segmento, as práticas dos terreiros são consideradas demoníacas.

A cidade de Juazeiro do Norte, considerada para o romeiro como capital da fé, tem destaque por seus terreiros que busca conviver harmoniosamente com a fé das pessoas dessa região. Mas, essa tolerância não acontece em todos os espaços da cidade e muito menos em cidades menores, principalmente aquelas em que católicos e evangélicos fervorosos não abrem espaços para outras religiões.

No Brasil e no Cariri, vem crescendo a intolerância¹⁵ religiosa e os mais perseguidos são os espaços das religiões de matriz africana. “Nos últimos anos, as religiões de matrizes africanas têm realizado uma série de atividades em combate à intolerância religiosa no Cariri e têm realizado atividades de ativismo social” (RODRIGUES, 2017, não paginado).

Fotografia 6 - Tolerância e Fé



Fonte: acervo do autor (2019).

15 A Lei Nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007 - Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa a ser comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 21 de janeiro.

Estão se tornando corriqueiras, porém preocupantes, notícias divulgadas na imprensa nacional relatando que terreiros são invadidos e as pessoas ameaçadas caso continuem com as “práticas consideradas demoníacas” em algumas comunidades. Exponho algumas manchetes de notícias que tratam da intolerância e da configuração do crime de racismo religioso em alguns municípios do Brasil:

Quadro 4 - Algumas manchetes destacando a intolerância religiosa no Brasil

Imprensa	Data	Manchete
BBC – NEWS Brasil	26 junho 2015	Intolerância religiosa leva terreiros de umbanda a reforçar segurança no Rio
Metrópoles	01/05/2019 13:08	Homens armados com foice e facão invadem terreiro no DF
O Globo - Rio	12/05/2019 20:14	Traficantes invadem terreiro de candomblé e fazem churrasco de Dia das Mães
Folha de S. Paulo	13.jan.2019 13h27	Bandidos invadem terreiro, roubam celulares e agridem babalorixá na Bahia
Portal Aprendiz Uol	17/07/2019	Terreiros são alvo de intolerância religiosa e racismo no Brasil
SETE segundos	13 maio 2019 11h35	Terreiro de candomblé é invadido e tem objetos quebrados em Maceió
em.com.br Nacional	18/08/2019 08:53	Polícia prende 'Bonde de Jesus' que atacava terreiros de umbanda e candomblé
O Globo	25/08/2019 08:00	No Rio, traficantes proíbem moradores de usar branco por remeter candomblé e umbanda
Site Miséria	24/07/2018 12:55	Conselheira de Candomblé reclama de preconceito na Região do Cariri

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Conforme apresentado na quadro 4, a intolerância religiosa paira em várias regiões do Brasil, como também, no Cariri cearense. Em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal destaca-se a criminalidade a frente das ameaças verbais e físicas contra as pessoas de terreiros (principalmente Candomblé e Umbanda).

A região do Cariri, por mais acolhedora que seja em relação as religiosidades, tem evidências de intolerância religiosa quando noticiam que alguns terreiros estão sendo invadidos tendo seus objetos quebrados e as pessoas passando por torturas psicológicas. As evidências na mídia quase não existem, por esse motivo conseguimos destacar apenas uma matéria.

Outra problemática que tem relação direta com essa intolerância é o preconceito racial por destacar, como grande parte das pessoas nas religiões afro, a população negra. Tem-se destaque em um viés político, econômico, social e cultural como afirma Pereira (2017, p. 8):

A intolerância religiosa contra integrantes de religiões de matriz africana e o racismo, enquanto desdobramentos das relações sócio-históricas do Brasil e armas ideológicas de dominação, transformam-se e adquirem novas roupagens na atualidade, sobretudo através do avanço do movimento neopentecostal nas últimas décadas. Isso não significa que ambos desvinculam-se das raízes que contribuem para sua perpetuação. Pelo contrário, a intolerância religiosa revela-se, hoje, a partir de um emaranhado político, econômico, social

e cultural que deixa claro o seu envolvimento com a questão étnico-racial, demonstrando o poder ideológico herdado dos tempos coloniais.

Dentro de um sincretismo religioso¹⁶, principalmente na Umbanda, as lojas que vendem imagens de santos, incensos, ervas entre outros produtos não são exclusivas para a religião católica e abrem suas portas para todas as religiões que fazem uso desses produtos em suas práticas, dentro ou fora dos templos. Não citei aqui a religião evangélica porque, em geral, ela não se utiliza desses objetos em suas práticas. A Bíblia é praticamente o único instrumento utilizado nos eventos evangélicos. Para Ferretti (1998, p. 183), “[...] todas as religiões são sincréticas, pois representam o resultado de grandes sínteses integrando elementos de várias procedências que formam um novo todo”. E ainda afirma que:

Costuma-se atribuir também o termo sincretismo em nosso país, quase que exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras [...] O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constituiu uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas (FERRETTI, 1998, p. 183).

Ainda pensando no sincretismo, sinalizo um feito quase ritualístico que acontece nas romarias, durante a carreato dos “veículos-alegóricos”. Os romeiros fazem todo o percurso jogando bombons para as pessoas, sendo a maior parcela crianças e adolescentes. As pessoas se preparam para esse momento chegando a uma regressão à uma infância perdida como resgate do poder brincar livremente, mesmo em nome da fé e algumas levam até sacolas para coletar os doces atirados ao ar e até mesmo oss caídos no chão.

No catolicismo tem-se as figuras dos Santos Cosme e Damião, protetores das crianças e em seu dia as pessoas distribuem doces aos pequenos perfazendo essa alusão. Na Umbanda e no Candomblé os Erês e IBEIJI¹⁷ têm como oferendas, guloseimas (doces). Especialmente na primeira, há uma relação direta à veneração de Cosme e Damião com distribuição de doces as crianças da comunidade.

Em algumas cidades da região, principalmente as menores, quando alguém pretende frequentar os terreiros precisam se deslocar para os lugares que tem maior expressividade e aceitação – citamos aqui as cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. Porém, parte dessas pessoas ao

16 Termo aplicado às religiões afro-brasileiras, como por exemplo, a Umbanda, devido à junção de diversas crenças e culturas. No Brasil colônia era proibido cultos e rituais que fossem da religião católica. Dessa maneira as pessoas, principalmente de religiões Afro, fingiam aceitar a doutrina católica trazendo para os santos as referências dos Orixás, não eliminando, assim, as práticas das suas religiosidades.

17 Erês e IBEIJI representam as crianças na Umbanda e no Candomblé. Dentro de um sincretismo podemos dizer que estão presentes nos Santos católicos Comes e Damião.

retornar às suas cidades de origem negam a participação em religiões de matriz afro, chegando a frequentar as celebrações católicas, como exemplo do mecanismo de negação.

Fecho esse período com uma reflexão que muito se assimila em rituais sacro-profano: em um templo, várias pessoas com olhares fixados para o “palco-altar” quase que em um transe hipnótico gritam, choram, e realizam práticas que possivelmente nunca imaginariam fazendo em seus espaços do cotidiano. A partir de alguns comandos de voz, o detedor do “microfone-falo-sagrado” anuncia “tá chegando a hora e quero ver todo mundo se jogando”. Nesse momento, em meio a uma histeria coletiva, as pessoas começam a cair ou se jogar no chão. Ao serem amparadas demonstram ter despertado de um sonho transcendental que as levara ao encontro com o Divino. Em meio a gritos, batidas e rituais muitas vezes sincronizados elas se refazem sem entender muito bem o que acontecera, mas em uma paz e plenitude inenarráveis. Eis a questão: estou falando de um encontro religioso católico/carismático, de um culto evangélico em “momento de cura”, de um terreiro em atividade mediúnica, ou será apenas um show de rock de uma banda muito famosa em que as pessoas transitam em um espaço quase “psicodélico”?

2.4 A cultura como elemento de expressão popular nos territórios sagrados da região metropolitana do Cariri cearense

Fotografia 7 - Sacro-profano?



Fonte: acervo do autor (2019).

As experiências vividas em um lugar podem expressar além da cultura disseminada, novas culturas, como Tuan (1983, p. 10-13) relata que “[...] a experiência implica na capacidade de

aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele [...] o espaço é experienciado quando há lugar para se mover”.

Pensando em uma esfera técnica, o Cariri cresce e se desenvolve a partir de atrativos, em geral, voltados para o turismo, centros universitários, indústrias entre outros elementos. É importante perceber como esses segmentos transformam as vidas das pessoas que residem ou que visitam esse território, que até pouco tempo era voltado mais para a sacralidade e fenômenos sobrenaturais. Promovendo, desse modo, “elos” com o divino através de humanos que tiveram a graça de uma santificação pela fé popular como é o caso do Pe. Cícero, da beata Maria de Araújo e da mártir Benigna.

Para além desses fenômenos, não posso descartar as representatividades de uma cultura local que se ramifica em vários lugares sejam elas por vias do artesanato, do conhecimento do povo e até mesmo das práticas ritualísticas em eventos festivos, sejam ligados a uma religiosidade ou apenas a tradições passadas de pais para filhos ou de comunidade a comunidade como, por exemplo, a festa dos “Karetas” na cidade de Jardim que acontece em proporções menores em relação a outras localidades.

Seria imensurável relatar as diversidades culturais presentes no Cariri, porém farei um recorte dos eventos que considero pertinentes e que se destacam com maior expressividade, e esse feito não implica em descategorizar o que não illustrei. A cultura, como colocam Rosendahl e Corrêa (2010, p. 13) tem uma viés abrangente e que possibilita um alcance em vários segmentos corroborando com a dinamicidade dos territórios, eles nos dizem que:

A cultura pode ser vista em uma perspectiva abrangente, abarcando inúmeros aspectos como crença, hábitos, linguagem, arte, dieta alimentar, e habilidades, ou em uma perspectiva restrita, na qual constitui os significados construídos e reconstruídos a respeito das diversas esferas da vida.

A aquisição de informações de uma geração para outra traz elementos que influenciam as novas gerações, de modo que tem em sua representatividade a continuidade dos elementos vivenciados outrora, fomentando a dinamicidade da cultura. Diante dessa premissa, Claval (2003, p. 8) relata que:

L'approche culturelle implique ensuite que l'on analyse avec soin tout ce qui a trait à l'information et à la communication: si la culture est constituée par l'ensemble de ce que les hommes acquièrent au cours de leur existence, c'est à travers les réseaux de relations auxquels ils participent¹⁸.

¹⁸ Tradução na íntegra: A abordagem cultural então implica que toda informação e comunicação tudo o que os homens adquirem no curso de sua existência é através das redes de relações nas quais participam (CLAVAl, 2003, p. 8).

Os romeiros veteranos demonstram às novas gerações que a devoção, a peregrinação e os rituais na “Terra Santa”, no caso Juazeiro do Norte, são uma maneira de não apagar a chama da fé em seus santos populares e oficiais. O chapéu de palha, as vestimentas das promessas, os ex-votos, os rituais em torno da estátua do Padre Cícero na colina do Horto (subir os degraus com pedra na cabeça) e de São Francisco, as velas na promessa de Nossa Senhora das Candeias, o banhar-se “na gruta” de Nossa Senhora de Lourdes na igreja dos Franciscanos e as penitências de modo geral fazem parte de amostra de devoção e fé. Para os romeiros, esses rituais e símbolos permitem uma conexão direta com o divino.

Mas o que de fato é considerado cultural para o povo do Cariri? Na cidade de Nova Olinda a figura emblemática de Espedito Seleiro e sua arte em couro percorre o mundo. O artesão, diplomado Mestre da Cultura Cearense em 2008, tem grande e vasta produção de objetos (sandálias, bolsas, mobiliário etc.) com características próprias que o identificam em qualquer lugar. Em 2019, “Seu Espedito Seleiro” foi ao Rio de Janeiro para ser homenageado em uma das alas da Escola de Samba, a União da Ilha do Governador. Os seus conhecimentos de artesão foram passados por seu pai e agora ele os transfere aos filhos.

É possível dizer que a sua arte faz parte da cultura local ou apenas que a sua atividade é importante, como resgate de algo que se perdeu, mas que fica restrita apenas ao monopólio familiar? No viés geoeseducacional considero que essas práticas existem por uma técnica, e muito mais por uma pedagogia própria e de processos autodidatas desenvolvidos a partir da necessidade, da afetividade e das memórias que fomentam aprender, criar e ensinar com efeitos que transcendem uma psicosfera do lugar e de suas experiências de vida.

A cultura, individual ou coletiva, pode ser considerada com uma obra que faz parte de uma regionalização em meio ao comércio familiar, mesmo não tendo uma expansão maior na cidade. Aqui faz-se um comparativo com a cidade de São Bento, no interior da Paraíba, em que grande parte da população é produtora de rede há décadas e que esse ofício é muitas vezes ensinado como maneira de manter viva a cultura local dentro de um olhar para as tradições afetivas familiares, como maneira de subsistência e sobrevivência social.

As novas gerações, independente de contexto familiar, mantêm a arte de produção artesanal desse símbolo nordestino. Enquanto ao chegar à cidade de Nova Olinda você deve procurar pelo ateliê do couro, em São Bento, as redes estão espalhadas ao longo da rodovia com características de produção não monopólica. A “materialização” da cultura pode ser vinculada a um indivíduo ou a uma coletividade, basta para isso cada ser ou coletivo apropriar-se de elementos com valor de pertencimento sobre o conhecimento.

Vinculando-se a elementos culturais em uma territorialidade sagrada, no caso do Cariri cearense, temos as procissões e festejos dos/as padroeiras. A fé e devoção de um povo destaca-se nos dias que transcorrem essas celebrações. Porém, em algumas cidades do Cariri esse momento católico é pensando dentro de uma proposta turística e com atrativos que buscam captar pessoas de outras localidades com objetivos de desenvolvimento de um lugar através da fé, e não apenas por ela quando se percebe que novos elementos se agregam aos territórios.

O ato devocional passa a dividir/disputar espaços com o shopping, espaços gastronômicos gourmetizados, trilhas ecológicas entre outras atividades que passam a configurar uma mudança na cultura local, mas não a extinguindo, apenas dinamizando-as com novas propostas, modismos e valores para além do afetivo.

A festa de Santo Antônio, na cidade de Barbalha, em que a abertura é “consagrada” com a passagem do pau que se tornará mastro da bandeira do santo, é outro elemento analisável. Sendo quase um “ato devocional”, a tradição que arrasta uma grande multidão local além de visitantes de outros estados se aglomera em meio a bebedeiras e músicas consideradas profanas para o momento, além do ritual perseguido por mulheres (denominadas solteironas) desejosas por um relacionamento afetivo-sexual, ainda que curto, ou mais logo a exemplo do casamento. Existe uma liberação do ID, posto na segunda tópica freudiana¹⁹, nesse lugar de manifestos não apenas festivos, mas de externar pulsões muitas vezes reprimidas e liberada através de substâncias como a cachaça, a cerveja entre outros.

Os dias que seguem o evento, sem o ritual do pau, têm um quantitativo muito menor frequentando a tradicional quermesse regida pela comunidade paroquial. Questiono aqui o que é tradição para os moradores e visitantes de Barbalha? A celebração do Santo ou o Pau da bandeira? Pode um festejo popular que acontece há décadas ser considerado pela população local como evento cultural sofrer alterações ou mesmo sanções devido às diretrizes da gestão pública e da instituição igreja? Durante os dias que correm podemos dizer que o SUPEREGO freia o ID e a moralidade, diante dos símbolos religiosos, transformam a dinâmica do lugar manifesto nos rituais de fé como, por exemplo, a hora do terço e da missa.

Temos aqui dois caminhos a seguir: o primeiro é se essa mudança não desestrutura emocionalmente as pessoas envolvidas causando-lhes um desconforto, por uma tradição que vem sofrendo reiteradas mudanças sociais. Volto aqui ao exemplo do pau-de-arara em Juazeiro do Norte, quando sua retirada interferiu diretamente na relação dos romeiros com o lugar. Ou, em segundo lugar, se as mudanças causam uma desarmonia, chegando a segregar ou marginalizar as tradições.

¹⁹ 1900/1915 – Jung elabora sua primeira teoria sobre a estrutura do aparelho psíquico – a primeira tópica freudiana (o Consciente, o Pré-consciente e o Inconsciente) e 1920/1923 – Freud reformulou sua teoria com os conceitos de Id, Ego e Superego – é a segunda tópica freudiana.

Na cidade de Jardim, os dois maiores eventos são o dia da emancipação política do município e a já mencionada festa dos Karetas, que acontece no período da Semana Santa. É visível uma profanidade em meio à sacralidade dos anúncios da quaresma. A dinamização da cultura passa pelos objetivos principais da festa dos Karetas, que tem em sua raiz a comemoração pela colheita e boa lavoura após um ano de muita chuva no Nordeste brasileiro.

Tipicamente uma festa rural ela chega à cidade com novas configurações, dando-lhe características carnavalescas como, por exemplo, mini-blocos, competições de fantasias com direito a temas específicos como a história da cidade, uma figura ilustre da região e a simbólica malhação do Judas na Semana Santa.

Essas atitudes podem causar uma segregação de classes, de religião e uma desarmonia nos processos culturais de uma determinada localidade. A religião que deveria unir passa a separar e a criar preconceitos em torno dos grupos folclóricos, devido aos manifestos que ela não procura abraçar como fenômeno cultural, “sagrado” para a população que traz as marcas das gerações passadas que encontravam nesses percursos, elementos de gratidão ao Divino. Meslin (2014, p. 303), sobre essas relações entre o humano e o divino incorporado pelas relações sociais, explica que:

Não significa que não exista nenhuma relação entre a religiosidade e os meios sociais, mas essa relação vem em segundo lugar” [...] ela opõe um discurso do homem sobre o divino – quer se trate de mitologia ou de teologia – às percepções, pouco ou absolutamente não conceitualizadas, das diversas manifestações do poder divino no mundo do homem.

A diversidade cultural nos territórios sagrados do Cariri cearense passa por um dinamismo natural devido às transformações sociais e espaciais, tanto por conceitos ou normas (pré) estabelecidos por leis e/ou instituições, sejam elas religiosas ou gestoras públicas. Muitas vezes sem considerar a relação de afeto das pessoas com os objetos perdidos ou modificados, para atender a uma sociedade que cada vez mais mergulha na esfera técnica e de modo menos afetivo em suas relações coletivas.

CAPÍTULO 3

FEÔMENOS DE UMA GEOTECNOPSICOSFERA E A INFORMALIZAÇÃO DE UMA GEOEDUCAÇÃO



“Cabe à religião formular as motivações profundas e criar aquela mística que confere a força a um povo” (BOFF, 2001, não paginado).

3 FENÔMENOS DE UMA GEOTECNOPSICOSFERA E A INFORMALIZAÇÃO DE UMA GEOEDUCAÇÃO

Quando observo o território da RMC numa perspectiva de hierofania através dos fenômenos presentes nos lugares - não apenas aqueles considerados sagrados, mas em uma dimensão ampla de pertencimento nas manifestações de cada evento que se revela ao longo da história da região pelo sagrado, profano, educacional, empresarial e desenvolvimento em seus mais diversos segmentos -, Reitero colocar que o sagrado ou suas manifestações perpassam por territórios afetivos e que carecem de uma análise subjetiva diante do todo. E, principalmente, respeitando uma coletividade que se faz presente através de ensinamentos geracionais em detrimento dos institucionalizados.

Lembrando que Eliade (2018, p. 13) conceitua *hierofania* como sendo algo sagrado manifesto e que pode se apresentar em elementos simplórios que se tornam “divinos”, a partir do poder consagrado da fé seja uma árvore, pedra ou quaisquer elementos que possam através de uma materialização representar algo que transcende a percepção humana. Percebo uma similaridade na proposta totêmica escrita por Freud, quando registra os mesmos elementos postos por Eliade como hierofânicos e para ele como totem.

Oliveira, Rocha e Aragão (2020, p. 78) apresentam o totem dentro do catolicismo como objeto de mediação ou ponte entre o ser humano-devoto e o Divino/entidade e não se limitando a esfera da materialidade, pois o totem está, possivelmente, numa projeção idealizada ou construída pelos devotos. Os autores ainda apontam que esses totens católicos “gigantes verticais”, extrapolam seus limites quando são materializados em milhares de miniaturas e que os devotos podem levá-los consigo como “amuleto” de fé representativo do totem referencial. A exemplo de Juazeiro do Norte e Crato tem-se as miniaturas-réplicas dos monumentos do Padre Cícero e de Nossa Senhora de Fátima.

Os totens dentro de um ciclo social possibilitam através de ritualidades uma aproximação e ligação direta entre o ser humano e o divino. Intrinsecamente, considero na perspectiva de uma geoeducação que esses fenômenos são transmitidos de geração para geração como ensinamentos dentro de uma oralidade, que perpetuam tanto no adquirido quanto no aprendido em eventos ritualísticos como, por exemplo, as voltas que os romeiros dão em torno da bengala da Estátua do Padre Cícero no Horto e em torno da Estátua de São Francisco no Santuário seja para agradecer, pedir bênçãos e/ou proteção. A simbologia desse movimento se renova a cada ciclo de romaria, em que os mais novos reproduzem as ações dos pais e avós na certeza de que esses ensinamentos de experiência de vida, pautados na fé, não serão vistos em livros didáticos ou em suas instituições de ensino.

Esses rituais estão muito presentes em minhas memórias afetivas. Lembro-me do ritual em torno da Estátua no Santuário dos Franciscanos como um evento lúdico. Residi, por um período na infância, muito próximo desse espaço e as romarias era nosso *playground*. O Santuário é composto arquitetonicamente por uma muralha em que as pessoas passeiam por cima do muro, chamado popularmente de “passeio das almas”. Perdia a noção do tempo observando, vibrando e gritando sempre que os motoristas dos paus-de-arara ficavam circulando pela estátua de São Francisco buzinando por sete vezes.

Já em processo da pesquisa, ao retornar a esse lugar, tive a oportunidade de revisitar memórias e emoções ao me perceber estático e atento aos rituais dos veículos. Cabe, assim, a seguinte reflexão: se para mim enquanto espectador senti algo que outrora era um brincar e hoje vem como uma emoção pelo respeito e percepção mais aguçada da fé daquelas pessoas, imagino para os romeiros que têm nesses ritos um momento “nirvana” em um som quase que hipnótico das buzinas. Abro, aqui, um espaço para que cada leitor/a possa revisitar suas memórias afetivas a partir dessa descrição, conforme me permiti.

Fotografia 8 - Santuário de São Francisco – “Totem” e Passeio das almas



Fonte: acervo do autor (2019).

Conectando-me a uma geoeducação informalizada: quem ensina e quem aprende nesse momento? Tenho a consciência que aprendi com a observação e sentimento de pertencimento de um lugar afetivo, e os que fazem parte dos rituais aprenderam com gerações passadas e ensinam a

importância de se manter essas tradições para que a fé permaneça viva em cada um/a, como recurso de suportar as intempéries da vida (seja representada por pecados, punições ou por conquistas, curas e bênçãos).

A oralidade é um dos caminhos para esse saber e reprodução, haja visto que não existe nenhum escrito instruindo a ritualidade em torno da estátua. Parafraseando Saviani (2020, p. 95) e Reis Filho (1995, p. 68), transporto para cá fragmentos da Pedagogia do Método Intuitivo (institucionalizado na Primeira República) saindo do campo escolar para os territórios do Cariri cearense, em que a observação e percepção a partir de um olhar sensível sobre os rituais promovem um nível de pertencimento e aprendizado que torna essencial a reprodução como maneira de imortalizar elementos de fé e de alcance ao Divino.

Afirmo que esse processo de ensino-aprendizagem formal é resultado de geoeducação atemporal e espacial, que remonta os primeiros passos do ensinamento adquirido por uma oralidade permitindo a sabedoria e conhecimento essencialmente vivido nas experiências tribais e passada como lema de vida de geração a geração. Sendo hoje, percebido nos territórios sagrados da RMC através da ritualidade dos romeiros e não podendo anular os ensinamentos das mulheres religiosas e com espiritualidade voltada para a cura, principalmente pela fala, a partir de uma fé agregada ao saber e a sensibilidade de cuidar e curar.

A tentativa de formalizar e conceituar esse saber nos bancos da academia pode ser frustrante, porque a vivência e sentimento de pertencimento não podem ser ilustrados em livros, tecnologias em “nuvens” ou redes sociais. Essa institucionalização, possibilita toda uma construção e discussão conceitual de uma cultura que pertence mais ao campo das emoções e de conexões entre gerações do engessamento e aprisionamento por teóricos, que insistem em nomenclaturar a simplicidade das narrativas vividas e experienciadas.

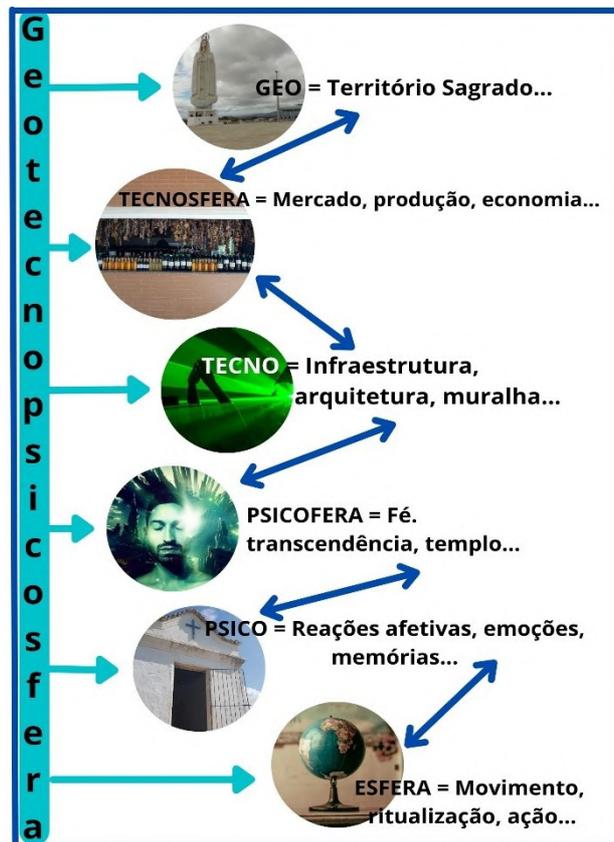
Não por acaso, Tuan (1980, p. 107) pontua o conceito de topofilia como espaço subjetivo e vivido nas experiências e relações afetivas entre o homem e o meio ambiente. Não diferentemente das relações presentes na territorialidade da RMC, frente as experiências geotecnopsicosféricas do lugar representadas por fenômenos materiais ou físicos, quanto a sua dimensão espacial e limítrofe posta por convenções sociopolíticas e econômicas e por fenômenos manifestos pelas vivências individuais, coletivas e entrelaçadas por uma geoemoção das afetividades experienciadas por uma hierofania essencialmente minada nesse território. Tuan ainda nos faz refletir sobre essa ótica, quando nos fala sobre essas experiências:|

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o

ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Para Demétrio e Barbosa (2016, p. 35-36), “[...] a topofilia não é a emoção humana mais forte, porém pode tornar-se irresistível, quando o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo a possuir representatividade para a sua vida”. A figura 4 dialoga com o exposto materializando o conceito de Geotecnopsicosfera, elucidando uma das diversas aplicabilidades no uso do termo agregando diversas áreas do conhecimento, e demonstrando que a subjetividade presente nos lugares nos autoriza a refletir sobre todo o dinamismo sociocultural, geográfico e psicológico, circundante numa topofilia viva na RMC.

Figura 4 - Aplicabilidade da Geotecnopsicosfera



Fonte: elaborada pelo autor (2021).

3.1 Psicosfera e transcendência: racionalização e a irracionalidade em rituais nos territórios sagrados do Cariri

Que manejos de uma religiosidade popular podem ser explorados ou pensados na perspectiva de uma psicosfera posta na emoção, sensação e experiências de vida frente a elos que se desvinculam do ser humano e transcendem a uma espiritualidade enigmática da racionalidade social e da tecnologia do século XXI?

A pesquisadora Santos (2006, p. 66-74) reflete sobre a transcendência do estritamente religioso, e em como a espiritualidade está mais para o campo interior do indivíduo do que para uma exteriorização social. Ela coloca que essa espiritualidade está ligada a qualidade de vida e não apenas a institucionalização religiosa, dentro dos moldes concretados por dogmas. E que a tecnologia por mais próxima que esteja das comunidades religiosas tradicionais não as substituirão por se tratar de um espaço virtual, bem como a presença física para as benzas e ritualidades religiosas e/ou espirituais carecem de pontos sensoriais. Pontos esses que se apresentam através do toque, de materiais palpáveis, do olhar para elementos sagrados que concretizam uma proximidade com o divino e caminhos para fenômenos intrínsecos a subjetividade do sujeito.

Estamos na era da tecnologia digital, que vem se consolidando exponencialmente em nosso habitat de moradia e trabalho chegando, também, ao campo religioso. Solidifico “em um soar” a ideia que elementos tecnológicos dentro uma racionalidade científica cria possibilidades numa perspectiva não substitutiva do real, mas que interliga fenômenos culturais ritualísticos com uma transcendência apresentada por elementos técnicos, do mais simplório ao mais complexo. A saber: caixas de som e um microfone que ecoa a voz do padre durante a missa campal nas romarias, principalmente de finados com alcance à cerca de 800 mil pessoas, na missa da cura dentro de um estádio de futebol chegando aos ouvidos, ao coração e a “alma” como se em um transe em vozes vindas da acústica eletrônica. E que sem esses instrumentos, possivelmente, poucas pessoas conseguiriam ouvir e sentir o momento de louvor e de graça proferida por líderes religiosos.

É importante destacar as procissões dos/as padroeiros/as dos municípios da RMC, como a exemplo de Nossa Senhora das Candeias (Juazeiro do Norte) que além dos instrumentos técnicos é preciso citar o veículo alegorizado (Carro Andor), que conduz o Andor da Santa em substituição aos ombros dos fiéis que outrora o carregava como maneira de agradecer e se aproximar o máximo possível da “mãe” Santificada. Fenômeno que se repete em muitas procissões como de São Sebastião, em Nova Olinda e São José, em Missão Velha entre outras.

Como ficam para as pessoas que conduziam as imagens sagradas, desses seres divinos? Que efeito emocional pode ter causado? O não tocar e não “suportar” mais a dor da leveza da fé? No caso

de Senhora Candeias (romaria das Candeias) ou da Mãe das Dores, em Juazeiro do Norte, um corredor é criado para que o carro andor passe pelo meio da multidão ao entrar no espaço da Basílica Menor distanciando ainda mais o contato ou o toque, que é tão importante para as pessoas. Resta apenas avistar e louvar a sua fé de longe, como o destaque em escola de samba, que é para ser visto e não tocado.

Essencialmente um dos elementos mais importantes na romaria das Candeias era a lamparina (candeeiro para o nordestino), que aos poucos foi substituído pela vela de parafina. É perceptível que o fenômeno de elementos técnicos chega para as novas gerações até na ritualidade no uso da vela. Mas se o que importa de fato é a “luz” essa pode se manifestar nas telas dos celulares e em casos mais específicos em velas eletrônicas. Aos/as adeptos/as a esse formato colocam que elas além de não apagarem no percurso não colocam riscos as pessoas que as manipulam, pois a “chama não queima”.

Fotografia 9 - Romarias: do candeeiro, ao led e ao celular como elementos de “luz”



Fonte: acervo do autor (2019).

Esse modelo de movimento festivo religioso se apresenta cada vez mais nas festividades da RMC, buscando manter a tradição dos rituais, porém abrindo-se para o novo. Com isso, coloca e destaca, por exemplo, o show pirotécnico no final das festas das/as padroeiros que saem do modo convencional para o uso da tecnologia seja em seu acionamento, seja em seus malabares no alto das torres das igrejas. Levando os/as participantes a um êxtase transcendental. Essa transcendência está

posta na fé e nos fenômenos que regem as festas religiosas, as profanas e a momentos de um grande encontro consigo mesmo, tanto no território desses manifestos quanto nos efeitos de prazer psíquicos e corpóreos alcançados por algo que dificilmente poderemos registrar em texto.

É a essência que está numa subjetividade e de um encontro muito mais com os desejos do que com o “Ser Divino”, mas materializado nesses instrumentos presentes nesses espaços. Boff (2000, p. 8) fala que transcender é superar limites num processo de violação dos interditos para projetar-se no mais além.

A transcendência está manifestada nos eventos culturais elencados nos fenômenos presentes nos territórios da RMC como, por exemplo, nas romarias e procissões, na caminhada pela diversidade religiosa e nos rituais dos terreiros de matriz africana, nos templos evangélicos, nos passes em centros espíritas. E não mais diferentes que toda a ritualidade transcendente de maneira individual e coletiva na festa dos Karetas em Jardim; na vaquejada de Missão Velha, Farias Brito e Juazeiro do Norte e carnavais do mela-mela no distrito do Caldas (Barbalha); bem como na ritualidade do Pau da bandeira de Santo Antônio em Barbalha; no frio da Serra de São Pedro em noite de quermesse, na trilha do Pontal da Santa Cruz e nos fósseis no museu de Paleontologia em Santana do Cariri; também no Pontal do Padre Cícero em Farias Brito; na estátua de Nossa Senhora de Fátima em Crato e na famosa Exposição Agropecuária com seus diversos atrativos; na arte em couro do seu Espedito Seleiro e no Projeto Casa Grande que acolhe crianças em um processo educacional e cultural e nos festejos de São Sebastião.

Vislumbro que a transcendência analisada por Leonardo Boff está presente tanto nas experiências do cotidiano quanto numa cultura mais elaborada. Transcender está presente na subjetividade dos fenômenos hierofânicos, mesmo para aqueles que acreditam que esse fenômeno, numa visão Geotecnopsicosfera, esteja presente apenas para os que se identificam como parte de um sistema sagrado. Entretanto, a sacralidade pode ser manifestada em elementos profanos, dependendo do vínculo afetivo do sujeito. Oliveira (2019) deixa claro essa perspectiva sobre a transcendência em espaços sagrados:

A orientação ritual, desse modo, fundada por uma hierofania, possui o valor cosmogônico da construção do espaço sagrado. Em contrapartida, o espaço é homogêneo e neutro para a experiência profana, não se diferencia das outras partes que o compõem, não possui valor extraordinário. Nesse contexto, o espaço profano se opõe ao espaço sagrado, este último só é reconhecido e possui um caráter de transcendência de centro para os sujeitos que se reconhecem dentro do sistema religioso o qual pertence à classe da hierofania manifestada (OLIVEIRA, 2019, p. 88-89).

Na psicosfera - pensando no sujeito a partir do apego e da afetividade – localizo elementos que constituem os territórios sagrados numa racionalidade, para elaborar meios ou instrumentos

técnicos/físicos, perpassando por uma transcendência que cabe no campo da irracionalidade. Santos (2001, p. 96-97) reflete o território como lugar de pertencimento e identidade, vivência material e espiritual, sendo espaço usado por toda uma população. Transformando e criando elos entre a técnica e psicosfera em espaços complexos e algumas situações distintas, porém se conectando a geotecnopsicosfera, pois se apresenta como algo fluido e “não engessado”.

O apego em Bowlby (1990) é algo intrínseco ao ser humano aliado a uma afetividade, seja do meio físico das relações entre sujeitos ou de elementos que transcendem ao corpo materializado e palpável, mas que estão presentes nos territórios. A exemplo dos manifestos culturais como os Reisados em municípios da RMC, da crença nas benzedeadas e mesinheiras, das Renovações do Sagrado Coração de Jesus (RSCJ), que acontecem anualmente e que são passadas de geração a geração, seja porque um/a filho/a que constituiu matrimônio, concretizando a sua casa e agora tendo que realizar a entronização²⁰ do RSCJ ou por morte dos pais em que a família deve seguir com essa tradição, como maneira de manter um elo de afetividade e perpetuação de sua fé.

Volvey (2004, p. 10) corrobora nos mostrando que a identidade do sujeito está intimamente ligada ao espaço, e como o apego define uma dimensão espacial do meio para o desenvolvimento de uma autoimagem na representação de si mesmo. Isso significa que mesmo com a apropriação das renovações, como maneira de manter um elo com as tradições, memórias afetivas e familiares, o “eu” configura uma transcendência que aparentemente é coletiva, mas que de fato é algo totalmente individualizada.

Dessa maneira, proponho pensar uma territorialidade completa numa subjetividade desde que para esse sujeito o sagrado esteja não apenas no campo da espiritualidade, mas no lugar da afetividade que o leva a realização de objetivos de vida, de lapidar as suas experiências pessoais e coletivas. E ao mesmo tempo fazer parte de um coletivo que proporciona através de rituais a transcendência, a partir do que lhe é considerado fundamental para a sua essência enquanto ser participante desses territórios navegando entre o sagrado e o profano.

Oliveira (2019, p. 178) fala que essa transcendência constitui um sistema de crença, contribuindo para que o sujeito tenha uma conexão ou proximidade com o divino numa afetividade entre os sujeitos. Essa conexão permite à coletividade promover eventos ritualísticos que fortalecem a existência do “Ser” em seus diversos modelos que perpassam da psique para o físico, como manifesto de dor e prazer. Cito aqui o autoflagelo dos penitentes no município de Barbalha (prática que não acontece mais), Rossetti e Munhoz (2017, p. 89) nos apresentam esses penitentes:

20 É a primeira vez em que a Renovação do Sagrado Coração de Jesus acontece em uma residência. Existe uma ritualidade própria para esse momento. Em geral realizada por pessoas que “tiram a renovação” rezadeiras ou por alguém da igreja como por exemplo o padre da Comunidade. A partir da Entronização a RSCJ passa a acontecer anualmente e geralmente na data de aniversário de casamento.

Na cidade de Barbalha, localizada no sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil, pessoas comuns realizam rituais religiosos de autoflagelo do corpo, assumindo por meio de seus gestos, vestes, instrumentos e cantos uma conduta religiosa de autossacrifício. São pessoas geralmente ágrafas que herdaram essa tradição do pai e do avô passada pela oralidade ou foram influenciadas pela cultura popular religiosa local. Em Barbalha ainda existem dois grupos isolados, um no Sítio Lagoa e outro no Sítio Cabeceiras, que lutam para manter esta tradição cultural religiosa que está morrendo pois os jovens da comunidade não se propõem a dar sequência aos rituais. Esse ritual é uma manifestação de religiosidade do catolicismo popular e não tem apoio da Igreja católica oficial. Trata-se de um tipo de manifestação religiosa muito antiga e remonta ao período medieval.

A busca por essa transcendência, a partir dos penitentes, me faz refletir em Carl Jung (2000) sobre o inconsciente individual e sobre o inconsciente coletivo. Este último, quando focado nas experiências vividas por uma ancestralidade e que aparece, hoje, intrinsecamente nas relações comunitárias como algo não apreendido, mas que faz parte da vida dessas pessoas de maneira quase que natural. Haja visto que em grupo há um fortalecimento das crenças, dos costumes e uma libertação do “eu” (frustrações, inseguranças, dúvidas) para o coletivo absorver a essência de cada um/a e transformar em algo maior com uma força que possibilita conexões com o divino.

Essa conexão pode ser simbolizada com o autoflagelo, principalmente na Semana Santa cria-se um caminho direto ao encontro com os deuses ou Deus, a depender da religião, na tentativa de uma proximidade visceral através da dor e da fé. Para alguns a dor, no caso do cristianismo, é como se estivesse incorporando o próprio Cristo para “salvar” a humanidade ou a purificação dos seus pecados em uma transcendência, que a “alma se desloca” do corpo físico em meio a um transe silencia(dor). Jung (2000, p. 53) conceitua o inconsciente coletivo mostrando algumas diferenças do inconsciente individual:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos.

Jung (2000) aponta ainda a existência da técnica que representa fenômenos místicos em rituais no contexto mágico para uma transcendência. A técnica aparece, para efeito psíquico, na tentativa de atingir os objetivos individuais e coletivos como, por exemplo, a meditação, ioga, o passe, o cântico/som, a dança, o toque, o banho, a comunhão, genuflexão entre outros. Lembrando que esse sujeito em sua individualidade não é um ser manifesto de destaque para a sociedade. Pois, o

lúdico expressa, mesmo na descrença, atrativos que se justificam muitas vezes em fenômenos culturais/tradicionais de determinadas comunidades.

Vislumbro, aqui, o patamar da espetacularização “carnavalesca” dos ritos que eram fechados as comunidades as quais pertenciam. E agora vão às ruas como manifesto de sobrevivência em uma sociedade cada vez mais tecnológica e distante das práticas espirituais, ou até mesmo “artesanais”. Porém, não significa que a transcendência deixa de existir, ela apenas se transforma e se adapta aos tempos modernos. Vejo nitidamente o transe em pessoas diante do celular, do computador e da “transcendência” nas projeções cinematográficas de 3D a 8D, criando uma territorialidade (nova), agora em rede.

3.2 Corpo e mente na “materialização da cura”

A sociedade “civilizada” enfrenta grandes desafios que faz refletir como está, hoje, o mal-estar na civilização e sobre o futuro de uma ilusão pensada por Freud (1927-1931) e o que nos cabe para lidar com as intempéries do mundo pós-moderno. Será que conseguimos conquistar a tão ilusória felicidade e liberdade corporal imposta, ora por uma sociedade moralista, ora por religiões que se “apropriam” das almas dos pecadores terrenos? Nas ilusões, em Freud, o pecado não é imposto pelos homens e, sim, por Deus que culturalmente tira de nós a responsabilidade do julgo.

Tanto esse “mal-estar” quanto essa “ilusão” que limita tanto o pensamento quanto as nossas falas, sejam em pequenas situações do dia a dia ou em situações mais complexas de nossas vidas, abrem vertentes para processos de adoecimentos aparentemente físicos, mas com grandes vieses psicológicos e sociais. Nessa perspectiva, a Organização Mundial de Saúde (1945) propõe o conceito de saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade”.

Pensar na qualidade de vida e promoção à saúde do sujeito também está no campo da religiosidade em que suas crenças devem ser valorizadas como instrumentos e caminhos que os levam a cura ou a um bem-estar mesmo que temporariamente, principalmente nos casos diagnosticados pela ciência convencional como moribundo em finitude. Por esse motivo, a importância da fala como possível recurso de identificação da raiz de determinadas patologias, principalmente as consideradas doenças psicossomáticas²¹.

A fala dentro de um processo psicanalítico ajuda ao sujeito a encontrar as suas “enfermidades” psíquicas e sociais. Mesmo a fala livre em ciclos sociais contribui preventivamente

21 “O conceito de Medicina Psicossomática está associado à Patologia geral e à vida psíquica consciente e inconsciente” (MAC FADDEN, 2000 p. 15).

para a saúde psicossocial, evitando riscos de doenças psicossomáticas. O meio pode contribuir diretamente tanto com processos de adoecimentos quanto de cura, cabe a cada um/a encontrar os caminhos para ressignificação dos seus problemas.

Para Hisada (2003, p. 4), a comunicação verbal é importante, porém para acessar o simbólico a palavra não é o único caminho e que a comunicação sensorial pode também nos levar a esse acesso. Como cita a autora, também observo esse processo por ruídos abdominais, tensão muscular, respiração entre outros manifestos representativos pelo corpo como maneira perceber os sintomas.

Nesse sentido, o que dizer para os/as devotos/as da Beata Benigna em Santana do Cariri, que choram em agradecimento e por felicidade daquela “dor no peito” que desapareceu indicando que não é um possível problema cardiovascular? Milagre? Para esse sujeito pode ser que sim e o fenômeno “de cura” materializa-se quando um coração de madeira ou gesso é entregue na sala dos ex-votos no memorial “da menina Santa”. O “não dito” e “não sentido” por esse sujeito, não analisado ou questionado, surge como manifesto de externar os seus problemas pessoais sejam de hoje ou dentro do seu processo de desenvolvimento humano, na infância, que se manifesta na fase adulta e aparece como fenômeno físico da dor.

Quantos dos ex-votos são ofertados no município de Juazeiro do Norte e em Santana do Cariri em agradecimento ao Padre Cícero e a Beata Benigna, por cura de enfermidades aparentemente físicas, mas de cunho psicológico manifestos advindos de culpas conscientes ou inconscientes, como punições divinas. Sublinho esses dois, porque nos demais municípios não encontrei espaços específicos em que as pessoas depositam seus ex-votos.

A fé e as orações são componentes importantes nos processos de cura para muitos peregrinos e residentes na RMC. As dores que não saem pela verbalização podem sair simbolicamente pelo corpo, e esses manifestos vistos como patologias para a medicina convencional ou como psicossomática na perspectiva da psicanálise nos dizem muito à respeito desse sujeito e de suas crenças. As questões psicossociais e geográficas podem estar presentes nesses processos de adoecimento e a materialização da cura se destaca simbolicamente nas vestimentas, nas fotografias, nos desenhos, nas cartas e como já dito nas partes do corpo ou órgãos específicos feitos por artesãos ou até pelas mãos do próprio enfermo.

A sacralidade presente em um território pode ser uma grande aliada aos peregrinos que buscam através de elementos que o constituem alívio dos males do corpo, da mente e do espírito. Diante do exposto, Guimarães, Pickenhayn e Lima (2014, p. 19) falam que uma visão mais subjetiva está presente quando se percebe numa concepção psicofísica fatores mentais e que saúde é um campo que interliga a psique e a soma influenciando no bem-estar dos sujeitos. Os autores ainda destacam que as relações saúde e sociedade estão no campo de uma nova perspectiva da Geografia

da Saúde e direcionada para uma Geografia aplicada e associada a Sociologia Médica, a Economia do Bem-estar entre outras áreas, que agregam esse fazer ciência respeitando a cultura desses lugares e que se torna divergente da tradicional Geografia Médica Ecológica (voltada mais para a ciência biomédica e associada a cartografia).

A Geografia da Saúde deve compor a rede das ciências que buscam promover um bem-estar para a sociedade. Sociedade que está em processo de adoecimentos psicofísicos e que valoriza os ritos impressos na cultura de uma religiosidade popular, que podem promover uma melhora social seja de maneira coletiva ou individual. Possibilitando, dessa maneira, que através dos manifestos de fé sejam criados degraus para alcançar os desejos conscientes e inconscientes daqueles que buscam a cura por males fisiológicos, e que podem estar mais associados a fenômenos psicológicos. Causando dessa maneira o fortalecimento da crença que transcende a dor do corpo humano, e passa a configurar e “materializar” uma ponte entre o palpável e o sobrenatural.

A Ciência não pode negar os diferentes manifestos de fé, mas buscar dentro de práticas complementares se alinhar a diversidade religiosa. Essa diversidade como processo de resistência ao longo dos séculos abraça um sincretismo que surge como forma de sobrevivência de toda uma cultura em torno das benzas frente a medicina oficial e popular, como destacam Föetsch e Roiek (2021, p. 67):

Esse sincretismo funde-se a uma medicina também popular, que funciona paralelo ao sistema médico oficial, é leiga, terapêutica, homeopática e de conhecimento empírico. Suas intercessões são desprovidas de comprovação científica, destarte, são sacralizadas pela fé. É por nós percebida como expressão de resistência na medida em que confronta não só a medicina formal como também as políticas públicas e institucionais que não dão conta de compreender sua essência, que ao diminuir sua relevância a reduzem ao grau da insignificância, do folclorismo, da descrença e até do charlatanismo.

Muitas vezes, para agradecer por curas de enfermidades que causavam dores e desconfortos, outros machucados surgem quando, por exemplo, os joelhos dos devotos sagram quando andam ajoelhados e com pedras na cabeça, com objetos que representam as suas curas como crucifixos entre outros símbolos. Contudo, essa dor que acontece no momento ritualístico transcende de tal maneira que “desaparece” e as cicatrizes representam “ex-votos”, marcados em seus próprios corpos como tatuagens que perpetuam a lembrança do sacrifício como presente ao divino por ter concedido a graça da cura e da vida.

Como seres sociáveis e que têm a necessidade da convivência coletiva, o sujeito busca forças nas palavras e nos rituais promovidos por pessoas que de alguma maneira lhes são conferidas o “dom da cura” e a sabedora de acolher a dor do outro. Sejam dores físicas, emocionais e às vezes “sociais”. Para muitas pessoas esses “seres de luz” (sejam líderes espirituais ou benzedeiras) representam um

elo direto entre o seu ser com o divino, e que através das suas práticas de benzeção a cura certamente acontece mais rapidamente. Visto que, esses sujeitos recebem a dádiva de conversar, mesmo que por sonhos e vozes, sensações que representam essa conexão com seres dentro de uma divindade e que estão manifestos e/ou representados nos territórios sagrados para ajudar a sociedade em seus mais diversos conflitos de vida.

Para muitos dos devotos, a terminologia “doença da alma” é mais próxima do que a psicossomática. Eu, enquanto geógrafo na perspectiva humanista e da saúde, não devo intervir na desconstrução dos termos que cabem a cada grupo ou sujeito, mas apenas refletir sobre em que lugar geoemocional, psíquico e técnico esses fenômenos se manifestam. Destacando que para ritualidades devocionais em busca da cura existem técnicas inerentes a cada pessoa que atua diretamente nos processos de acolhimento, cita-se as benzezeiras.

3.3 “A cura pela fé”: o papel benzezeiras como símbolo de resistência

Na territorialidade sagrada da RMC ressalto um dos ofícios mais antigos da civilização em relação a processos de adoecimentos e curas. Prática milenar que já foi considerada bruxaria pela Igreja Católica no período da inquisição. A arte do benzimento repassada de geração a geração como resistência de uma cultura de sabedoria popular e devoção ao sagrado. Em geral, são mulheres que carregam consigo o dom da reza num processo de cura por praticamente toda a sua existência. Malheiro (2021, p. 31-32) destaca quem são essas mulheres com papel significante e respeitado em suas comunidades:

São mulheres queridas pela comunidade, que passam as suas vidas inteiras dedicadas a cuidar de suas famílias e dos necessitados de uma palavra, de uma oração e de um benzimento. Algumas são chamadas de mãe perante a comunidade, pois sua função materna em acolher a dor e sofrimento do outro lhes confere respeito, admiração e crença em suas palavras de cura. Mulheres empoderadas, firmes e que, mesmo aquelas sem letramento, sabem fazer uso das palavras para confortar e aconselhar.

O ofício das benzezeiras, principalmente no interior e no campo, é fundamental para a sobrevivência de uma cultura que envolve saúde e fé. Nascimento (2014) relata a falta de líderes religiosos e de profissionais da saúde em determinados lugares como, por exemplo, em alguns municípios da RMC, no século XX. E provavelmente após a morte do Padre Cícero em que muitos devotos chegavam à região e careciam dessa assistência, encontram na participação dessas mulheres uma expressividade de fé, acolhimento e possíveis curas através de ritos de benzeção.

Com a moderna tecnologia farmacêutica apresentando uma infinidade de possibilidades, em medicamentos, para diversas patologias até para as “doenças da alma”, com o crescente número de

espaços religiosos e com a medicina e suas diversas especialidades está cada vez mais difícil a preservação da cultura das benzedadeiras. Sem levar em conta que as novas gerações não têm tanto interesse em seguir os passos dessas mulheres, que dedicam a sua vida para ajudar através das rezas e da manipulação das plantas aqueles que as procuram.

Oliveira, Malheiro e Pinho (2020, p. 226) falam sobre a importância do papel das benzedadeiras fixando manifesto de resistência e como agentes culturais, em que seu ofício vai além dos ritos de benzer para curar. São responsáveis em manter viva tradições antigas e memórias de uma identidade cultural de determinadas sociedades. O fenômeno das benzas está presente em praticamente todas as regiões do Brasil. E em cada lugar as benzedadeiras carregam traços da ancestralidade cultural de suas regiões como, por exemplo, as benzedadeiras da RMC que traçam na força da fé a essência familiar, em sua grande maioria, quando que suas mães e avós que passaram para elas o ofício da reza.

As benzedadeiras agregam as suas narrativas o saber das “plantas que curam” ou plantas medicinais. A “alquimia das ervas” possibilita à essas mulheres maiores benefícios aos tratamentos das pessoas que as procuram. Não apenas conhecer, mas saber manipular as plantas seja em infusões ou cozidas e ter a consciência das propriedades de cada uma para os males específicos sejam corpo, mente ou espirituais. Como corroboram Föetsch e Roiek (2021, p. 70),

Fora da casa, os quintais são repletos de plantas medicinais, arruda, guiné, tanchagem, dente de leão, alecrim, poejo e tantos outros fitoterápicos combinam-se com a perfeição e a boniteza das flores para dar à luz a um clima envolvente tecido pelo cheiro, pelos adornos e adereços aromáticos e acolhedores, um verdadeiro cardápio homeopático. Quando o espaço do pátio permite, árvores frutíferas completam o arsenal material como a laranjeira que combina a doçura da fruta com o potencial das folhas na cura para vários males. De outras árvores (jabuticabeira e goiabeira, entre tantas outras) provém os xaropes, garrafadas e chás que contribuem para um bom sono e melhoria no humor. Acrescentamos ainda o mel.

A existência, ainda hoje, das benzedadeiras nos territórios sagrados da RMC fortalece as crenças da comunidade nessas mulheres, que simbolizam os braços abertos para o acolhimento dos males enfrentados e adquiridos dos sujeitos que têm nelas a certeza de que a fé pode curar e pode afagar as dores da alma. O conforto que emana das sábias palavras e dos elementos que compõem o cenário das benzas permite a potencialização no tratamento, dentro das práticas integrativas envolvendo a medicina convencional e o dom de “de curar”.

CAPÍTULO 4

BENZA, CULTURA E SACRALIDADE RITUAL



“Agradeço muito a Deus por morar dentro da cultura que gosto” (ZULENE, 2019, comunicação verbal).

4 BENZA, CULTURA E SACRALIDADE RITUAL

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) através de edital em diversos segmentos aponta o ofício das benzedeadas no aspecto salvaguarda de bens de natureza imaterial. Essa construção vem a partir de mapeamentos sobre as benzedeadas em algumas regiões do país, a saber:

Salvaguarda de bens de natureza imaterial: Movimento dos Aprendizes da Sabedoria, de Irati (PR), pelo Mapeamento Social das Benzedeadas dos Municípios de São João do Triunfo e Rebouças do Estado do Paraná, com objetivo de resgatar e preservar as práticas milenares e tradicionais de saúde popular. Entre outubro de 2008 e novembro de 2010, foi realizado um levantamento das simpatias, orações, defumação e benzimentos, como uma estratégia de resgate e fortalecimento das práticas tradicionais culturais. O mapeamento viabilizou 20 encontros comunitários de benzedeadas, três encontros municipais, seis oficinas de mapas e dez oficinas de legendas, levando ao reconhecimento oficial das benzedeadas e a realização de políticas públicas voltadas para esse tema, como a aprovação de Lei Municipal que reconhece os detentores de ofícios tradicionais de cura e permite o livre acesso às plantas medicinais (IPHAN, 2011, não paginado).

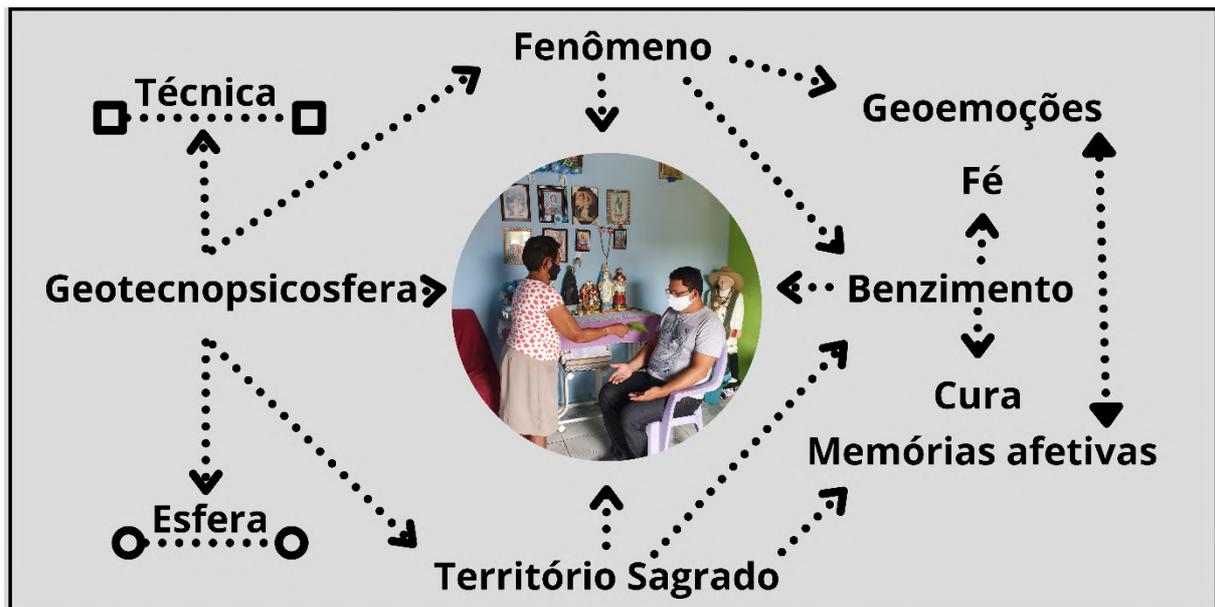
A cultura das benzedeadas, se alinha perfeitamente quando analiso a subjetividade dos fenômenos das benzas. Isso acontece quando se percebe no território a presença desses “seres-de-luz”, com uma técnica que envolve elementos e/ou instrumentos que conduzem uma ritualidade para a cura. Causando, dessa maneira, um conforto físico e psicológico para a potencialização da fé dentro de uma esfera que podemos, nesse caso, chamar de lugar. Lugar das geoemoções, das sensações e das memórias afetivas que se renovam a cada criança conduzidas por seus pais para o benzimento, pais que outrora foram benzidos, em geral é uma prática muito mais maternal.

Podemos pensar as geoemoções como lugar das memórias afetivas, das sensações e emoções experienciadas em diversos campos socioambientais como lar, templos, instituições, parques e, também, presentes nas relações interpessoais dentro de uma coletividade dinamizadora na construção das relações afetivas com o meio social.

Esse movimento ritualístico das benzas proporciona uma fluidez nos processos de cura pela fé, transcendendo pela palavra dita e muitas vezes não entendida pelos/as clientes. Para eles/as o que importa mesmo é saber que a verbalização está em sintonia com o Divino e por esse motivo não precisa ser compreendida, pois faz parte da magia da cura e o ato de benzer não precisa ser explicado apenas sentido e vivido nos processos de melhoras das causas apontadas para as benzedeadas.

Apresento na figura 5 uma fluidez a partir da Geotecnopsicosfera, em que os fenômenos se manifestam na ritualidade das benzas possibilitando um movimento entre a razão e o inconsciente a partir das geoemoções, fé e cura.

Figura 5 - Simbologia Geotecnopsicosfera das benzas



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Quando proponho um pensar sobre os fenômenos das benzas, principalmente nos territórios sagrados da RMC, não posso deixar de refletir sobre as inter-relações e dicotomias existentes entre a medicina popular e a medicina convencional. De um lado, o saber adquirido “espontaneamente” ou transmitido por seus/as antepassados em narrativas livres, cita-se as benzedeiras, e do outro lado, a Saúde institucionalizada posta pela Ciência como, por exemplo: a medicina, enfermagem, fisioterapia entre outras. Será possível que em pleno século XXI podemos agregar saberes de profissionais da saúde formal e das benzas como “atos” de cura? Seja num processo preventivo ou de cura? O Sistema Único de Saúde (SUS) a algumas décadas vem discutindo sobre essa integralidade, em um presente remoto como práticas alternativas e hoje mais conhecidas como Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

Desde a década de 1970, no Brasil, algumas práticas estão sendo introduzidas ao SUS. Ainda hoje, temos uma grande resistência por parte de alguns profissionais da saúde para aceitar as PICS, em razão de um ceticismo quase que “dogmático-científico” descreditando o saber e a cultura popular das benzedeiras, mesinheiras, reikianos entre outros. Já em relação aos que validam esses processos de integralidade, Andrade *et al.* (2021, p. 8) falam que “os que acreditam nas possibilidades de desenvolvimento das PICs e na incorporação de benzedeiras nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e hospitais, apontam o aspecto emocional e a subjetividade como fatores que influenciam em sua eficácia”.

Parte dos profissionais de saúde atuantes, principalmente no SUS, carecem despertar uma sensibilidade pelas práticas que fazem parte das comunidades. Às vezes, muito antes da chegada

desses profissionais, a benzedeira compõe esses territórios e a sua pessoa tem grandes influências e tomadas de decisões, que estão muitas vezes para além do ofício da reza. As suas interações sociais podem até definir a vida política, social e pessoal dos sujeitos que estão nesses cenários.

Diante do Projeto de Lei n.º 2.821, de 2019, o Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica criada a Política Nacional Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PNPIC, compreendida como um conjunto de diretrizes que conforma um modelo de organização e atuação, preconizado para a atenção integral por meio das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no País, que se constitui como instrumento para orientar as ações direcionadas à produção de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PICS em todos os níveis de atenção à saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS (BRASIL, 2019, não paginado.).

O Art. 3º do Decreto nº 2.821/2019 determina que “as PICS são compostas por Racionalidades em Saúde, recursos terapêuticos e práticas de cuidado que atuam para o cuidado integral dos indivíduos e comunidades”, como vemos no quadro 3:

Quadro 5 - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)

PICS – SUS/BRASIL/2019
Apiterapia
Aromaterapia
Arteterapia
Ayurveda
Biodança
Bioenergética
Constelação familiar
Cromoterapia
Dança circular
Geoterapia
Hipnoterapia
Homeopatia
Imposição de mãos
Medicina antroposófica e Antroposofia aplicada à saúde
Acupuntura/ medicina tradicional chinesa
Meditação
Musicoterapia
Naturopatia
Osteopatia
Ozonioterapia
Plantas medicinais e fitoterapia
Quiropraxia
Reflexologia
Reiki
Shantala
Terapia comunitária integrativa
Terapia de florais
Termalismo social e crenoterapia
Yoga
Outras possam instituídas pelo MS

Fonte: adaptada pelo autor com base em Brasil (2019).

Convido-os a perceber que no quadro 5 não está descrito explicitamente a palavra benzeadeira/curandeira/rezadeira, é algo que ainda precisa ser discutido. Mesmo assim, vale citar que na região metropolitana de Fortaleza-CE, alguns Programas Saúde da Família (PSFs) acolhem muito bem a figura da benzeadeira. E dão espaço para que as suas práticas ritualísticas e de fé possam, dentro de um processo integrador, atuar em parceria com as equipes multiprofissionais da saúde. Dessa maneira, respeitam a cultura local uma vez que para a comunidade essas mulheres são consideradas pessoas com um conhecimento grandioso, seja pelas manipulações das ervas seja pelo “dom da fala curativa”, rezas ou benzimentos.

Ajustar nos territórios sagrados da RMC espaços para a continuidade da cultura das benzeadeiras é algo que não tem muita discussão e muito menos interesse, principalmente pelos profissionais que estão à frente da saúde convencional. Esse desinteresse pode estar atrelado a descrença ou porque não querem “enfrentar” os profissionais da saúde em um “cabo-de-guerra”, que sabemos qual lado é o mais forte diante da institucionalização do saber.

Foram investigadas benzeadeiras nos nove municípios que compõem a RMC. Pelo número pequeno de mulheres que rezam, optei em conversar/entrevistar apenas com uma de cada município. Levando em conta que algumas comunidades falaram apenas de uma pessoa e as demais já haviam morrido, parte delas idosas. A exemplo de Nova Olinda, em que os profissionais buscando ajuda nos informaram da existência de apenas uma benzeadeira muito conhecida na cidade, do mesmo modo ocorreu em Santana do Cariri. Em Jardim, a mais velha delas faleceu com 103 anos idade e meses antes de iniciar as pesquisas, antecedendo a tese. Ainda em Jardim, com a segunda “mais famosa” não consegui passar da pergunta inicial (qual seu nome?), pois ela não lembrava de praticamente nada (mal de Alzheimer²²). Tanto em Farias Brito quanto Missão Velhas, fui a zona rural e o distrito com cerca de 20km da sede do município para o encontro com as benzeadeiras. As demais destacarei suas trajetórias mais à frente no texto.

Consolidando a afirmativa observacional que tive ao me deparar com a dificuldade de encontrar benzeadeiras e aproveitando para perguntar a todas se conheciam mulheres benzeadeiras em seus respectivos municípios, e o que fazer para manter a tradição das benzas. Foram unânimes, a exemplo das respostas de D. Maria: *“já conheci a muito tempo, as que não foram embora morreram de velhice; as meninas novas não querem aprender a rezar porque é muita dedicação, de vida; não*

22 “A doença de Alzheimer é uma doença degenerativa do cérebro que acomete pessoas com mais idade. Funções cerebrais como memória, linguagem, cálculo, comportamento são comprometidos de forma lentamente progressiva levando o paciente a uma dependência para executar suas atividades de vida diária. É um processo diferente do envelhecimento cerebral, pois ocorrem alterações patológicas no tecido cerebral como deposição de proteínas anormais e morte celular”. Disponível em: Sociedade Beneficente Israelita Brasileira (2021).

ensino para ninguém, porquê se não perco as minhas forças; tinha uma que conhecia, mas virou crente e agora não reza mais nas pessoas”.

É fundamental o maior número de registros sobre a vida dessas mulheres-benzedadeiras, para que possamos em um futuro breve termos pelo menos essas memórias e acervo cultural imortalizados em vídeos e textos. É possível que as futuras gerações não tenham contato com o ato do benzimento através de rituais, que usam simplesmente a fé como maior fenômeno de cura e elementos como a fala, a água, a vela e os ramos entre outros. Contando ainda com a falta das manipulações de ervas para banhos, para inalações, compressas ou ingerir como continuidade ao tratamento. Não que outras práticas dentro de algumas religiões esses fenômenos não estejam presentes e com tamanha eficácia nos processos de cura.

Provavelmente faltará nas memórias afetivas de toda uma geração futura, o acolhimento quase que maternal das benzedadeiras “com cheirinho de avós” e que tanto abraça e afaga as crianças como, também, aconselha e escuta numa atenção e paciência ímpar os adultos aflitos e certos que naquele espaço, em sua grande maioria, salas simples com santos nas paredes e nos altares, existe um lugar sagrado e de muita afetividade.

Como pensar os territórios sagrados da RMC sem a presença física e acolhedora das benzedadeiras? Para nós que tivemos contato com elas nos cabe perpetuar em nossas memórias afetivas relatos para as gerações futuras. Mesmo que se perca a ritualidade, nos moldes que a conhecemos, a essência que transcende nesses lugares pode ser revisitada a partir dos registros como memórias de uma cultura que aos poucos está desaparecendo nesse cenário.

(Re)perceber essa modernidade me faz refletir em Haesbaert (2017, p. 61), que o mundo contemporâneo aponta divergências entre a sua dimensão concreta e a esfera cultura simbólica. O autor ainda aponta que a modernidade pode ser vista como um movimento permanente, possibilitando rápidas substituições e enlaces entre o antigo e novo/moderno. Sendo assim, é evidente que com o movimento dessa esfera cultural novos modelos surjam se apropriando de uma tecnologia que nos permite interagir com atos de benzas através de instrumentos e nos conectando em rede, mediante a transcendência que se modula a essa pós-modernidade.

Os fenômenos geoemocionais que estão no campo da psique humana se reinventam com as benzedadeiras do futuro informatizadas. O acolhimento poderá ficar mais distantes, mas se o objetivo é a cura pela fé, ela poderá se configurar em territórios virtuais e com um raio de alcance que transcende fronteiras. As relações nos cenários das benzas configurarão novas vertentes para preservar toda uma cultura e se renovar para atingir um novo público.

Nesse sentido, todo real-simbólico presente nos territórios sagrados sucumbirá a novos fenômenos místicos e poderão ser acessados a qualquer momento e em qualquer lugar, gerando uma

dicotomia entre “as nossas benzedeadas” que rezam até o pôr do sol e a tecnologia que rompe a barreira espaço-temporal. Não posso afirmar se essa nova configuração de benza se sustentará facilmente, frente a toda uma indústria farmacêutica que promete resolver problemas físicos e mentais de maneira mais rápida com apenas algumas gotinhas ou comprimidos sem rituais e sem a necessidade da fé. Porém, em alguns casos podem experimentar de novos modos de transcendência e dependência nos levar a um encontro com nosso “eu” interior e nos fazendo crer nas “divindades” da pós-modernidade capsuladas.

4.1 “Fenômenos que curam” e o transcender nos territórios sagrados da RMC

Pensar uma religiosidade a partir da fenomenologia é investigar que fenômenos circundam os elementos religiosos e quais os caminhos podem aproximar o humano do divino, pelas vias do sagrado, seja através das missas católicas, dos cultos evangélicos, dos momentos cerimoniais nas religiões de matriz africana ou nas reuniões espíritas. Não desconsiderando também a formatação do profano presentes nesses territórios, como em uma grande parceria com o sagrado.

A fundição entre o fenômeno e a “experiência do sagrado” como aponta Piazza (1983, p. 45), está radicada no sujeito mesmo aparada por expressões exteriores como a linguagem, a sua estrutura social ficando mais ou menos nítida de acordo com questões psicológicas e intelectuais. A essência de fé, na perspectiva de uma espiritualidade individual, permite um olhar sobre os territórios sagrados como lugar de (re)encontros com as suas memórias afetivas, com os processos de ensinamentos enquanto ser social, com o (des)apego e com suas conexões com elementos do sagrado e profano em construção para o convívio num ciclo coletivo e com “instruções”, ora em dogmas e interpretações dos fenômenos ora em diretrizes institucionalizadas. E para conduzir esses processos de fé que podem levar a possíveis curas, não apenas de problemas físicos, mas, também, psicológicos, espirituais e sociais seres humanos, são postos em um “lugar” de líderes espirituais podendo se conectar com o divino, de maneira mais direta, e interceder pelos “infortunados das graças” celestiais. Sendo que alguns são considerados a própria manifestação e encarnação da divindade.

No campo terreno, tanto o sujeito em sua individualidade quanto a coletividade carecem de um Ser representativo e que tenha elementos para conduzir aqueles que o seguem como se buscassem preencher uma falta inconsciente da função materna ou paterna, só que no campo espiritual. Esses “pais” adentram de tal maneira no universo das pessoas que conseguem interferir em suas vidas de maneira geral como nas relações sociais, amorosas, financeiros e até na educação dos filhos. Essa permissividade no campo da espiritualidade é definida de acordo com as relações

entre o ser comum e o líder espiritual, que pode receber diversas nomenclaturas como destacado na tabela apoiada pelas colocações de Piazza (1983, p. 187-194):

Quadro 6 - Conceitos integrativos o Ser em Fenomenologia Religiosa

Sujeito-religioso (“homens de Deus”)	Descrição	Função
Homem religioso ou “homem de Deus”	Videntes, profetas, santos, sacerdotes, fundadores de religião entre outros.	Tem grande influência sobre os que o cercam. Tendo em suas experiências de vida e religiosa testemunhos que servem para orientar, conduzir e se auto exemplificar como referência para os fenômenos religiosos e principalmente a fé como conector ao divino.
Videntes	Fundamental na fenomenologia religiosa.	Aquele que “vê”. Em geral pessoas procuradas por determinados sujeitos e com objetivos mais específicos para sanar os infortúnios que surgem em suas vidas. Muitos líderes religiosos são considerados videntes e nesse segmento temos, também, profissionais que aliam a ciência aos fenômenos da espiritualidade, como por exemplo médicos, psicólogos, enfermeiros que são trabalham a mediunidade (como coloca o autor “videntes profissionais”).
Profetas	Para a fenomenologia religiosa são sujeitos “escolhidos por” Deus e descritos na Bíblia (como alguns do Antigo Testamento: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel entre outros).	Acredita ter recebido de Deus a permissão para falar em seu nome. Em geral são contestadores da estrutura formal da religião e nas configurações sociais pertinentes a sociedade.
Sacerdotes	A autenticidade desse sujeito na fenomenologia lhe promove ao “Ser” de guardião da religião.	Ao longo da História da Humanidade o sacerdote cumpriu diversos papéis dentro de uma sociedade e adiante da cultura de diversos povos. Passa da figura o pai, chefe, mago, oráculo, bruxos e entre outras nomenclaturas e de importância dentro da sua comunidade. O sacerdote no catolicismo está à frente das igrejas locais e apresentando o Santo Papa e simbolicamente tem o “poder” de em rituais de transformar a hóstia em carne e o vinho em Sangue do Salvador da humanidade que nos escritos sagrados afirma que voltará dos céus.
Santo	Sujeito dentro dos estudos da Fenomenologia religiosa em que sua proximidade com Deus o torna elo entre o divino e o humano promovendo a palavra em nome de Deus, abençoando e sendo instrumento de milagres.	No catolicismo a figura do “santo” está posta em sujeitos de grandes virtudes no campo social e da religião. Voltada a seguir e pregar os dogmas da igreja em nome de Deus. Podemos destacar os santos oficiais da igreja que precisam passar por processos investigados sobre possíveis milagres para legitimar os trâmites de uma futura beatificação e santificação. Como resistência frente as regras institucionais que oficialização a figura dos santos, temos os santos populares que muitas vezes são negados pela instituição eclesiástica e são nomeados santos pelos devotos, independe da formalização ou não da igreja.
Fundador	Na perspectiva da fenomenologia da religião é o sujeito elementos/características e alguns feitos muito próximos dos santos, profetas e videntes. Porém não se define como nenhum deles.	Os “rótulos” não os definem como profeta ou algo dessa natureza. Diante das suas experiências religiosas e espirituais se consideram, dentro de uma proximidade com o divino, como aqueles que podem levar os homens ao mais próximo de Deus. Sua habilidade nos processos de comunicação seja individual ou em massa e suas experiências religiosas possibilitam caminhos para novas construções de religiões ou doutrinas.

Fonte: adaptado pelo autor com base em Piazza (1983).

Refletindo sobre o quadro 6, observo que toda essa construção do sujeito e a sua relação com o divino, no século XXI, possibilita nos Territórios Sagrados de maneira geral o surgimento de “novos santos” institucionalizados ou populares, profetas e videntes (alguns fazendo até uso das tecnologias para se divulgar). Hoje, o destaque está em que e como se configuram esses “seres” diante da sociedade pós-moderna e com o surgimento de novas religiões, bem como movimentos religiosos que atraem cada vez mais um número de fiéis ou adeptos desse campo que vem se fortalecendo nas últimas décadas como, por exemplos, as neopentecostais, a carismática (no catolicismo), entre outras.

Ouso dizer que Cristo, há pouco mais de 2000 anos, foi o fundador. Hoje, a gama dessa verdade se amplia com o surgimento de muitos sujeitos que se dizem consagrados ou enviados pelo próprio Deus, para fazer com que o povo reflita a sua fé em um processo de reconstrução dos territórios sagrados. Mesmo alguns negando essa nomenclatura de fundador, pois estão atrelados a uma igreja oficial os seus projetos “transgridem” muitas vezes com as normas dessas instituições, quando não se confrontam com pensamentos mais conservadores. O medo é que o foco da fé seja tomado por um fanatismo não puramente religioso, mas por um ser específico e humano capaz de reger toda uma comunidade a partir do que lhe é autoconferido, existindo um risco do Divino ser materializado na personificação de profetas, sacerdotes rompendo um elo entre o sagrado intocável.

Nas últimas duas ou três décadas estão se firmando e expandindo a fama dos padres-cantores, dos pastores-gospel com “status” de popstar. Esse fenômeno ocupa os lugares sagrados com estruturas melagônicas, com efeitos especiais e até com direção artística de pessoas renomadas no meio do show business gerando fortunas tanto pelas vendas dos shows e até pouco tempo por vendas de discos, CDs e DVDs, hoje com a tecnologia fazem uso dos *Streamings* e caminhos em rede.

Esses líderes religiosos são tratados como verdadeiros artistas, mesmo que muitos neguem essa fama e colocam que estão apenas para levar a palavra de Deus. É criada também em nome da fé e de “arrebancar” o maior número de fiéis, sejam católicos ou evangélicos cantores/as “de Deus” que passam a ter fãs, seguidores em redes sociais e uma agenda cheia para dar conta de percorrer diversas regiões do país, e com a universalização da internet, por exemplo, o alcance de sucesso é incalculável.

E a fé? Como pode ser pensada em momentos de “histerias” coletivas e catarses diante da entrada de um “cantor de Deus” nos palcos? Vale mais a “pirotecnia teatralizada nos palcos” ocupando os espaços dos ritos sagrados? Ou me permito considerar que não importam os manifestos, mas a presença do sagrado simbolizado na música, nas danças, nos projetores e sistema de som de alta tecnologia e caríssimos? Elementos profanos podem se tornar sagrados em substituição as famosas relíquias dos/as santos como fragmentos de ossos de Santo Antônio, ou a materialização de

uma simples toalha encharcada com o suor do/a cantor/a, do pastor, do sacerdote ou do profeta que ao ser arremessada na multidão é disputada e valorizada de tal maneira que aquele objeto felpudo e suado passa a ser sagrado. Alguns afirmam que podem até ser objeto de cura, sem falar nos que são vendidos como algo que pertenceu a uma pessoa “tocada pela mão de Deus”.

Alguns eventos da RMC podem ser considerados fenômenos pensados e introduzidos na vida dos fiéis, principalmente católicos do município de Juazeiro do Norte. Analisando as falas dos devotos o Padre Cícero, ele pode ser considerado além de “homem de Deus” um sacerdote-profeta-vidente-santo-fundador. Na perspectiva da geotecnopsicosfera, ele conseguiu transformar um pequeno vilarejo em território sagrado que rompe limites fronteiriços tanto geográficos quanto na transcendência da fé e da afetividade com o lugar que se amplificou, como que numa sonoridade atingindo espaços compostos por todos os segmentos sociais.

Nesse meio, como “fundador-santo”, ele introduziu eventos que unificam e transcendem a fé num ato que se fixa na cultura local e dos peregrinos que em alguns casos reproduzem em seus lugares de origem, a exemplo da “entronização e renovação do Sagrado Coração de Jesus” que faz parte da vida dos moradores dessa localidade, conforme citado anteriormente no texto. Aponto como exemplo a procissão de Nossa Senhora das Candeias com o “mar” de lamparinas representando a Luz Divina, que com o passar do tempo sofreu algumas transformações para atender as demandas de um presente transformado dinamicamente pelo desenvolvimento urbano, tecnológico e de crenças. A exemplo dos reais objetivos dos romeiros ao Cariri cearense em que muitos nos visitam pelos fenômenos religiosos e tudo que se interliga a eles e outros apresentam olhares distintos, buscando apenas atrativos que fogem do roteiro religioso e estão mais focados no turismo empresarial, de lazer, saúde, educação entre outros.

Gazoni (2003, p. 115) acredita que precisamos de ações operacionais que regulem as questões culturais, sociais e naturais do ambiente, e que a pós-modernidade nos apresenta novas perspectivas para o turismo religioso em que religião e lazer podem ocupar os mesmos espaços buscando fortalecer a fé e a economia local. Essa premissa abre espaço para o campo da ideação de fenômenos, que pode se tornar místico nos territórios sagrados como um todo ou de maneira particular e mais pontual em cada município. Haja visto, que mesmo compondo uma única territorialidade alguns aspectos culturais e religiosos são muito distintos e próprios de cada lugar.

Coloco, aqui, como elemento desses fenômenos o pau da bandeira, em Barbalha, que agregado a ele vem toda uma organização política, cultural, econômica e religiosa nos mostrando características próprias em torno do Santo Antônio, especificamente nesse município. Esse evento difere totalmente da mesma data comemorativa em torno no santo do município de Jardim, distante um do outro cerca de 30km. A mesma região, o mesmo santo, o mesmo período, mas simbolicamente

ritos totalmente diferentes devido aos manifestos dos participantes que se apresentam com objetivos distintos.

Enquanto a festa de Santo Antônio em Jardim apresenta fenômenos mais voltados para o religioso, em Barbalha essa sacralidade fica em torno das missas e das novenas e o momento de maior público está na passagem do pau da bandeira pelas ruas da cidade. Os elementos profanos se sobressaem ao sagrado como uma avenida pensada na carnavalização da festa, em que o pau se torna o grande destaque nos braços dos carregadores representando o movimento dos carros alegóricos numa sincronicidade e evolução harmônica.

Essa ritualidade não difere da descrição das entradas das escolas de samba, no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo, descrita por Oliveira (2007, p. 136) em que entre a concentração (chegada do pau na cidade) e dispersão (fixação do pau da bandeira em frente à Igreja) os organizadores, os integrantes e o público têm marcação, evolução e harmonia seja diante das escolas carnavalescas seja diante do pau da bandeira. Nesse momento, os dois se tornam profanos e a “sacralização” do pau acontece na dispersão quando fixada a bandeira do Santo. Quanto que para a escola de samba a sua “sacralização” vem com as notas 10 emitidas pelos jurados.

Em todos esses fenômenos estão a presença dos sacerdotes religiosos ou dos “sacerdotes-culturais”, que guiam a mesma multidão ora fiéis, ora brincantes em atos sagrados e profanos. Afirmo dizer que nesses espaços estão dispostas as figuras dos fundadores (religiosos ou não), que pensam em uma “era pós-moderna” com objetivos que caminham na mesma direção: captar e manter seus fiéis/brincantes.

Faço ainda uma analogia aos indígenas frente ao fenômeno das benzas entre o sagrado, profano e a catequização. Se pensar no ritual das florestas em que a árvore é um símbolo de vida para os indígenas, e que o culto aos deuses da natureza, seja para pedir ou agradecer por chuvas que trazem mais vida para seus territórios em rituais sagrados, a vida se renova a cada período chuvoso. Infelizmente, o homem branco execrou a cultura indígena, principalmente os ritos religiosos, em nome de um Deus que não pertencia ao universo dessa população.

O colonialismo e a catequização “humanizam” e tornam sagrado o que se considerava profano e animalesco. Não tenho a ousadia de afirmar que o rito do pau da bandeira é uma sublimação dos ritos realizados pelos indígenas. Mas, simbólica e metaforicamente posso considerar que existe uma pseudocatequização para os brincantes da festa do pau, em Barbalha. Os carregadores do pau em um ritual rezam, fazem preces e pedem proteção e força ao santo para que possam conduzir em meio a uma multidão de aproximadamente 30 mil “foliões” nas ruas da cidade. Em

meio a bebidas, músicas e danças o tronco do angico²³ é arrastado em cortejo da zona rural até a frente da Igreja Matriz de Santo Antônio. Em rituais considerados profanos são retirados pedaços do tronco durante o percurso, quase que em um ato sagrado para a produção de chás destinados às solteiras em busca de um casamento. Ao ser arremessado ao chão, mulheres são colocadas em cima penduradas pelos pés e mãos como que se “consagrassem e purificassem as virgens” preparando-as para futuros pretendentes. Enquanto isso, o sacerdote e uma parcela pequena da comunidade aguardam ansiosos a chegada do pau em frente à igreja.

Após a fixação do mastro, a bandeira representativa do santo com seu estandarte é colocada no alto, ainda, dentro de uma ritualidade que busca sacralizar o pau que a minutos foi tão profanado. E nesse momento é como se os brincantes fossem catequizados e que o Divino tomasse conta de todos/as. As missas e orações iniciam um novo ciclo. Porém, a multidão se dispersa à medida que o tronco vai passando como que se fugissem do ritual-final da “catequização”. Muitos/as já alterados/as pela bebida e/ou outras substâncias tóxicas migram para festinhas particulares, bares ou para suas casas. O sagrado? Está lá para os que querem alcançá-lo, mas sem a imposição e obrigatoriedade dada aos indígenas no período colonial.

Mesmo com a figura dos sacerdotes esse fenômeno foi se moldando à medida em que a festa se populariza a cada ano. Atraindo mais “fiéis-brincantes” para uma das maiores festas do território sagrado da RMC, a festa do pau da bandeira ou para os mais devotos a festa de Santo Antônio. A questão apontada nesse momento é se a transcendência existente nesse lugar está projetada pelos manifestos sagrados ao tocar no mastro da bandeira, “ainda tronco”, durante o cortejo e durante os rituais dentro da igreja ou esse transcender acontece em volta dos festejos regados a bebidas, danças e músicas nada sagrada ou até sagrada. Mas que podem promover uma sinestesia e experiências consideradas únicas, contextualizadas nesse evento específico.

Outro ritual na proposta das benzas, só que mais voltado ao sagrado, acontece no município de Missão Velha no último dia da festa do Padroeiro São José. Não esquecendo que na abertura dos festejos existe o carregamento do pau da bandeira e toda a “ritualidade-profana”. Fico com o encerramento em que antes da procissão com o andor levando a estátua do padroeiro, algo chamou a minha atenção: na lateral da Igreja Matriz quase em penitência uma fila de diversos andores com diversos/as santos/as, bem menores do que o de São José que fica dentro da igreja durante a celebração da missa.

As pessoas da comunidade organizam “a fila”, como em um ritual de proteção pelas estátuas materializadas em gesso, mas com gigantesca simbologia de fé. Em conversa com uma das

23 Árvore cortada e utilizada como um dos símbolos que compõe o cenário da festa de Santo Antônio em Barbalha no Ceará.

organizadoras indaguei o porquê de tantos andores e com diversas imagens sagradas ao lado da igreja em um final de tarde com sol, calor e com a esperança da chuva “enviada” pelo Santo Padroeiro²⁴. A resposta foi simples e direta: *“todas as comunidades, principalmente da zona rural, trazem seus padroeiros locais para fazer companhia a nosso padroeiro maior que é São José. Assim ele não fica sozinho durante a procissão”*. Mesmo “acompanhado” por uma multidão de fiéis a presença das demais divindades é fundamental para homenagear o aniversariante, simbolicamente o pecado representando pelo povo que busca redenção e o sagrado pelos representantes de Deus esculpidos nas imagens.

Com a chegada da noite da celebração eucarística é encerrada e iniciada a procissão de São José. Os fiéis/pecadores saem pelas ruas do município de Missão Velha com seus “pequenos e grandiosos” andores, carregando-os em seus braços como rito de passagem e transcendência experienciada pelo “sacrifício” e toque. Enquanto isso, o padroeiro é seguido em seu “carro-andor” por uma multidão que canta, chora e reza como em um ato de devoção, amor e purificação.

É evidente que dentro dos territórios sagrados da RMC cada fenômeno de fé, cada ritual em torno do sagrado, a exemplo das procissões, por mais próximos que sejam cultural e logisticamente em sua construção e execução possibilita ao lugar mostrar particularidades próprias de cada espaço, principalmente das tradições populares, mesmo regida pelos representantes religiosos. Sanchis (2018, p. 290-319) traça elementos que corroboram com conceitos e estruturas das procissões, como manifestos pensados pela igreja católica para aproximar os fiéis do divino.

No Brasil, desde o período colonial, os indígenas participavam dos cortejos voltados aos santos católicos, mas com suas vestes e adornos próprios da sua cultura como que se para o homem branco aqueles elementos fizessem parte de uma teatralização. Ainda para esse autor, a procissão possibilita a projeção do sagrado para fora do santuário sacralizando os caminhos não apenas cartográficos, mas também da vida dos homens que buscam uma aproximação com as estátuas que representam o sagrado. Enquanto os lugares que recebem a consagração, dando um alento aos males da humanidade, são associados ao universo mundano.

Os fenômenos emergentes das procissões surgem como elementos que consagram a cura através das súplicas e agradecimentos, quando essas são atendidas. Sendo o ciclo de procissões, que em geral acontecem anualmente, é uma estratégia que permite uma amostragem de devotos em determinadas localidades, servindo de parâmetro (extra)oficial do número de católicos, que ainda encontram em sua religião a fé depositada nos santos e “na palavra dita” pelos sacerdotes como renovação e perpetuação da Igreja.

²⁴ O homem do campo, principalmente no nordeste brasileiro, tem em São José o patrono dos carpinteiros, trabalhadores e principalmente de acordo com as crenças populares se chove em seu dia, 19 de março, significa sinal de um bom inverno com chuvas que fertilizarão o solo e dará grande colheita.

4.2 As bênçãos curativas em rituais católicos: “missa da cura”

A dinamicidade na sociedade do século XXI me faz refletir sobre como os fenômenos místicos das benzas da RMC podem ser reinventados para atender a novas demandas sociais, e principalmente para captar e segurar os fiéis em tempos que muitos migram de religião ou simplesmente deixam de tê-las e se voltam para um ceticismo, como se perdesse a necessidade inconsciente de reencontrar “o pai” na figura divina. Isso funciona como um ato de sublimação dos impulsos transcendentais da racionalidade que muitos chamam de fé. Descrevo, assim, alguns dos fenômenos representativos das benzas na RMC que podemos considerar que foram pensadas por fundadores.

A Missa da Misericórdia também conhecida como Missa da Cura e da Libertação, teve início há pouco mais de dez anos no município do Crato e a uns cinco anos acontece em Juazeiro do Norte. Evento religioso católico de um crescimento rápido, com mais de 30 mil pessoas em pouco mais de um ano de realização. O ato religioso acontece no estádio de futebol do município devido a quantidade de fiéis que buscam palavras de conforto espiritual e cura para os males do corpo. Esse fenômeno mostra a carência de acolhimento, que são postos nas falas do sacerdote-fundador. Muitos relatam que nesse espaço, que em sua maior parte do tempo é destinado a esporte, uma vez por semana se transforma em um lugar sagrado e que as pessoas conseguem transcender. Não nego, também, uma transcendência advinda do “espírito esportivo” a cada gol ou vitória de um time em que gritos e choros coletivos tomam conta desse lugar.

Conforme já citado anteriormente, sobre a importância do toque para os devotos, a missa da cura possibilita em desfecho um dos ritos de maior simbologia para os participantes que é a passagem do Ostensório entre as pessoas, em que elas podem tocá-lo como se fossem abraçadas pelo próprio Deus, numa materialização “viva” e palpável. Esse toque é de uma importância imensurável, porque ali se percebem dignas de uma cura, de bênçãos e que a divindade está próxima.

Existe além da transcendência uma sinestesia que perpassa todos os sentidos e os fiéis sentem alguns fenômenos inexplicáveis em seus corpos e mentes. Alguns podem considerar esse momento, visto na psicanálise, como catártico em que há uma “expulsão” do que inquieta, do que está dentro do sujeito e que faz mal. A catarse (do grego *kátharsis*) pode ser vista como um fenômeno de purificação e expurgação, em que num dado momento dos eventos e rituais religiosos em ações quase que hipnóticas as pessoas podem entrar num transe com acesso ao inconsciente pelo consciente. A predisposição diante do sagrado ou de quem o representa fazendo uso de sons ritmados, precisos, constantes e repetitivos associado a um cenário que favorece a imaginação, o

medo, a esperança e a fé podem induzir o sujeito a experiências transcendentais diante do sagrado e principalmente com a permissão ao toque.

Registro que a autorização aos/as fiéis a tocar quase que o “sobrenatural” no ostensório não é comum a todos os segmentos da Igreja Católica. Esta prática, por exemplo, está presente na Renovação Carismática Católica (RCC). Outros segmentos não permitem esse toque nem pelos sacerdotes, pois tocam com as mãos cobertas por um tecido. Nesse caso, que segmento da Igreja está certo ou errado? Ele permite que as pessoas se aproximem para tocar ou não do ostensório contendo “o corpo de Cristo”? Em dado momento da pesquisa um Padre respondeu sobre esse questionamento, trazendo a seguinte informação:

As normas litúrgicas falam de manipulação do corpo sagrado para fins além da alimentação. O toque nessas procissões não se dá no corpo pois, esse se encontra no relicário. Não há uma proibição no código. De tocar nesse relicário chamado ostensivo. Agora levá-lo para outros lugares e expor para outros fins, aí se torna sacrilégio. Liturgicamente não se pede para fazer a procissão e o toque. Porém, as rubricas também não o proibem. Alguns teólogos não aceitam. E outros acham que se não tá proibido, então é permitido. Deu para compreender?

Será que pode existir uma cura no lado profano desses fenômenos nesses territórios sagrados? Se pensar em uma transcendência que, a priori, possibilita o sujeito externar as suas emotivas presas durante um período da sua vida ou cronologicamente em uma calendarização anual, como é o caso dos brincantes na festa do Karetas no município de Jardim, que acontece paralelamente aos eventos religiosos da Semana Santa. De um lado, a Igreja Católica e seus fiéis se organizando e programando para os eventos religiosos e, do outro lado, os/as mestres/as da cultura e brincantes que confeccionam suas máscaras, fantasias e a personagem representativa, em formato de boneco, do Judas Iscariotes. Pelas mesmas ruas e avenidas em que passam os cortejos oficiais da Igreja, as pessoas quase que em uma “procissão” levam o boneco do Judas “cortejado” com músicas, gritos e danças.

Se saúde é o completo bem-estar físico e psicologicamente, esse brincar promove também catarses daquilo que é reprimido. Seja alegria, euforia, coragem e um bem-estar causando nas pessoas uma transcendência purificadora no simbólico “da morte” do traidor de Jesus. Momentos em que antecedem a passagem final do boneco um sacerdote, metaforicamente representado pelo apresentador da festa, começa em um ritmo contínuo e hipnótico a aguçar nas pessoas a necessidade de purificação racionalizada na tradição, mas inconscientemente representações de cada sujeito emerge na contagem para “o ato de misericórdia”. O Judas não mais enforcado, mas explodido em frações de segundos por meio de recursos tecnológicos faz com que as pessoas voltem para si, numa realidade própria de cada um/a num silêncio individual, mesmo em meio ao barulho, se instala de maneira que conduz a uma introspecção e voltam as repressões sociais e pessoais que lhes são

autorizadas a cada ciclo anual, como se em meio ao final de um carnaval em que as pessoas começam a se “travestir” delas mesmas ou não para seguir um ano inteiro, nesse caso o que seria de fato saudável ou adoecimento?

Por esse motivo dizemos que nesses fenômenos festivos sagrados ou profanos, podem, mesmo que por alguns minutos, acontecer “uma cura” muito mais psicológica do que física ou espiritual ou as três possibilidades. Eliade (2018, p. 80) fala sobre a festa como lugar de reencontro com o sagrado e que após esses eventos existem riscos do esquecimento de toda uma essência projetada no sujeito a partir dos deuses/divindades:

Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da Vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. No resto do tempo, há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é “dada” por aquilo que os modernos chamam de “Natureza”, mas é uma criação dos Outros, os deuses ou os Seres semidivinos. Nas festas, ao contrário, reencontra-se a dimensão sagrada da existência, ao se aprender novamente como os deuses ou os Antepassados míticos criaram o homem e lhe ensinaram os diversos comportamentos sociais e os trabalhos práticos.

As festas permitem olhar para o campo dos processos de cura como algo que está para além dos instrumentos formais da ciência convencional, dos rituais religiosos ou profanos. Isso acontece porque em meio a uma catarse ou até mesmo “histeria coletiva” existe algo fundamental para os fenômenos, que promovem a saúde em toda sua expansão nomenclaturada que é o sujeito como ser único, numa individualidade (in)consciente. A cura pode sim, ser encontrada nos territórios sagrados mesmo em manifestos profanos dentro de uma esfera dinâmica que se move para atender as necessidades reais ou simbólicas de cada sujeito.

4.3 A catarse no caminho de cura nos templos evangélicos nos Territórios Sagrados da RMC

Não diferentemente das demais regiões do país, a RMC aponta nas últimas décadas para uma crescente expansão dos templos evangélicos, principalmente, as pentecostais e neopentecostais, frente ao surgimento, só que mais timidamente, de outras religiosidades. Pensar em uma territorialidade predominantemente católica sendo “demolida” com o surgimento de novas práticas religiosas é refletir sobre as transformações não apenas espaciais, mas sobre todo um comportamento social nessa migração de fé.

Cerqueira-Santos, Koller e Pereira (2004, p. 82) corroboram com a ideia de que mesmo em meio a era da tecnologia e fibra óptica as pessoas buscam sempre uma conexão com fenômenos que possibilitem um caminho a transcendência espiritual, “[...] enquanto a ciência avança com novas descobertas tecnológicas e teorias revolucionárias, parte da população se volta para o divino, o

mágico, à procura das soluções ou de respostas para o significado de estar no mundo”. Essa busca da fé em caminhos que perpassam diversas religiões mostra um sujeito em conflito e perdido diante das intempéries da vida, principalmente quando se precisa de um “Ser” que possibilite alternativas ou que resolva em através de ritos não questionáveis, mas praticáveis. Dessa maneira, surge a necessidade de um mergulho em novas vivências, mesmo que não de nova fé, mas de uma fé (pseudo)renovada.

Algumas igrejas, principalmente as neopentecostais, protagonizam a cura através de ritualidades postas na “palavra”. Permitindo nesses momentos de “cura pela fé” que os sujeitos “enfermos” em todas suas conjecturas de fé, adoecimentos físicos, psíquicos e espirituais, não desconsiderando também os financeiros e de relacionamentos, possam expurgar como em uma catarse todas as suas “dores”. Vale ressaltar que diante desses fenômenos destacam-se os “médicos da fé” que curam pela palavra. Porém, os riscos são que seus clientes possam se tornar reféns de promessas de cura e que a medicina convencional seja descartada, em alguns casos. Potencializando uma descrença na ciência e fortalecendo a crença nos homens que prometem uma cura imediata, pautada na fé.

A fé no Divino ou em “seus representantes”? Quando estes vendem “reliquias” materializadas aos fiéis? Caso não muito distinto do que a igreja católica fazia em seu processo de expansão. O fiel transforma-se, assim, em cliente da igreja, em um consumidor à procura de bens e serviços oferecidos por essas instituições, especialmente no caso da resolução de problemas de saúde, cuja situação é agravada por um sistema de saúde ineficiente e “desacolhedor” (CERQUEIRA-SANTOS, KOLLER E PEREIRA, 2004, p. 83). Os autores ainda diz que (2004, p. 84):

Dessa forma, é aberta uma lacuna para aqueles que oferecem uma “medicina” popular fundada em práticas religiosas, como é o caso das igrejas neopentecostais, enfatizando a correlação entre suas práticas e o discurso da medicina científica. Um exemplo é o conceito de doença psicossomática difundido entre fiéis da Igreja Universal: “Psicossomática é o que o médico não cura”. Essa afirmação revela uma interpenetração do saber científico no popular e vice-versa, o que, mais uma vez, aponta para a importância da investigação da influência de práticas religiosas na construção das noções de saúde, doença e cura e no modo como estas interferem na busca de tratamentos.

Para alguns grupos religiosos, forças do mal ou demoníacas podem causar processos de adoecimentos que dificultam a ciência convencional identificar e tratar, até porque em geral, nesse meio existe uma descrença por esses fenômenos místicos e a probabilidade de alguns desses atores afirmarem que a medicina oficial é ineficaz, principalmente alguns tratamentos como, por exemplo, a vacinação. Alguns líderes desses templos conduzem seus “rebanhos a mão de ferro”, e apontam os tratamentos com médicos como algo que fere aquilo que é dado por um Deus que nos dá aquilo que

devemos ter para uma purificação espiritual através das dores do corpo. Essas doenças só poderão ser sanadas em rituais que negam e combatem os “inimigos” das suas fés.

Nos territórios sagrados da RMC as igrejas evangélicas, principalmente, as neopentecostais estão ocupando espaços que outrora, eram predominantes da religião católica, quase como se estivessem criando “muralhas medievais” para blindar e proteger o “seu povo” da vida mundana daqueles que não os seguem. Cito como exemplo o bairro São José no município de Juazeiro do Norte, e que se repete em outros bairros e em outras localidades da RMC: existe a Igreja São José Operário localizada em uma área central do bairro e em torno da mesma existem vários templos evangélicos (cerca de seis), raio de aproximadamente 500m de distância entre elas. Essa amostra deixa claro o processo migratório entre religiões, e que a busca por uma saúde física e mental pautada na fé está manifestada nos momentos de cultos e em algumas ritualidades realizadas nesses espaços religiosos.

Alguns municípios da RMC que contam apenas com uma igreja matriz são contemplados com várias capelas, distribuídas tanto na área urbana quanto na rural. Entretanto, os templos evangélicos se proliferam fixando-se nesses espaços e atingindo, dessa maneira, um raio de pessoas que buscam na mudança de fé novas perspectivas para suas vidas, ou até mesmo a “salvação”. Comumente estão presentes nas áreas periféricas e na área rural edificações, mesmo que em garagens, a solidificação evangélica e captação de novos fiéis, não diferente das áreas urbanas.

Uma das estratégias que diferenciam os católicos dos evangélicos é que este último chega até as pessoas e se aloja em suas comunidades abraçando as dores do corpo e da alma dos carentes de esperança e de uma saída para os seus problemas. Eles trazem a promessa de uma nova vida e a tão sonhada salvação e de resolução dos males, que enfrentam corroborando com a migração entre essas duas religiões. Enquanto os padres, em geral, aguardam o seu rebanho nos muros da igreja, os pastores e “operários” batem as portas, chegam até as salas e aos sofás como se fizessem parte do núcleo familiar daqueles que precisam encontrar a palavra e um novo Deus. Couto, Boa Sorte e Silva (2018, p. 20) reforçam essa ideia nos momentos de cura quando falam que as pessoas são recebidas e acolhidas por todos que compõem aquele cenário são respeitados, valorizados como pessoas e jamais “descartados” ou menosprezados.

Ali, inicia uma transformação na compreensão do que e de como os processos de cura acontecem em toda sua plenitude e que os líderes religiosos, principalmente, das neopentecostais são enviados e que tem a cura em sua essência de vida. Esse grupo de pessoas considera que ao se aproximar deles são conectados por um transcender imbuídos de uma sacralidade acolhedora e “salvadora”.

Um dos conflitos existentes nessa nova construção de fé é negar o passado religioso das pessoas por considerar algo impuro. Em alguns casos, outras religiões ou manifestos de fé não são considerados “dignos” dos desígnios do “deus” creditado por algumas religiões. Em que todo manifesto de fé que não esteja dentro da sua doutrina cabe o escárnio, por considerar desvirtuamento dos caminhos da “luz”.

Os fenômenos de fé para processos de cura se manifestam em uma clientela mais fanática e que tem em seus líderes a materialização de uma possível falta. Falta essa, inconsciente localizada na função paternal em que castra, frustra e dita pela autoridade que lhe é conferida as normativas rígidas e dominadoras do “juiz com martelo de ferro” que sentencia às punições aqueles que quebram ou fogem dos caminhos impostos por doutrinas pautadas numa interpretação humana dos fenômenos atemporais e bíblicos, mesmo que sejam interpretações descontextualizadas da sociedade do século XXI.

A territorialidade da RMC, diante dos manifestos de cura dos templos evangélicos, se amplifica a cada igreja aberta e a cada fiel “conquistado” e atraído para novas experiências de fé. Os fenômenos psíquicos desse público apresentam dicotomias entre os laços das suas religiões anteriores, da medicina convencional com os novos ritos de cura propostos pelos pastores. A negação da religião anterior é promovida por catarses expurgativas daquilo que consideram profano, mundano e que não cabe mais em suas novas vidas de glórias e assertivos para “os caminhos de luz”.

Deixo em alerta que muitas das enfermidades sejam físicas ou psíquicas precisam de acompanhamento da ciência, e a negação pela fé pode causar danos irreversíveis nas pessoas que creditam em seus líderes uma pseudocura, não descartando, claro, os processos de cura em que a ciência não explica e que chamamos de milagre ou obras divinas.

A permissividade no transcender nos cultos evangélicos não está muito distante dos momentos catárticos, presentes nas missas da cura ministradas por uma ala da católica. A fé é inclusiva e o que a torna excludente são as normativas impostas por leituras deficitárias em suas interpretações bíblicas.

4.4 “Benzeção e Herança da matriz africana: enfrentando preconceitos”

Os caminhos da fé podem muitas vezes ser preconceituosos e excludentes quando fenômenos místicos não perpassam nas raízes católicas e/ou evangélicas, e suas vertentes eclesiais e suas doutrinas em que impõe um “Deus” único desconsiderando outras formas de cresças e manifestações de fé como no caso das religiões de matrizes africanas. Religiões essas negadas e consideradas “não religiões” por alguns segmentos, tanto religiosos quanto sociais. Nesse caso, como ficam os rituais

de benção e de cura a partir dos ritos presentes nos terreiros ou casas como o candomblé, a umbanda, o ifá, entre outras? Infelizmente em algumas regiões vivem quase que em clandestinidade.

Registros históricos mostram que as religiões de matrizes africanas foram trazidas por negros escravizados durante o período colonial. E para que as suas origens espirituais fossem preservadas tiveram que buscar no sincretismo religioso, principalmente com santos/as católicos/as, alternativas para que a fé e cultura de um povo não fosse totalmente exterminada do seu corpo, mente e espírito. Dentro desse segmento, rituais de cura possibilitaram para um povo sem assistência o tratamento para enfermidades físicas e psicológicas, mesmo resistindo a perseguição da inquisição e considerados hereges, bruxos ou satânicos foram acometidos por efeitos devastadores sejam psicológicos, físicos e/ou culturais.

Nos estudos transdisciplinares, a partir de uma leitura geográfica e humanista, não cabe dissociar a psicologia cultural - que busca mostrar que a religiosidade faz parte de processos culturais e que mesmo nesse deslocamento, imposto pela retirada de africanos das suas regiões de origem - da psicologia da religião, como tentativa de um retorno as suas origens mesmo conscientes de que essa volta jamais acontecerá nos molde primitivos e originais, devido as transformações socioespaciais, políticas, econômicas de cada época desde o período escravocrata.

Reflete Belzen (2009, p. 8) quando diz que a História segue seu caminho numa dialética que não retorno ao passado, não existindo razão para fazê-lo. O autor ainda expõe que nossos antecessores fizeram e disseram que vantagens devem ser pensadas e realizadas em relação as situações atuais, como o sincretismo religioso, como meio de preservação das suas origens religiosas em meios a rituais que sofreram adaptações para uma melhor aceitação em terras de cristandade dominante e, às vezes, perversa com aqueles que não seguiram “*A Palavra*”.

Graças a resistência para preservar a sua cultura e crença é que temos hoje espaços sagrados de matrizes africanas, afro-brasileiras, que mesmo com muita perseguição e intolerância religiosa se firmam e conquistam, ainda que em passos lentos, pouco a pouco o respeito por parte da população brasileiro. Principalmente, por aqueles que buscam nos/as líderes religiosos rituais de cura para patologias que a medicina convencional não encontra respostas, fazendo parte para alguns segmentos da sociedade como práticas integrativas em saúde, como vimos anteriormente, conforme nos aponta Matos (2020, p. 16):

Apesar do crescente reconhecimento da importância da espiritualidade para os cuidados em saúde e dos grandes avanços nas tentativas de visibilizar as comunidades de candomblé no âmbito das políticas públicas, ainda há muito para avançar. A interlocução entre equipamentos públicos do Estado e terreiros – assim como ocorre com outras organizações religiosas da comunidade em que o serviço de saúde atua – seria benéfica para ambos os

lados, ampliando a atuação da equipe de saúde na comunidade e favorecendo um cuidado integral e compartilhado dos povos de terreiro.

Observei uma grande empatia entre Mães de Santo e as pessoas que as procuram com seus mais diversos problemas pessoais, espirituais e de saúde. As escolas médicas potencializam processos e estratégias em “humanizar” cada vez mais a medicina. Porém, alguns profissionais ainda se mantêm distantes dos seus pacientes, enquanto os braços acolhedores nos terreiros confortam e acolhem os sujeitos e suas necessidades, muitas vezes apenas de uma escuta acolhedora como nos pontua Soares *et al.* (2021, p. 13):

A busca por terapias de cura não convencionais (biomédicas) nos cultos religiosos, no caso em estudo no terreiro de candomblé, se dá, pois estes espaços oferecem o acolhimento e a escuta atenciosa do paciente, práticas que muitas vezes não são oferecidas pelo sistema de saúde convencional/formal, de modo que, as pessoas ao se verem vítimas de doença que podem ser físicas, morais ou espirituais buscam auxílio nos terreiros, independentemente de serem adeptas ou não da religião (relato de um *babalorixá*).

“Deus me livre de macumba em minha cidade”, dou início a esse parágrafo com essa frase verbalizada em alto e “bom tom” por uma pessoa que ocupava a pasta da cultura em um dos municípios da Região Metropolitana do Cariri, em período de entrevistas. Esse pensamento externado sem nenhum receio, nos mostra como de fato a sociedade considera, ainda hoje, as religiões de matriz afro, principalmente em uma região que é seleiro de uma religiosidade popular que rompe com as diretrizes institucionais das igrejas sejam católicas ou evangélicas.

Mas, percebi que esse rompimento em nome de uma fé não permite que outros crédulos se manifestem em seu território. Mesmo para aqueles/as que buscam rituais de cura nos terreiros, quase que numa imposição de sigilo e vergonha, negando dessa maneira a sua espiritualidade e religiosidade. E para alguns os Pais e Mães de Santo, em nome da ética e do respeito, abrem espaços para se fecharem no anonimato buscando muitas vezes a periferia ou municípios mais desenvolvimentos para a abertura das suas casas.

Os fenômenos das benzas na Região Metropolitana do Cariri cearense se tornam limitantes quando trago as religiões de matrizes africana ou afro-brasileira, como muitos colocam. Essa limitação acontece quando enxergo que alguns dos municípios dessa região não contam com a presença física dos terreiros, como colocam algumas pessoas ao afirmarem que:

- a) *“Sou católico/a aqui em minha cidade, mas quando vou ao Crato ou Juazeiro do Norte sou do Candomblé, da Umbanda... porque aqui não posso dizer que frequento os terreiros”;*
- b) *“O povo é muito preconceituoso sabe? Aí nego a minha fé por vergonha e medo, mas sei que isso é ruim pra mim”;*

c) *“Sou devoto/a de Nossa Senhora (...) e do meu Padim Cícero e vou pra missa ..., mas as vezes gosto de ir no terreiro quando vou pro Crato. Não é sempre mas vou, porque dizem que sou médio/a”*.

Fica evidente que nem todos os municípios da Região Metropolitana do Cariri estão abertos para as religiões de matriz afro, como expõe Antônio Rodrigues em colaboração ao Jornal Diário do Nordeste (2017) *“A ‘terra de oração e trabalho’, Juazeiro do Norte esconde, graças ao grande número de cristãos, os praticantes das religiões de matrizes africanas: Umbanda e Candomblé. E não são poucos. Estima-se que centenas de terreiros de Umbanda estão ativos”*.

O Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) reúne municípios que contam com a grande presença dos terreiros e casas de religião de matriz afro-brasileira. Vale destacar, que em sua maioria estão na periferia lutando e resistindo aos ataques que sofrem de algumas religiões que acreditam serem “absolutas” na fé. E todo o manifesto religioso-cultural que rompe com os seus dogmas não merece créditos como religiões, mesmo que digam o contrário em nome de uma “ética” e/ou para se fazer cumprir a Lei nº 9.459²⁵ (BRASIL, 1997). A maioria dos municípios não apresenta fisicamente terreiros e casas de religião de matriz africana, nos mostrando que essas religiões ainda sofrem com a negação, não aceitação, preconceitos e dificuldades para se instalarem, pois são consideradas religiões “não convencionais” como a católica, evangélica e suas variações dogmáticas.

Nos últimos anos ouvi muito a terminologia de um Estado Laico, como algo que rompe as barreiras dos preconceitos e que todos os manifestos religiosos e crédulos devem ser respeitados. Entretanto, essa laicidade não se aplica muito bem na prática, mesmo em uma região em que a religiosidade popular é muito forte. A exemplo de algumas benzedeadas que temem serem reconhecidas como pessoas que fazem “macumba”. A falta de informação e orientação é percebida quando vemos uma professora chegar em sala usando turbante, e em torno do seu adereço cria-se grandes polêmicas por parte de um grupo que considera que escola não é lugar de “doutrinação”. E que o simples uso desse pano, que tem uma simbologia importante para mulheres de matriz africana incomoda toda uma comunidade, rompendo com a proposta laica de um Estado liberto de preconceitos. Vejo que muito mais do que leis precisamos de fato de educação, informação e orientação sobre a diversidade e o respeito pela fé do outro.

Os registros dos preconceitos em torno das casas e terreiros estão para além das ocorrências policiais. Estão na memória escrita e genética, no sangue, no grito e no lutar a cada dia por uma

25 Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. "Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

posição na sociedade hoje, mesmo quando esses espaços de ritualidade forçada a um sincretismo histórico são invadidos e ameaçados em meio a cerimônias, nas quais as ameaças de morte e destruição dos seus pertences acontecem por grupos que se manifestam em nome do “seu deus”. Pregando ódio batem de frente com guerreiros/as históricos e sociais que carecem, ainda hoje, erguer as suas cabeças com corpo e alma feridos para se refazer, se reinventar e se fazerem presentes em uma sociedade ao mesmo tempotão moderna e tão arcaica.

Esses eventos corroboram para que muitos neguem a sua fé e espiritualidade. Fazendo do anonimato o seu escudo contra as intempéries das falas e ações preconceituosas e desrespeitosas. E como ficam os fenômenos da benzeção e os rituais de cura nesses casos específicos? Para muitos continuam na “clandestinidade” e nas periferias, salvo alguns manifestos pontuais durante o ano. Mas fica evidente que o acolhimento das casas e terreiros para os que precisam acontecem, de maneira geral, sem preconceitos e de portas abertas para os que precisam desses ritos para seus confortos espirituais, psicológicos e físicos. Para alguns, esses espaços se tornam a “alternativa-ultimato” aos enfrentamentos das suas dores e nesses momentos rompem, mesmo que no anonimato, muitas barreiras em busca de ajuda daquele/as que tem na ancestralidade a missão de abraçar o outro.

Falamos muito que os templos de matriz africana estão nas periferias por questões de segregação, frente a esse pensamento um filho de santo (Candomblé) nos trouxe outra visão, na perspectiva de uma racionalização, que ao se fixarem mais nas periferias estão mais próximos de algumas poucas áreas verdes ou fontes de água se distanciando do concreto urbano para uma proximidade com a natureza “*por encontrarmos terrenos mais baratos e necessidades de espaços temos a possibilidade de as vezes estarmos próximos de águas em rios ou riachos perenes e por cultuarmos as divindades da natureza é que os/as sacerdotes/isas preferem esses lugares e isso para nós é muito importante*”. Continua o filho de santo, que “*no caso da Umbanda que sempre sofreu perseguições religiosas as casas que dos/as sacerdotes/isas residem são dívidas com espaços litúrgicos, festas e etc.*”.

O acesso a alguns terreiros e casas são limitadas e dificultadas, porque alguns municípios dessa região não possuem sinalização e nem infraestrutura adequada e de qualidade nas periferias, segregando ainda mais esses lugares de espiritualidade. Até a falta de água pode comprometer os trabalhos, visto que nos deparamos com algumas localidades que têm sido comprometidas com o abastecimento. Em alguns bairros essa distribuição acontece por rodízio de dias, e em outras situações chegam a ficar dias e semanas sem água que é um elemento fundamental para a realização as atividades nesses espaços.

Diante das romarias católicas, alguns protagonistas de matriz africana não visualizam proximidade entre as duas religiões, como expõe um filho de Santo: “*Não tenho memória de como*

esses fenômenos em torno do sincretismo religioso acontecia em outros tempos no Cariri. Mas hoje, existe abandono dessa construção que chamam de hibridismo sincrético e que vem desde a militância da Mãe Estela de Oxossi em Salvador, gerando impacto no Brasil todo e aqui as pessoas começam a entender que os santos católicos não são as mesmas divindades africanas, como exemplo que Oxum não é Nossa Senhora da Conceição, que Oxossi não é São Sebastião e isso faz com que essa presença visual do convívio entre as religiões seja muito diferente do que foi em outras épocas”. Não é apenas consciência, mas firmamento e solidificação de séculos de lutas por respeito e tolerância pela diversidade religiosa.

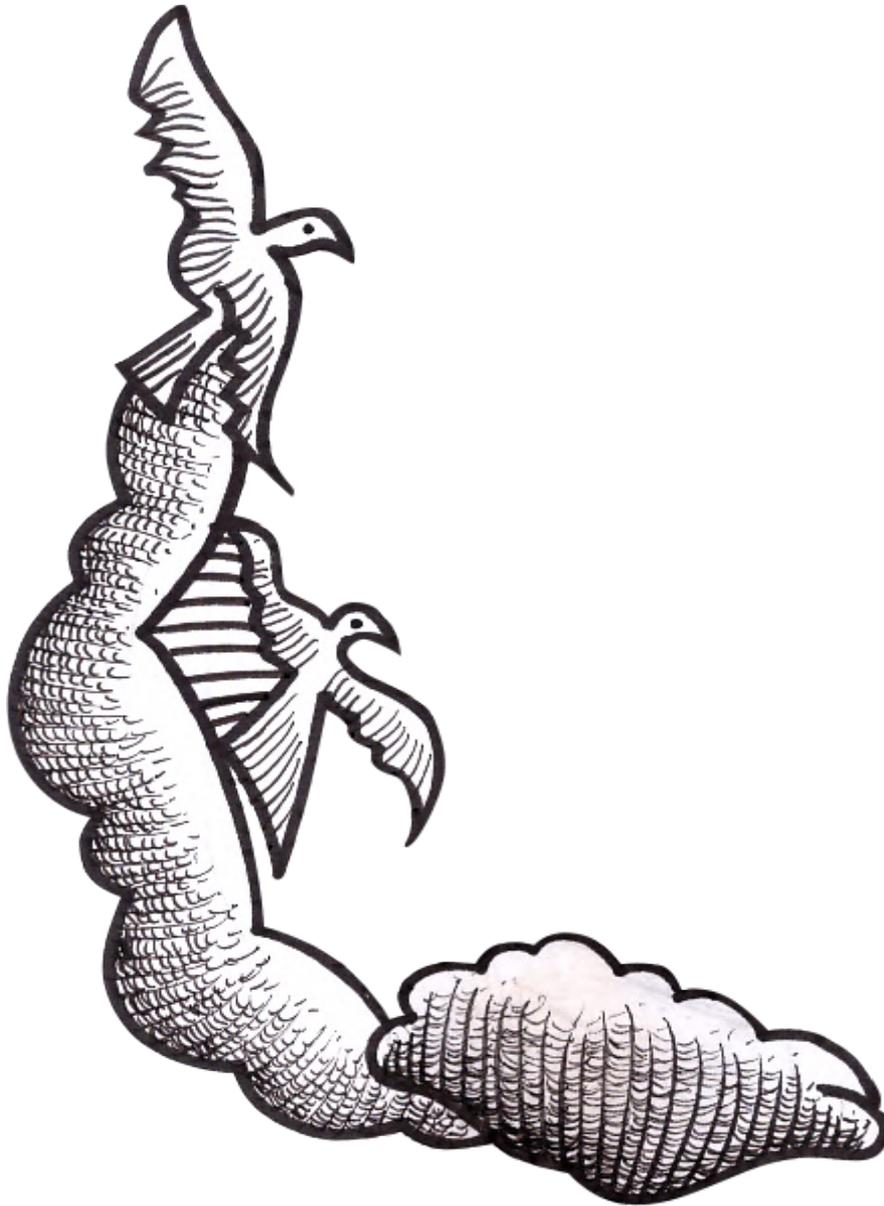
A expansão da religião de matriz africana acontece timidamente, se comparada as neopentecostais que são abertas em grande escala em todos os nove municípios da Região Metropolitana do Cariri, até mais do que as igrejas católicas. E em relação aos fenômenos das benzas destaque que há distinções em relação às práticas presentes nas religiões nos templos, nas casas, nos terreiros e até mesmo nas salas de orações das benzedeadas.

Cada espaço delinea vertentes ritualistas mais ou menos aceitáveis para a sociedade a partir do poder socioeconômico, de “grito” intimidador e pregador da fé de núcleos específicos, que querem se sobressair a fé e a ritualidade do outro, quando colocam que eles detêm o único poder da salvação e da vida eterna. Negando, mais uma vez que outras formas de crenças não merecem créditos nesse território que é considerado um cinturão que deveria abraçar as religiosidades sem viés religioso, certo que na prática parece uma utopia.

Nessa psicosfera das benzas no Cariri cearense, as práticas religiosas não diferem de outros territórios quando cito as minorias. O receio que visualizo é que esse termo se torne “elitista acadêmico”, e segregue em seus espaços a diversidade da fé e todo o seu arcabouço psicoférico e se torne uma caixinha pautada apenas numa técnica engessada sufocando a subjetividade, envolvida na cultura e na filosofia dinamizada durante várias gerações, tanto passadas quanto futuras a partir de um presente limitante. E que cada vez mais esteja voltado para as práticas tecnológicas, em que os fenômenos místicos das benzas correm o risco de se tornarem obsoletos ou vistos apenas como algo cultural numa perspectiva de ritos ultrapassados pelo tempo e pela modernidade líquida, como pensa Bauman (2001), quando reflete sobre a velocidade/aceleração quando se fala em tempo e espaço.

CAPÍTULO 5

NARRATIVAS E VIVÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS SAGRADOS DO CARIRI CEARENSE

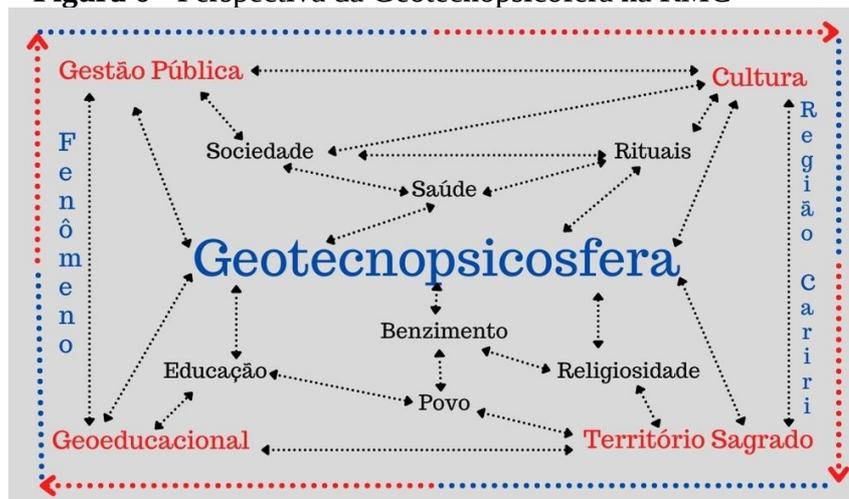


“A experiência mística é a forma mais elaborada
de todas as experiências religiosas vividas”
(MESLIN, 2014).

5 NARRATIVAS E VIVÊNCIAS NOS TERRITÓRIOS SAGRADOS DO CARIRI CEARENSE

A dinamicidade em torno dos territórios sagrados da Região Metropolitana do Cariri cearense e dos fenômenos das benzas perpassa a ideia de que apenas nos espaços fechados, templos, igrejas e terreiros deve ser expressado o conceito de geotecnopsicosfera. Para que essa proposta seja consolidada, foi necessário interligar além das diversas áreas do conhecimento, conforme já expus anteriormente, diversos seguimentos constituintes de uma sociedade pautada na pluralidade extra muro. E que todos são responsáveis para alcançar a compreensão efetiva de como uma região, imbuída de uma diversidade sociocultural e com distintas práticas religiosas institucionalizadas e populares está navegando pelo campo geoe educacional do saber no saber em grandes variáveis, que a constitui como vemos no ideograma abaixo:

Figura 6 - Perspectiva da Geotecnopsicosfera na RMC



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Esses seguimentos postos na figura 6 me ajudam a fortalecer que a Geotecnopsicosfera e seus fenômenos se firmam quando essa rede se complementa em todas as suas esferas promovendo uma subjetividade, tanto no planejar quanto no executar objetivos, para um repensar sobre esse lugar místico. E com crescimento irregular em torno de um progresso, do turismo, da saúde, educação e principalmente dos manifestos culturais e religiosos. Por mais que ouça constantemente que essa região é um seleiro de religiosidade popular, os fenômenos não se manifestam de maneira igualitária em todos os municípios, depondo dessa maneira contra a proposta do que de fato seria uma região metropolitana.

Configurada a partir da religiosidade e que ao longo da sua trajetória novos fenômenos e segmentos, principalmente os institucionalizados e privados, se estabelecem aqui desfalcando e interrompendo tradições que ora estão para atender as demandas de um público específico, citei aqui os romeiros, ora para atender os investidores e mais tristemente se sufocam por não comporem o cenário do progresso e desenvolvimento regional.

Não pretendo que interpretem essa ideia em uma única vertente, a negativa. Mas de modo que cada segmento se destaque diante das suas necessidades e demandas locais como, por exemplo: a gestão pública, o campo educacional e de saúde, a instituição religiosa (católica, evangélica, matriz africana, entre outras), os movimentos populares (religiosos e culturais) e seus efeitos no sujeito de maneira individual e na coletividade.

Esse movimento possibilita a criação de uma rede fortalecida pela equidade, desde que bem compreendida pelos gestores que estão com a função de planejar e executar propostas que aproximem os municípios em sua totalidade, dentro de uma mesma região. Nesse sentido, que Haesbaert (2017, p. 88) destaca que o espaço metropolitano revela conexões que corroboram com alterações e até mesmo permanência justapondo-se a dinâmica promotora de um sentido para as transformações dos espaços caracterizando uma metropolização real/simbólico na construção desse território, como lugar das relações econômicas, sociais e culturais.

O que se assemelha com o desenvolvimento dessa territorialidade posta a RMC, em que nem todos os espaços seguem na mesma direção, mesmo com características tão próximas na perspectiva dos fenômenos religiosos, sociais e ambientais, a exemplo dos municípios que compõe o Crajubar. Reiteramos essa percepção quando Haesbaert (2017, p. 91) aponta que:

As grandes obras e os grandes espaços são marcas desse poder, a magnitude e a escala criando um espaço de gigantes. Imagens e perspectivas incapazes de serem captadas pela extensão do olhar, como que criadas por seres de outra dimensão para este homem-máquina, criador todo-poderoso dos signos do novo tempo.

Os fenômenos das benzas nessa territorialidade sagrada agregam elementos que perpassam instrumentos de cura, focados apenas nas benzedeadas e/ou líderes religiosos/as em manifesto e rituais de cura. A religiosidade, principalmente a popular, nessa região é muitas vezes gerenciada pelo poder público quando pensa no turismo religioso e em parcerias com entidades religiosas como as festas, que vão desde a quermesse (gerida pela igreja católica) até as grandes romarias em que as parcerias se fazem necessárias para o acolhimento, mesmo pautado na economia dos que buscam nesses territórios conforto espiritual e de cura.

Não esquecendo também do campo educacional, que realiza estudos em torno desses fenômenos imortalizando práticas culturais a partir de publicações ou pelas narrativas através da oralidade e ensinamentos das gerações anteriores, como meios para manter a cultura dos fenômenos sagrados e profanos vivos e dinâmicos para atender as demandas de cada geração.

Como pensar essa territorialidade sagrada diante dos fenômenos místicos compondo uma Geotecnopsicosfera na Região Metropolitana do Cariri cearense nas perspectivas dos/as atores/as que vivenciam e experienciam esse lugar a partir das suas práxis? Para elucidar a esse questionamento veremos a seguir relatos e narrativas de agentes que compõem esse cenário caririense em diversos segmentos, que vão desde a gestão pública passando por membros de instituições religiosas, escolares e as vozes das benzedeadas configurando essa rede que se interliga na composição desses fenômenos.

5.1 A percepção do poder público sobre os territórios sagrados do Cariri: narrativas

Apresento aqui um pouco da compreensão de ocupantes de cargos em Secretarias da Cultura e/ou Turismo de alguns municípios da Região Metropolitana do Cariri, e como os seus campos de visão sobre os territórios sagrados se manifestam a partir das suas pastas. Não posso esquecer que ao apresentar ideias e narrativas, mesmo dentro de um segmento institucionalizado, existe uma subjetividade que carece ser analisada para uma explicitação do quanto de cada sujeito em suas individualidades, formações e crenças consolidam-se na construção de um projeto que, a priori, deveria ser macro na dimensão região metropolitana e que muitas vez se pontuam micros para atender as necessidades de espaços urbanos ou de municípios específicos.

É cada vez mais expressiva a participação do poder público nas festividades religiosas, como idealizadores e executores dos projetos e em muitos casos têm a igreja apenas como uma parceira com papel bem definido. Esse lugar de gestor também é ocupado nos processos de definições e até autorizações para os manifestos populares que inicialmente não precisariam desse controle do Estado por se tratar de fenômenos com origens no seio familiar, de pequenas comunidades, e se tratando da região do Cariri da romaria que aparentemente acontece de maneira espontânea e renovada a cada geração.

A simbologia desses fenômenos está entrelaçada com o real na imposição formal, por “organização”, administração e institucionalização gestora da cultura, rompendo dessa maneira com a liberdade dos manifestos sociais e de um povo que se frustra com tamanhas intervenções, justificadas muitas vezes no planejamento estratégico para o desenvolvimento local.

Utopicamente, todos os municípios de uma região metropolitana deveriam caminhar na mesma direção e com projeto uno, no caso do Cariri, que tanto se fala em um seleiro de religiosidade popular pautado em seus fenômenos comuns a todo o território, que passa a ser fictício quando determinados lugares, com grande proximidade territorial, são totalmente distintos de outros. Pontualmente, temos as romarias em Juazeiro do Norte, pequenos passos nas romarias de Santana do Cariri e a Estátua de Fátima no município do Crato e os demais municípios perdem espaço nessa rede quando não acompanham esses fenômenos religiosos, por mais que o poder público e privado interfira em suas projeções regionais.

Não pretendo forçar a estrutura de “um cinturão” religioso, quando as práticas culturais dessas localidades não convergem no mesmo caminho diante dessa premissa. Andrade e Rocha (2019) expõem acerca desse olhar geopolítico e religioso numa territorialidade heterogênea, quando nos falam que os centros devocionais, principalmente católicos, reúnem formas de gestão complexas e as suas evidências são marcadas quando bairros e municípios surgem sem relações devocionais que originaram lugares específicos.

Dessa maneira, coloca-se em cheque o que de fato são políticas culturais e como elas se manifestam nesses territórios com grandes festividades religiosas e em sua grande maioria populares. Principalmente quando criam-se leis que formalizam essa estrutura de poder, como é o caso da Lei Nº 12.343/2010²⁶ (BRASIL, 2010) que formalmente possibilita a intervenção do Estado para controle, acompanhamento e, aparentemente, para que o respeito pela diversidade os fenômenos culturais sejam respeitados enquanto manifesto sociais:

Quadro 7 - Incisos do Artigo primeiro da Lei Nacional de Cultura – PNC

I	Liberdade de expressão, criação e fruição.
II	Diversidade cultural.
III	Respeito aos direitos humanos.
IV	Direito de todos à arte e à cultura.
V	Direito à informação, à comunicação e à crítica cultural.
VI	Direito à memória e às tradições.
VII	Responsabilidade socioambiental.
VIII	Valorização da cultura como vetor do desenvolvimento sustentável.
IX	Democratização das instâncias de formulação das políticas culturais.
X	Responsabilidade dos agentes públicos pela implementação das políticas culturais.
XI	Colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura.
XII	Participação e controle social na formulação e acompanhamento das políticas culturais.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

²⁶ “Art. 1º Fica aprovado o Plano Nacional de Cultura (PNC), em conformidade com o § 3º do art. 215 da Constituição Federal, constante do Anexo desta Lei, com duração de 12 (doze) anos e regido pelos seguintes princípios: ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm (Redação dada pela Lei nº 14.156, de 2021)

Observo que os incisos do artigo 1º do PNC consolidam grandes compromissos das gestões públicas, sobre práticas voltadas para a cultura e dentro desse segmento estão as vertentes religiosas e suas festividades populares. Porém, na prática, evidenciei uma segregação em alguns municípios mostrando que interesses individuais e religiosos sobressaem tanto a cultura, quanto as leis. Aponto algumas falas desses protagonistas-gestores acerca dos fenômenos e sobre os territórios sagrados da Região Metropolitana do Cariri e como são manifestadas as ideias de lugares místicos mais pontuais do que globais, em relação a territorialidade por uma geotecnopsicosfera que envolve elementos diversos na construção desses espaços, vejamos:

- **O que seriam Territórios Sagrados e como eles se manifestam no município em que você é gestor/a da cultura diante da RMC?**

Temos essa identificação dos territórios sagrados e fortificamos de forma geral toda a RMC. A linha é que a cada dia mais a gente possa ligar um ponto a outro fazendo as interseções, assim como estou tentando fazer o Pe. Cícero que nasceu e foi batizado no Crato, o caldeirão e tudo que possamos ter um contexto relacionado e geral que possamos identificar e explorar de forma conjunta em toda a região do Cariri (Secretaria de Cultura e Turismo do Crato, 2018).

Sabemos da existência e passagem dos índios Kariús por aqui. E tem uma família que em suas terras tem um cemitério indígena, mas ainda não é cultuado. Por estar em uma propriedade privada ainda não tem visitação, mas algumas ações como exposição já foram feitas para atrair pessoas. Não só aqui, mas em todo canto a gente ver o crescimento das pentecostais e neopentecostais e na década de 1990 deve um aumento avassalador, mas hoje está mais tranquilo, pensando no crescimento de novas religiões que não católica. Aqui quase toda rua tem uma igreja, mas a católica ainda é maior parte da população. Em relação a matriz africana aqui tem algumas, até tenho conhecimento de uns terreiros num distrito perto. Mas ainda é muito implícito por conta da discriminação e não conhecimento da intolerância religiosa (Secretaria de Cultura e Turismo de Farias Brito, 2018).

Pensar no território sagrado eu vejo por exemplo pessoas que chegam aqui e não tomam remédio, pessoas que chegam aqui e tem uma convicção uma fé tão grande que abandonam tudo. Já teve gente que falou comigo que não estava conseguindo fazer tratamento dos rins, hemodiálise, e disseram eu vou ao Cariri porque não posso deixar de ir, isso é fé. Não estou aqui pra tocar na coisa da religião, mas o respeito a fé. Então fé pra quem crê e para quem acredita é um território sagrado. Quando se trata de um território sagrado as pessoas tratam de uma forma diferente e valorizam até muito mais do que muita gente daqui de dentro valoriza. O território sagrado passa um pouco de tudo, não apenas da religião, mas passa pelo respeito pelo meio ambiente, por uma cidade limpa e pelo que você crê, pelo que acredita e por ter um comportamento diferenciado. E está num lugar sagrado não é se sujeitar a tudo, até que tem gente que quer vivenciar, mas muita gente não vem porque não sabe que temos bons hotéis, tem gente que acha que abrir uma casa e jogar o peregrino como animal ali dentro sem condição e higiene, isso foge do viver o território sagrado. Falta cuidar mais do peregrino que vem para região em busca desse território sagrado, espaço que lhe é muito caro tanto materialmente quanto espiritualmente (Secretaria de Turismo de Juazeiro do Norte, 2018).

Comprovei como as falas setoriais da cultura, postos pelas narrativas, se misturam e segregam a percepção geográfica do real-simbólico tatuados em fenômenos que, aparentemente, são

próprios, mas ao mesmo tempo se tornam vagos e distantes parecendo que suas narrativas estão num passado culturalmente desprezado, enquanto algumas linhas apontam uma territorialidade menos sagrada ou menos mística do que se apresenta na realidade.

Será efeito geopolítico de ser ou apenas a necessidade de mostrar-se distante para preservar uma cultura enigmática do sagrado tanto falado na região como rede turística religiosa? Na verdade, é perceptível que existe nas falas um olhar de pertencimento e desejo de transformação do lugar para atender demandas mais políticas de desenvolvimento do que de pertencimento das festividades culturais, como maneira de preservar as tradições e firmamento do que de fato é um território sagrado a partir das relações mais populares e menos institucionais.

A esfera da cultura movimenta perspectivas territoriais dentro de uma subjetividade, possibilitando fenômenos socioambientais e psicológicos que trazem nesse meio olhares multifacetados e agregadores para uma geografia humanista, das percepções daqueles que ocupam espaços e que determinam como elementos técnicos devem ser inseridos para atender as demandas de uma “sociedade pulsante” a partir dos manifestos tradicionalmente populares. E em alguns casos manipulados com imposições de regras para uma justificativa da manutenção “engessada” do que precisa ser rompido, para a representação simbólica do misticismo sagrado e profano presente nessa região.

Berdoulay (2012, p. 124-125) me faz perceber essa ideia subjetiva, porém simplória quando aponta “as relações entre o espaço e a cultura como múltiplas” e ainda afirma que “elas põem em questão fenômenos que são ao mesmo tempo (in)materiais, objetivos/subjetivos, tradicionais/modernos, coletivos e individuais”.

As três narrativas trazem uma pequena amostra de como cada pasta percebe a sua célula gestora, quando destacam ora a fé e a espiritualidade individual/coletiva do peregrino e seus manifestos pelo sagrado, ora buscam um olhar sobre o que de fato poder ser considerado tradicional e culturalmente apontado pelos lugares de passagens indígenas e terreiros de matriz africana. Mesmo quando essa última é colocada de maneira presente, mas sem destaque expressivo no seio urbano, ficando bonita a expressão simbólica das religiões e distantes fisicamente do real, devido aos preconceitos vivos pela sociedade local. Além disso, fica evidente, nesse cenário, uma expressiva exploração da figura mística do Padre Cícero como elo entre o sagrado e o econômico, pela via do turismo religioso, que ousamos dizer, predatório da crença peregrina.

- **Você considera que seu município aparece na Região Metropolitana do Cariri de maneira significativa para a ideia de um território sagrado? Justifique:**

Acredito sim, que o Crato aparece de uma forma muito sagrado, o solo que tem de uma religiosidade muito forte e não só da católica e nós temos aqui no Crato manifestações religiosas de todos os tipos e acredito que o Crato tem um solo muito sagrado de história, inclusive de lendas daquilo que se criou do imaginário como por exemplo a caboclinha e uma série de coisas nesse sentido (Secretaria de Cultura e Turismo do Crato, 2018).

No meu ponto de vista acredito que sim. E começa com o assassinato de uma pessoa que colocaram duas cruzeiras aí as pessoas começaram a fazer promessa e alguns ficavam até com medo de passar perto de cruz. Segundo relatos da oralidade está escrito no tombo 1 paroquial que Padre Cícero profetizou que quando a pedra da batateira rolasse, que pra muita gente é uma lenda, e quando Cariri se transformar em mar, a Serra do Quincuncá iria servir de porto para os navios atracar para o pessoal não morrer. Pra mim isso passa a ser sagrado no meu ponto de vista. Então aqui tem um forte indício de ser um território sagrado. Sabemos que está muito na moda a questão da territorialidade que é uma coisa que precisa ser muito discutida (Secretaria de Cultura e Turismo de Farias Brito, 2018).

Já falei sobre isso quando respondi sobre os territórios sagrados. Mas, mas independe da minha religião temos que respeita a diversidade religiosa, acho que é até um mandamento bíblico. Deus deixou o livre-arbítrio e têm pessoas que abusam do livre-arbítrio. O problema que vejo no mundo e entro numa área mais agressiva e polêmica que é a questão da sexualidade. Não pode exagerar mas tem que ter espaço para todo mundo do mesmo jeito que a religião seja católica, evangélica e espírita cada um respeitando sem agredir o direito do outro. Agora tem uma parte que cabe ao poder público que somos regidos pelo ministério público e as pessoas acham que estamos tendo prioridades, mas não porque o Estado é laico (Secretaria de Cultura e Turismo de Juazeiro do Norte, 2018).

Evidentemente, as narrativas colocadas em respostas a esse território sagrado se divergem mesmo quando se convergem e todos/as acreditam que seus municípios contribuem com fenômenos que caracterizam uma territorialidade simbólica pautada nas crenças populares, nos ritos de fé, mesmo aqueles surgidos no medo, perpassando por proposta de desenvolvimento turístico religioso. Afirmativa essa que tem a colaboração de Rosendahl (2012, p. 87) quando aponta a religião pela geografia cultural se manifestando e se apresentando numa organização territorial, como posto nas falas em destaque sobre caminhos para a construção de um “solo sagrado”. Para ela, “o território é um importante instrumento de exercício de fé e identidade religiosa [...] o sagrado reflete tanto uma identidade de fé quanto um sentimento de propriedade mútuo”.

A técnica que movimenta a esfera da territorialidade sagrada no Cariri perpassa por dimensões psíquicas, em que gestores tentam se apropriar desses fenômenos para uma construção de espaços estruturados visando atender demandas econômicas com base nos movimentos nascidos nas histórias míticas desembocadas no surgimento de uma fé que ao longo do tempo vai perdendo o seu “marco zero” e se tornando elemento cultural, sagrado e profano. Como o exemplo citado que nasce em um assassinato, movimenta-se ao medo e se transforma e transcende a fé e conseqüentemente navega pelas trilhas gestoras formalizando, institucionalizando e comercializando todo esse processo.

Nessa perspectiva, nasce tanto no centro quanto às margens desses municípios uma territorialidade fortalecendo a Geotecnopsicosfera atendendo os anseios de uma massa e interesses

de lideranças a que Rosendahl (2018, p. 338) aplica a ideia de que “a territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação individual, de grupo social ou instituição, na tentativa de influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, assegurando o controle sobre uma determinada área”.

Toda essa esfera, alicerçada nos territórios sagrados, em constante movimento se espalha e se molda num espaço temporal para suprir uma carência seja real ou simbólica. Na tentativa de preencher lacunas que transcendem do pessoal para o espiritual, sobrepostas numa territorialidade “esculpida” como sagrada e que acalenta os mais necessitados de esperança e abraços a fé. Essas mudanças nos territórios religiosos acontecem a muitos séculos como destaca Rosendahl (2012, p. 87-88) e ainda reflete sobre uma territorialidade que se firma a partir do sagrado, por instituições ou grupos controlando pessoas e objetos, para a construção e solidificação de uma cultura moldada visando atender objetivos pontuais dos gestores e/ou administradores. Visto que, aparentemente, o discurso não está alinhado com essa construção de ideia de engessamento conceitual dada pelas autoridades executoras das práxis sociais.

• **Em meio às festividades religiosas pode-se considerar que há evidências de cura pela fé nos eventos religiosos das cidades da RMC?**

Não tenho, assim, de pesquisa, de conhecimento a cura nas festas religiosas. A gente acompanha gente que vem pagar por uma graça a Nossa Senhora de Fátima, ao Pe. Cícero, Santo Antônio. De gente que vem com essa fé muito forte em busca de um relacionamento e casamento. Tem gente que diz que alcançou o pedido na festa ao pegar no pau da bandeira. Então acredito que isso seja muito forte, ou pela fé ou pela religiosidade ou pela força do pensamento, acredito muito nisso, mas não tenho de forma concreta em pesquisa pra saber (Secretaria de Cultura e Turismo do Crato, 2018).

É! (risos). Têm muitos depoimentos Santana do Cariri com a menina Benígna, aqui mesmo no pontal tem a casa dos ex-votos, acredito que uma pessoa não ia chegar lá com uma cabeça pra dizer que fui curado (risos) e lá eles têm. Inclusive quando foi presidente da Associação Cultural Curumins do Sertão por muito tempo um cineasta da região mandou pra gente uma exposição de muitos ex-votos. Uma coisa interessante que acho no pontal é que os familiares levam lembrancinhas de morte que fica em exposição lá na salinha da ABRAFOR²⁷ no pontal do Padre Cícero (Secretaria de Cultura e Turismo de Farias Brito, 2018).

Vejo muitos relatos de pessoas que chegam aqui. E o que é a cura? O que é a fé? É o que nós vemos e cremos e independe da religião a fé é de cada um. E a gente vê muitos relatos e eu admiro muito a fé. Hoje sou evangélico, mas admiro muito a fé de muitas pessoas que não são evangélicas e que são católicas e que vêm sem a mínima condição financeira e sem a mínima condição digna de hospedagem e vêm. Aí pergunto: será que eu faria isso? Aí começa enxergando isso, pessoas vindo de longe e com relatos que foram curadas, pessoas que até param de tomar remédios, eu não faria isso. Independente da fé do que eu creio não deixaria jamais de tomar medicação, só se for algo muito forte. É o que a gente vê nessa

27 ABRAFOR - Associação Brasileira de Apoio às Famílias Órfãs do Município de Farias Brito – Ceará.

questão. E eventos vejo mais dentro da igreja católicas e evangélicas, não vejo muito na espírita e matriz africana (Secretaria de Cultura e Turismo de Juazeiro do Norte, 2018).

Fica evidente que nas narrativas dos gestores não existem, institucionalmente, por via das secretarias de cultura e/ou turismo, pesquisas para uma concretude sobre a interrogativa nas festividades sagradas da região do Cariri na cura pela fé. As falas gestoras depositam no sujeito peregrino o protagonismo da materialização dessa fé e, conseqüentemente, de curas particulares. As salas dos ex-votos demonstram que a fé pode curar e que ao depositar simbolicamente uma cabeça, um pé, um órgão de madeira ou gesso, fotos de casamentos, acidentes e carteiras de trabalho consagram uma resposta a uma cura real ou simbólica na vida daqueles/as que ao tocar os pés na região metropolitana, principalmente em lugares específicos como Juazeiro do Norte, recebem graças de cura ou chegam até aqui para agradecer, chorar, tocar e pedir bênçãos para eles e para os seus.

Quando expresso em festividades ou festejos estruturados economicamente, fica nítida uma intervenção direta dos gestores. E se tratando da cura pela fé e da peregrinação a célula pública administrativa repassa essa responsabilidade para a igreja, principalmente a católica.

Para o romeiro/peregrino e até mesmo os residentes dessa região mostram uma força na luta pela sobrevivência, subsistência e cura para os males do corpo e da alma. Olinda e Araújo (2016, p. 143) refletem a partir dessa relação entre cura e fé, quando afirmam que o romeiro não se entrega facilmente às suas dores e que os fenômenos de sofrimentos, enfrentados em suas vidas, os motivam para o caminhar e encontrar com outros sofredores para que na fé, na esperança e na partilha resistam as intempéries sociais, econômicas, psicológicas e de saúde como fuga do sofrimento e encontro com sua espiritualidade.

Para o peregrino não importa como os gestores públicos interpretam a sua fé ou se questionam as suas curas por acreditar que são “concebidos de graças”, para a liberdade e conforto que transcende as leis humanas. O sujeito de fé simplesmente se autoriza a imbuísse de algo que nem ele sabe explicar, pois para ele o sentir lhe torna protagonista vital desse espaço sagrado e sacralizado, possibilitando dessa maneira concretudes reais que perpassam a simbologia mística das benzas, tornando-as reais e conscientes.

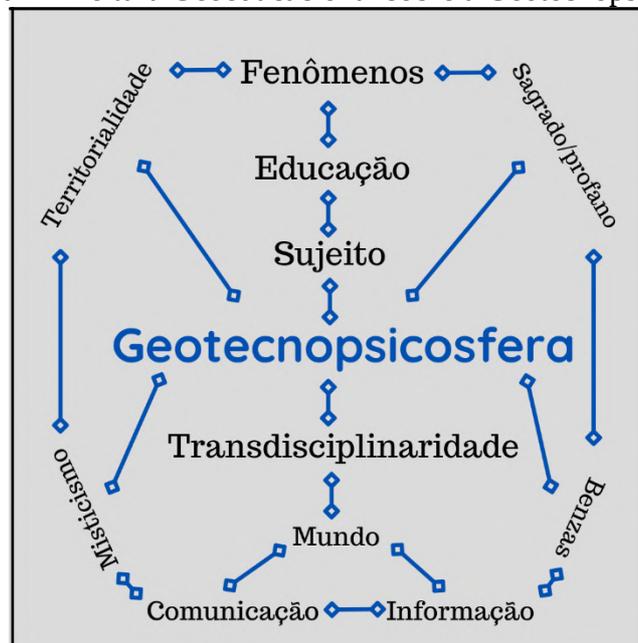
5.2 Geotecnopsicosfera e Geoeducação: os fenômenos místicos nas vivências e percepções numa Geografia cultura e humanista

Quando introduzo a ideia de uma geotecnopsicosfera e a dinâmica do lugar a partir de uma territorialidade sagrada é notório e não concebido o distanciar do campo geoeeducacional como

intérprete dos fenômenos que constituem uma determinada região. Principalmente, quando as festividades ou elementos místicos das benzas são emanados pelos “poros” de uma terra considerada sagrada, e que o campo educacional muito tem a contribuir nessa construção, seja no processo de conhecer, saber e informar, sejam nas vivências como protagonistas idealizadoras de alguns manifestos, a exemplo dos planejamentos festivos religiosos na comunidade escolar.

Para uma melhor compreensão de uma Geografia escolar e os fenômenos místicos visito em Oliveira (2010, p. 195) quando aproxima a Geografia da Educação fortalecendo o sujeito transdisciplinar para a construção pelo conhecimento do mundo vivido para manifestos de grupos sociais e análises que se interseccionam a olhares para um sentido posto na educação, vejamos na figura 7:

Figura 7 - Leitura Geoeducacional sobre a Geotecnopsicosfera



Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

O sujeito frente a essa Geotecnopsicosfera carece também de intervenções geoeducacionais para a construção ou manifestos dos fenômenos visando melhorar o diálogo com distintas áreas cujo objetivos traçados semelhantes para a compreensão desses territórios, principalmente nas ações festivas dos lugares. Para melhor solidificar essa análise é que Oliveira (2010, p. 50) auxilia quando diz que “a fenomenologia encaminha a melhor justificativa possível do conceito de sentido, como uma forma de fazer o desvelamento contínuo do conhecimento geográfico no espaço escolar”. O autor ainda aponta “a leitura fenomenológica como descrição infinita do fenômeno, de maneira a contemplar seus diversos ângulos”. Dessa maneira, temos um movimento geográfico capaz a partir da técnica e conceitos abrir espaços para a subjetividade dos fenômenos, e com elementos de uma

geoemoção nas memórias afetivas do lugar processados mediante o campo educacional e nas experiências de vida em esferas que se movimentam a partir do saber no saber.

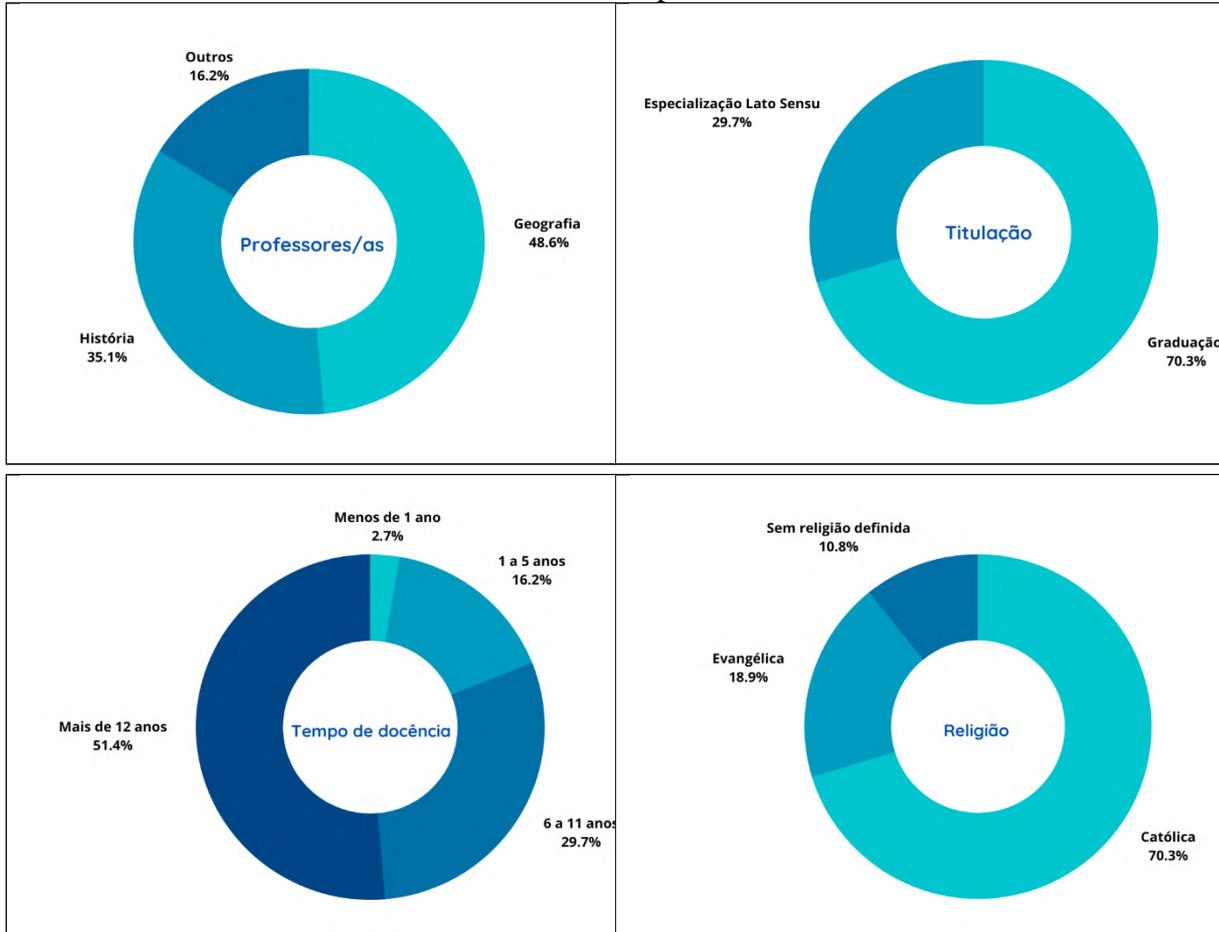
Para uma proximidade maior com esse campo da geoeducação, e através de uma Geografia Humanista e Cultural, realizamos um trabalho de proximidade entre a academia e o ensino básico, principalmente com professores/as de Geografia, História e Estudos Regionais na maioria dos municípios da Região Metropolitana do Cariri. Porém, dois dos nove municípios não foram contemplados por incompatibilidade de objetivos entre os setores responsáveis pelos processos de formações docentes, Crato e Jardim, e a proposta da pesquisa.

Ao participar do minicurso *Metodologias (Cri)Ativas: Olhares Geográficos das Festas*, ministrado pelo Prof. Dr. Christian Dennys, consolidei a ideia de que ali seria um dos caminhos para uma aproximação direta entre a academia, a proposta de tese e a educação básica (na área de humanas). Planejei com o aval do professor o mesmo minicurso, o qual o primeiro encontro aconteceu em Juazeiro do Norte, contando na abertura com a presença do professor Christian e dali em diante seguimos aos demais municípios. Para a nossa surpresa, a participação foi excelente, visto que nesse segmento trabalhamos a partir das festividades locais os fenômenos místicos das benzas, a intervenção/participação das escolas nos eventos e dentro de uma leitura geopsíquica e geoemocionais.

Fui contemplado com as narrativas das memórias afetivas dos lugares dos/as professores/as, que buscaram referências e elementos da infância nos fazendo perceber o dinamismo do lugar em diferentes épocas de cada localidade como resgate cultural e afetivo. O desfecho desses encontros foi como os/as professores/as se relacionam os fenômenos místico das benzas, e como a partir dali poderíamos ter contato com mulheres benzedeiros de cada localidade.

No início de 2020, precisamente no mês de fevereiro, começaram os registros da pandemia da COVID-19 no Mundo e no Brasil. A partir desse momento foram lançados decretos de isolamento e distanciamento social, limitando e dificultando os encontros com os/as professores/as dos municípios que estavam agendados para aquele ano o minicurso.

Fazendo uso da tecnologia e através de plataformas virtuais continuamos com o projeto, e no final através do formulário eletrônico *Google Forms* propus perguntas em que os/as professores/as responderam a partir das vivências nos encontros presenciais e virtuais, respostas as quais apresentamos as 37 participações. Eis aqui fragmentos de uma técnica fazendo uso informatização, da internet e da tecnologia, o espaço geográfico se mostra, também, na virtualidade:

Gráfico 2 - Perfil dos/as professores/as do minicurso

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Textualizando o perfil apresentado nos gráficos, dos/as professores/as que responderam ao questionário temos: 48% lecionam a disciplina de Geografia, 35% História e dos demais tivemos a participação ministrantes das disciplinas de Estudos Regionais, Língua Portuguesa e Matemática. Esses dois últimos solicitaram participar do curso por considerar a temática inovadora para as suas práticas docentes. Enquanto a titulação, foram notificados 69% com especialização Lato Sensu e 30% graduados/licenciados, a maioria durante o curso manifestaram interesse em tentar a seleção de um mestrado na área ou em Educação. A grande maioria com 51%, atua na docência a mais de 12 anos.

Buscando uma percepção em torno das religiões, para ter um “termômetro” de como chegar nas benzedeadas, até porque em geral pessoas católicas têm maior interesse pelas práticas dessas benzas, identifiquei que 70% são católicos, 19% evangélicos e 11% sem religião definida. Registro que a doutrina Espírita e Religiões de Matriz Africana não foram sinalizadas no formulário, alguns/as falaram informalmente que frequentam quando possível Centros Espíritas e Terreiros ou Casas de Religião de Matriz Africana. Essa omissão nas respostas, mesmo essas religiões estando

contempladas no formulário, nos mostram o quanto algumas pessoas ainda têm reservas e preconceitos para assumir as suas práticas religiosas.

Quando indaguei qual a maior festividade no município os/as professores/as apresentaram a partir das suas percepções as seguintes respostas:

Quadro 8 - Maior festividade do ponto de vista dos/as professores/as

Município	Quantidade de respostas	Festividade
Barbalha	6	Festa do Padroeiro
	1	Festa de São João
Caririaçu	6	Festa do Padroeiro
Crato	2	Festa agropecuária
	1	Festa da Padroeira
Farias Brito	7	Vaquejada
	1	Romaria ao pontal do Pe. Cícero
Juazeiro do Norte	2	Romarias
Missão Velha	4	Festa do Padroeiro
	1	Vaquejada
Nova Olinda	1	Festa do Padroeiro
Santana do Cariri	6	Festa da Padroeira
Total de respostas	38	

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

Justifico a presença do Crato na tabela, mesmo não sendo contemplado pelo minicurso, pois dois professores que ministram aulas em outros municípios e que residem nessa localidade informaram que preferiram responder por sua cidade de origem enquanto residente. As festividades religiosas, apontando 100% de religião católica, destacam a festa do/a padroeiro/a como a mais importante para o município, alguns apontam esse festejo como sendo o maior evento cultural a exemplo da festa de Santo Antônio, em Barbalha. Seguida das vaquejadas como fenômeno cultural com rituais postos por regras, que avaliam as participações em categorias e premiações.

Algumas dessas vaquejadas, como acontece em Juazeiro do Norte, têm a sua abertura em frente à Igreja Matriz para que todos/as os participantes recebam as bênçãos para que se saiam bem das modalidades com saúde física e mental. Após a ritualidade de “proteção Divina” é comum as pessoas em seus cavalos seguirem em cavalgada até as arenas, construídas para essa finalidade. Cito que nesse intervalo entre igreja e espaço da festa, pensando no sagrado e profano é um momento “regado” de muita bebida alcoólica, aplausos e gritarias e a multidão aguarda nas ruas esse “cortejo”. Os cavalos se tornam os grandes protagonistas com suas alegorias e destaques que os conduzem a momentos polêmicos por parte da população, que vê sofrimento para os animais e diversão para os humanos, mas essa é uma discussão que não exploro nesse momento, ficando apenas à reflexão do leitor.

Algumas escolas trabalham tanto as temáticas em torno das festas dos/as padroeiros quanto as vaquejadas com seus alunos/as, como algo afetivo, religioso e de pertencimento cultural. Trazemos como exemplo, o município de Caririaçu que tem o seu calendário escolar diferente dos demais da região do Cariri para contemplar as festas juninas e principalmente a festa do Padroeiro, São Pedro.

Na perspectiva de uma psicosfera em torno de uma geoemoção e memórias afetivas dos lugares, perguntei: como considera os afetos/emoções e a correlação com as memórias festivas do seu município? Para perguntas subjetivas temos respostas que falam muito de cada um em sua individualidade, mesmo em algumas situações trazendo o coletivo, a saber das perspectivas geoemoções – olhares da educação:

É um momento que faz muitas pessoas lembrarem da infância e também com alegria vivenciar o que a cultura nordestina tem de melhor.

Importante, pois faz parte da memória local de seus habitantes.

As emoções que permeiam a atmosfera municipal em tempos de Festa de Santo Antônio são as mais diversas, indo desde a ansiedade em esperar pelo cortejo e “fincamento” do Pau da Bandeira, passando pelas trezenas, quermesses, até a euforia dos shows no Parque da Cidade.

A correlação com as memórias do município dá-se com o esforço de envolver os barbalhenses e visitantes num conagraçamento de gerações na tentativa de preservação da festa.

Acredito que existe uma relação intensa e indissociável do povo com as festas religiosas e populares, isso fica evidente quando se aproxima o dia das festas e as emoções ficam afloradas na maior parte dos membros da comunidade onde se realizará os festejos.

Algo que perpassa de geração para geração, em especial a do Padre Cícero Romão Batista que está enterrado no município.

Extremamente ligadas uma vez que desde a infância envolve-se nessas festividades as tornando parte de sua história é fundamental na construção da personalidade”. Afetos determinam a forma como os indivíduos visualizam o mundo, como também seu modo de manifestar-se dentro dele.

Lembranças e memórias de alguns amigos e parentes que não estão mais entre nós.

As festas de padroeiros nas cidades pequenas sempre estão carregadas de memórias afetivas de todos os que delas participam, direta ou indiretamente o afeto é passado de geração a geração. Isso faz com que a relação afetiva a esses momentos seja muito forte em todas as pessoas do lugar, até mesmo daquelas que já não residem mais aqui e vem nessa época do ano para viverem e reviverem esses momentos.

O afeto está relacionado a ligação que podemos observa nas comemorações entre as famílias em unir gerações que se reúne para celebrar a festa e relembra o passado e o presente.

A festa de fato altera as emoções das pessoas da cidade por ser no mês de julho, período das férias, muitas pessoas aguardam rever parentes, familiares, amigos etc., uma das maiores festas do interior nordestino, a cidade eleva grandiosamente o número de visitantes.

Atualmente essas relações afetivas estão um pouco esquecidas, pois a juventude atual não valoriza muito essas memórias.

Por ser membro de uma igreja evangélica não comungo veementemente de algumas práticas culturais e religiosas do município. Como a vaquejada e a festividade da padroeira do município. Mas carrego boas lembranças do período da “semana santa” com os conhecidos “caretas”. Lembro-me que tinha um pouco de medo quando criança[...].

É um momento em que esses afetos em relação as memórias são muito fortes. Os encontros, reencontros, a preparação para a festa, os cheiros, os sabores, o parque, a novena, os fogos no patamar da igreja, a banda de música, entre outros fatores nos transportam no espaço e no tempo. Creio que seja bem difícil quem viveu a festa de Senhora Sant’Ana em outros momentos não se emocionar, entristecer ou manifestar outros tipos de sentimentos. Assim ocorre em outros momentos festivos também.

(Narrativas de professores/as da Educação Básica dos municípios da RMC, 2019-2021-2021)

Como pensar uma geoeeducação quando professores/as estão submersos no território e suas memórias afetivas do lugar refletem diretamente na composição das respostas vistas em suas narrativas? As festas religiosas, principalmente dos/as padroeiros e as festas juninas como fenômenos culturais são resgatadas simbolicamente nas narrativas desses sujeitos quando protagonizam suas próprias experiências, postos no lugar em que nasceram, cresceram e que hoje atuam como professores/as que trazem em suas falas um poder de pertencimento e apego para além dos conceitos impressos nos livros didáticos. Demétrio e Barbosa (2016, p. 3) dizem que a afetividade e o apego estão relacionados aos fenômenos presentes numa territorialidade, e que o indivíduo não deve ser visto apenas biologicamente, mas também as coisas de maneira real/simbólica, ou seja, tangíveis e intangíveis.

A essas respostas subjetivas sobre o lugar e suas festividades como espaços vividos trago as memórias recentes dos encontros com/as os professores/as durante o curso. Textualmente não conseguirei expor suas narrativas de maneira tão saudosas, emotivas e expressivas quando descreviam cenários e cenas protagonizadas por seus familiares e amigos na praça da cidade, nas quermesses, nas contações de histórias dos mais velhos e a saudade de um tempo que não volta mais. Ainda hoje, durante as festividades religiosas de grande relevância para os municípios surge a tentativa de um resgate do passado quando os filhos retornam ao seio familiar e as suas origens para vivenciar fragmentos de algo que não volta mais, falo dos filhos que cresceram e residem em outras localidades – cidades e regiões.

Nessas perspectivas educacionais suas falas fogem das estruturas de um plano de aula rígida e abrem caminhos para esse saudosismo justificado nos movimentos culturais, e claro que pelo que

presenciei está muito mais no individual enquanto memórias do que manifesto coletivo, por mais próximas que sejam suas narrativas. Dessa maneira, trazendo em Meslin (2014, p. 366) uma ideia dessa subjetividade motivada pelas lembranças individualizadas: “a memória explica, pois, em parte, o que nós somos e, objetivando nossas lembranças e revelando-lhes as causas ocultas, e ela nos constrói a nós mesmos”.

Os professores/as reconhecem os espaços de benzas, mais expressivamente católicos e evangélicos, e dentro das suas memórias afetivas surgem a figura da benzedeira. Para alguns/as essas mulheres que têm o dom da cura e que fizeram parte das suas infâncias e mesmo os que nunca tiveram contatos diretamente, conhecem ou conheceram alguma benzedeira em seus territórios. Esse foi um resumo geral sobre a pergunta: tem conhecimento de espaços de benzas em seu município? (Templos: católicos, evangélicos, benzedeiros, terreiros...), dos 37 entrevistados apenas 4 falaram não tem conhecimento sobre esses espaços. Porém a maioria já recorreu a espaços místicos em busca de rituais de cura, seja em suas infâncias ou levando seus filhos as benzedeiros. Apenas professores/as evangélicos falam que Deus e os médicos possibilitam a cura, não procurando ajuda das benzedeiros e nenhum/a trouxe experiências em terreiros ou casas de matriz africana.

As trocas expressas nas narrativas com tamanho laços afetivos e saudosos presentes nas memórias afetivas desses/as professores/as enriqueceram cada encontro, possibilitando enxergar na subjetividade presentes nas emoções, recursos humanos e psicológicos para aulas de geografia e história, se complementando aos conceitos propostos nos livros didáticos e rompendo com planos de aulas engessados.

O ano de 2020 não iniciou muito bem, por causa da pandemia da COVID-19 e os encontros, durante esse percurso, passaram a acontecer de modo remoto e acontecendo um grande distanciamento das narrativas que se tornaram vagas e sem emoção. Os/as professores resistiam se expor em rede e esse fenômeno tecnológico, que possibilitou a continuidade do curso, mas inviabilizou a naturalidade em suas falas e comprometeu diretamente o caminhar dos encontros. Nos mostrando que nós seres humanos e educadores carecemos de fato do contato presencial para momentos mais “acolhedores” das falas, das emoções e nas possibilidades de interações quando se fala em geoemoções e memórias afetivas do lugar, para a construção de uma geotecnopsicosfera de maneira humanista que permite análises e interpretações a partir de elementos reflexos da subjetividade vivenciadas no lugar.

5.3 “Ser romeiro/a”: narrativas de fé e devoção na territorialidade sagrada do Cariri Cearense

Na perspectiva dos/as romeiros/as que visitam a região, principalmente Juazeiro do Norte, devido ao fenômeno do suposto milagre da Hóstia em 1889²⁸, tem-se aqui uma “terra santa”. Porém, quando discutimos sobre uma territorialidade sagrada numa projeção política e econômica acredita-se que esse fenômeno tenha extensão nos nove municípios que a compõe.

Mas, para a maioria dos/as romeiro/as esse território se limita a um único município, Juazeiro do Norte, quando no máximo chega a Santana do Cariri em decorrência dos fenômenos e processos religiosos para projeção da beatificação de Benigna e mais recente ao Crato por causa da estátua de Nossa Senhora de Fátima e, timidamente, o Pontal do Padre Cícero, no município de Farias Brito. Castro (2016, p. 307) fortalece essa afirmativa quando aponta a santidade desse lugar, Juazeiro do Norte, crescente a cada romaria a partir do fenômeno da fé quando o/a romeiro/a numa visão mística e simbólica carrega consigo gratidões, devoção e idiossincráticas manifestas em suas orações e devoção aos elementos considerados sagrados presentes nesse território sagrado. O autor ainda pontua que são diversos os motivos que provocam os/as romeiros/as para os manifestos de suas ações “num universo místico e simbólico onde o sagrado se revela aos pequenos”.

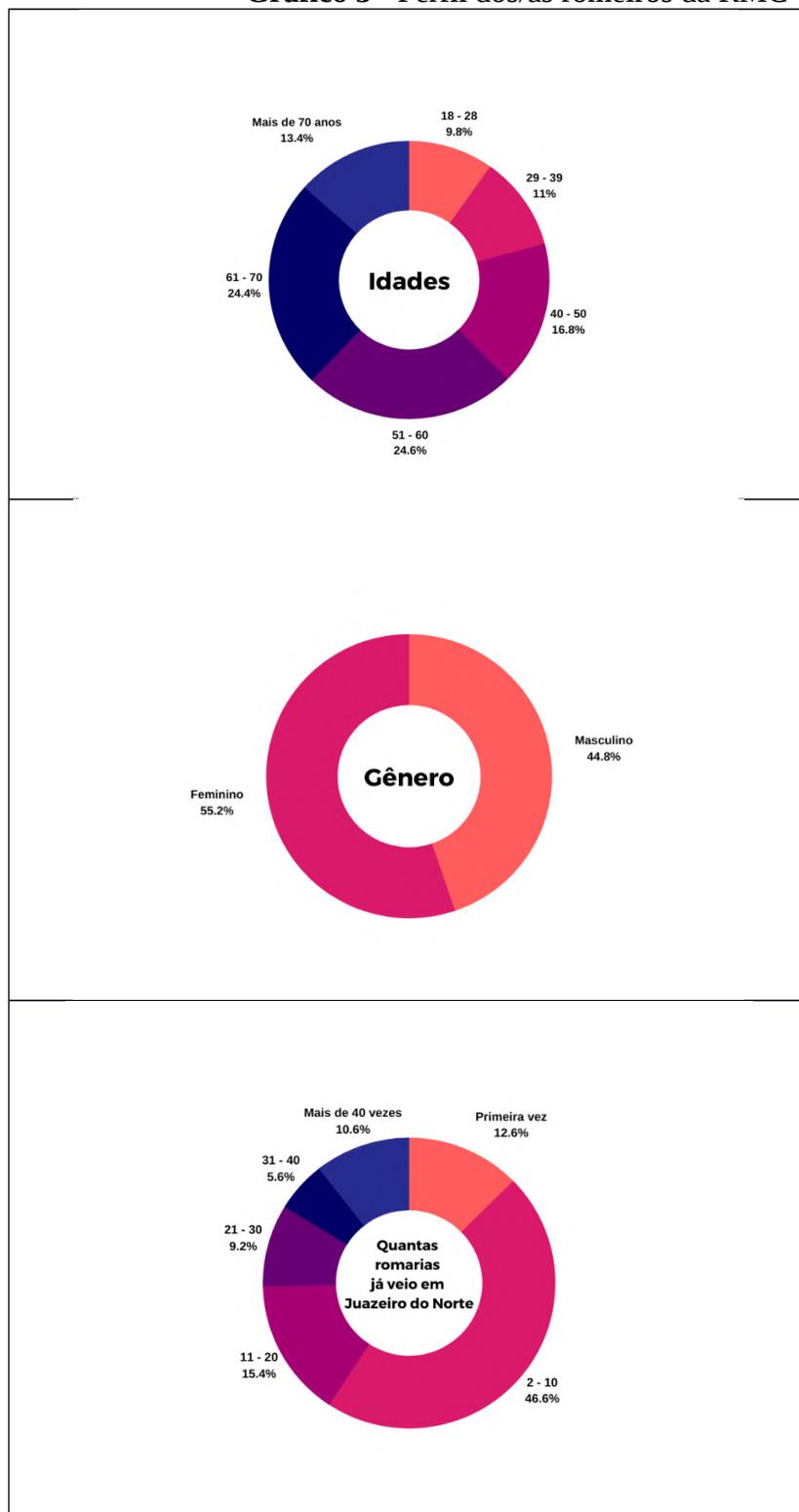
Quando constatei grandes deslocamentos, alguns com mais de 500km, entre as residências dos/as romeiros/as à região do Cariri, identifiquei que agregado a fé pelo olhar geoemocional são trazidos sentimentos de pertencimento através das experiências que dinamizam a simbologia do lugar. Não apenas nos manifestos sagrados, mas nos profanos, nos laços de afetividade, saudades e emoções que brotam a cada espaço visitado mostrando o sujeito como protagonista desse cenário de maneira que transcende a sua estadia. Pois, esse processo se inicia muitas vezes quando esses sujeitos/as se planejam para vir e quando vão embora levando esperança de um retorno e o fortalecimento da fé. Oliveira *et al.* (2007, p. 5) nos falam como esse processo ocorre:

A religiosidade, sistematizada ou não pelas religiões universais, se apresenta como um fenômeno desencadeador de deslocamentos populacionais, através das peregrinações. Responsável pela mobilidade territorial de milhões de fiéis e simpatizantes de uma determinada crença, tal força religiosa vem sendo combinada aos fatores mais profanos para condicionar a movimentação, ainda que num primeiro momento, imaginária, dos que “devem” se locomover em virtude da fé.

²⁸ Ver resumo dessa história em: “Milagre da Hóstia” desencadeou romarias: Diário do Nordeste - Escrito por Redação, 20 de julho de 2011 – disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/milagre-da-hostia-desencadeou-romarias-1.572643>.

Para compreender um pouco sobre a mística dos fenômenos, nesse circuito de peregrinação, entrevistei 500 romeiros/as (2019), compilando algumas respostas para alcance de um panorama desse segmento, posto ao sujeito de fé.

Gráfico 3 - Perfil dos/as romeiros da RMC

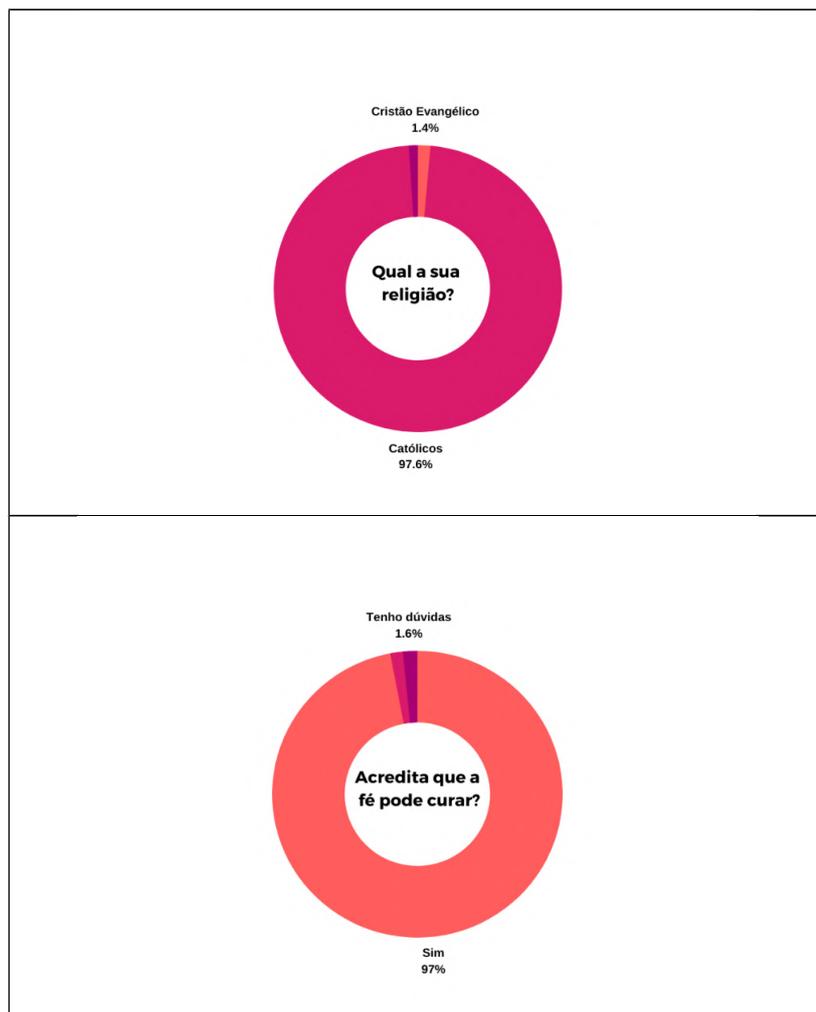


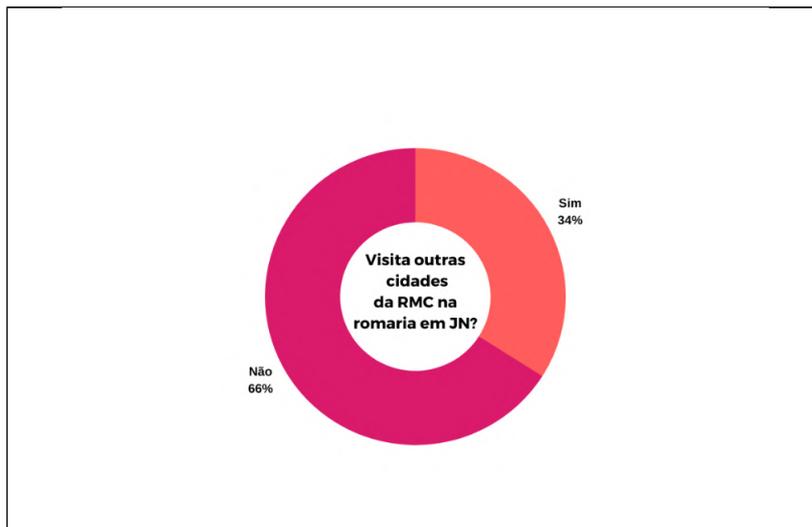
Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Observei que mais de 60% estão com mais de 50 anos de idade e abro aqui o seguinte questionamento: será que existe uma renovação de gerações interessadas na continuidade dessa peregrinação? Para alguns/as romeiros/as sim, pois incentivam e trazem seus/as filhos/as e netos/as para conhecer a terra do Padre Cícero e fortalecer as suas crenças e fé. É predominante o número de mulheres chegando a 55% do grupo de visitantes e cerca de 40% retornaram a Juazeiro do Norte mais de 20 vezes. Desse número, mais de 10% visitaram mais de 40 vezes e 12% dos/as entrevistados/as estavam pela primeira vez nessa localidade, é possível que essa renovação de geração esteja elencada nesse percentual.

Traçando um perfil religioso dos/as romeiros/as procurei saber, mesmo tendo ideia prévia das respostas, qual a religião prevalece diante de uma religiosidade popular nos territórios sagrados do Cariri, vejamos:

Gráfico 4 - Perfil religioso dos/as romeiros que visitam esse território sagrado



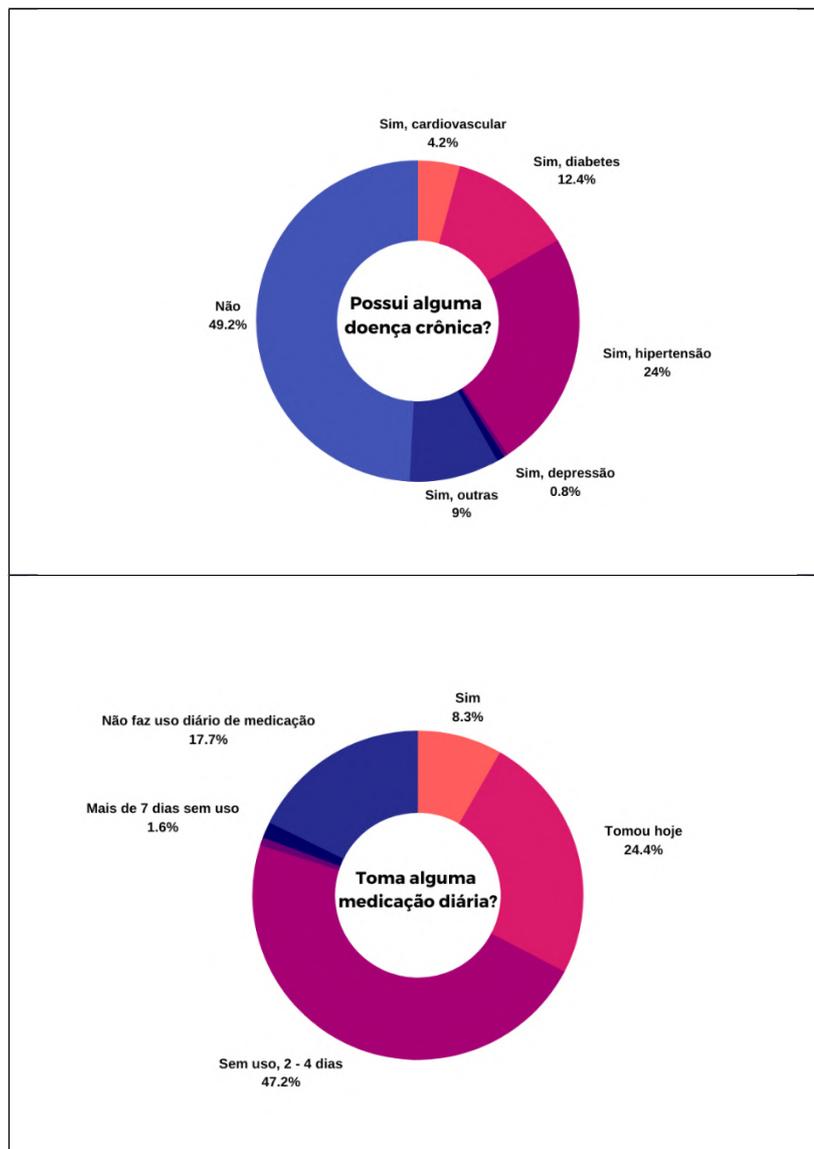


Fonte: elaborado pelo autor (2021).

No gráfico 4, traço três configurações que perpassam pelo aspecto religioso. Sendo que 97.6% são católicos/as, 1.4% evangélicos e menos de 1% sinalizaram outras religiões. Os/as visitantes evangélicos, em suas falas, não se consideraram romeiros/as e sim turistas. Justificando assim, a sua vinda ao Juazeiro do Norte, pois para esse grupo o que importava era conhecer uma das cidades turísticas mais famosas do Nordeste. Identifiquei, também, nas respostas das pessoas que falaram ser de matriz africana um receio em verbalizar com medo de um “julgamento” preconceituoso sobre a sua religiosidade e vindo a esse território predominantemente católico. Meslin (2014, p. 137) nos diz que “é a fé que, acrescentada pelo sujeito ao sentimento e a emoção que ele sente, confere à experiência que ele vive o estatuto de experiência religiosa.

A força dessa fé é destaque quando 97% dos/as entrevistados/as acreditam que pode sim existir uma cura para os males do corpo e da alma, através das suas crenças e devoção. E essa devoção rompe com a ideia de uma região mística pelo sagrado quando a afirmativa sobre o território sagrado está no município de Juazeiro do Norte, quando 66% desses protagonistas da fé não visitam outras cidades, mesmo as mais próximas como por exemplo Crato, Santana do Cariri e Farias Brito. Desses 34% que visitam outras localidades afirmam que em alguns casos o interesse não é religioso, e parte dessas cidades estão fora da Região Metropolitana do Cariri ou até mesmo em outros Estados.

Para compor uma análise em torno da fé e dos processos relacionados à cura na visão dos/as romeiros perguntei sobre as suas condições de saúde, e alguns procedimentos para minimizar riscos de agravos durante a estadia em Juazeiro do Norte, vejamos:

Gráfico 5 - Perfil religioso dos/as romeiros que visitam esse território sagrado

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No gráfico 5, surge uma preocupação quando percebi que predominantemente temos entre os/as visitantes uma maioria com mais de 50 anos, sendo que mais de 50% apresentam alguma doença crônica²⁹. Para uma parcela de romeiros/as a cura está na figura do Padre Cícero e/ou dos seus Santos/as de devoção e por estarem em “terreno sagrado”. Quase 50% ficam entre 2 e 4 dias, sem fazer uso da medicação que precisa ser administrada diariamente e quase 2% ficam mais de 7 dias. Inicia dessa maneira “uma briga” entre a necessidade vital do uso da medicação e “a cura pela fé”, causando, para alguns/as, um efeito psicológico de saúde, bem-estar e de pessoa sã física, mental e espiritualmente.

²⁹ Para a OMS doenças crônicas são aquelas que precisam de um acompanhamento constante e que duram mais de um ano, ou até a vida inteira do sujeito a exemplo de doenças cardiovasculares, diabetes, câncer, hipertensão entre outras.

Para Almeida e Bicudo (2010, p. 182) “nos serviços de saúde, a psicosfera provém do deslocamento do ‘olhar científico’ que primeiro indaga, vendo através dos sintomas, em direção ao conhecimento científico-tecnológico”. Mas, para alguns/as romeiros/as esse conhecimento institucionalizado da medicina fica em segundo plano ao adentrarem nos territórios sagrados e possibilitando que a psicofera se manifeste numa subjetividade, que abra espaço para fenômenos culturais, religiosos e curativos com “prescrições” validadas na fé.

Em algumas narrativas são apresentados relatos preocupantes, quando algumas pessoas em visita ao Cariri afirmam não administrar a medicação porque o Padre Cícero é sua cura. E em casos mais extremos sinalizam que caso tenham a “dádiva” de morrer aqui, por não tomarem a medicação, é porque receberiam “a graça” de morrer em terra santa e estariam em um bom lugar (no céu). Essa experiência com o sagrado, ou pelo sagrado em busca de uma “vida eterna” concretizada na “salvação”, “autoriza ao ego” a racionalizar ações que deveriam ficar no campo do simbólico para a promoção da saúde do sujeito.

Dessa maneira, pontua Meslin (2014, p. 121) quando coloca o valor do sentimento no manifesto rígido do eu como forte elemento da experiência religiosa num processo de aquisição e pertencimento. Nesse caso, a tomada de decisão do sujeito por suas verdades intrínsecas sejam reais ou simbólicas, manifestas no consciente pelo seus reais desejos inconscientes: prognóstico - adoecimento – medicalização – decisão – cura – fé.

Nesse contexto, são apontados como os territórios sagrados têm fundamental e significativa importância nas experiências e vivências dos/as romeiros/as, ao ponto de depositarem a sua saúde e vida nos fenômenos que transcendem a compreensão humana, pautada no misticismo e/ou milagres que se destacam nesses territórios. Para o devoto, a ida aos espaços sagrados representa uma proximidade com o Divino e suas experiências transcendem a fé.

A importância de estar em Juazeiro do Norte simboliza tanto agradecimentos, quanto a certeza de que seu papel como devoto que se cumpre a cada ritual em torno de símbolos religiosos como a estátua do Padre Cícero, a pedra do Joelho, as casas dos Ex-votos e até as pedras encontradas no caminho do “santo sepulcro” como afirma Castro (2016, p. 307):

Nesse espaço de Romaria da Mãe de Deus das Candeias, que ilumina os caminhos (fevereiro), da Romaria de Meu “Padiinho Ciço”, patriarca conselheiro do sertão nordestino (julho), da Romaria de Nossa Senhora das Dores, que alivia os sofrimentos das almas (setembro), da Romaria de Finados e Todos os Santos, que renova as esperanças (novembro), entre os fluxos de peregrinação ao longo dos demais meses do ano, além do luto que reveste a cidade no dia 20 de cada mês: esses são indícios de reconfirmação da materialização da fé nesse solo tido como santo.

Até o final de 2019 seria absurdamente hipotético pensar numa possível condição mundial, que afetaria diretamente os/as romeiros/as impedindo-os/as de saírem de suas casas e se aproximarem desses territórios sagrados. Pois é, esse fenômeno que chamamos de pandemia da COVID-19 que matou muitos em pouquíssimo tempo, principalmente no Brasil, imobilizou a todos/as prendendo-nos em nossos lares para que evitássemos contágios e conseqüentemente riscos de adoecimento e morte. Os decretos impossibilitando o ingresso nas cidades santuários trouxeram grandes impactos na economia local, nas ritualizações das igrejas e espaços públicos e no psicológico causando transtornos e muito medo. Diante dessa situação extrema a fé transcende os espaços físicos e todos tivemos que nos reinventar para continuarmos com nossas práticas místicas, sem perder esse contato com o divino.

Numa perspectiva geotecnopsicosfera, as dinâmicas a partir da técnica para um amparo psicossocial envolta das crenças dos/as peregrinos é que foi criado um multirão para orientar a não vinda a Juazeiro do Norte, bem como outros santuários espalhados pelo mundo. Porém, uma das estratégias fundamentais para manter cada vez mais o encolhimento das distâncias foi o uso da tecnologia e da internet como, nesse momento, principal elo entre os/as fiéis e seus lugares de manifestos espirituais.

Ao/a romeiro/a foi ensinado a fazer novos usos dos celulares para que pudesse acompanhar as celebrações litúrgicas, a realizar passeios virtuais por igrejas, museus e espaços sagrados. A sentir as bênçãos sacerdotais e a beber a água do copo que se materializa ao lado da TV, como água benzida e promotora de alívios físicos e emocionais, proporcionando um acolhimento e ao mesmo tempo um saudoso choro por não poder tocar nos elementos considerados sagrados. Até porque, um dos maiores vilões para a transmissão do vírus é o toque, algo tão importante nos ritos daqueles/as que creem.

Como delineado nessa construção grande parcela dos/as visitantes são adultos e idosos, e esses últimos estão numa das categorias com maiores riscos de adoecimento. Por esse motivo as autoridades buscaram confortar e manter a esperança de um futuro próximo, em que todos/as pudessem voltar de maneira gradativa, segura e com saúde aos territórios sagrados, feito esse que se celebra após quase dois anos e com grande parcela desse grupo imunizado com a vacinação. Aos poucos comecei a ver nas ruas das cidades e com o coração cheio de alegria os chapéus de palha, os terços nas mãos e as vestimentas próprias de quem retorna ao encontro com suas origens espirituais em agradecimento pela vida e também em busca de conforto e luz para os que morreram vítimas da pandemia.

5.4 Narrativas de terreiro: a ancestralidade e os rituais de cura

Navegar pelos caminhos de uma Geotecnopsicosfera numa territorialidade em torno dos fenômenos místicos é traçar um panorama para além de uma religião, mas pensar na religiosidade e/ou espiritualidade. A esfera que movimenta as vivências dos lugares possibilita uma conexão com fenômenos constituintes de uma rede conectora do real/simbólico, inseridos nos rituais das benzas sejam consagradas na fé católica, no fervor evangélico, na espiritualidade e transcendência de matriz africana e até mesmo dos cétricos. Porque esse último deve acreditar pelo menos nele mesmo enquanto sujeito existencial, dentro de uma técnica conceitual do ser.

Habitualmente contrapõe-se a fé em relação a técnica, dissociando fenômenos que poderiam convergir na mesma direção. E nesse caminho limitamos nosso pensamento, quando durante séculos, colocamos como verdadeira uma única vertente de fé e espiritualidade, denominando apenas de religião e negando outras vertentes de crenças e com múltiplas modalidades de crenças e identificando que “a fé é um pensar que se desloca para um além da pura consciência — do pensamento para a representação —, criando um mundo supra-sensível, que é essencialmente outro em relação à consciência-de-si” (HEGEL, 2002, p. 23).

A inexistência de médicos e a falta de medicamentos no período colonial, no Cariri, eram supridos por práticas e conhecimentos indígenas e posteriormente pelos boticários, migrado para um conhecimento mais técnico. Vieira (2018, p. 120) conta que a Medicina Popular nos quatro primeiros séculos foi muito presente nessa região. Elementos da natureza sejam vegetais e/ou animais eram os principais elementos para o processo de medicalização popular, até porque tínhamos uma população muito pobre e carente de serviços básicos, principalmente da saúde. O autor ainda nos traz referências dos primeiros agentes de medicina, que se destacavam nas figuras “dos feiticeiros, magos, pajés, rezadores, meizinheiros e as parteiras”. Observei que apenas essa última aparece no gênero feminino. Sem esse conhecimento técnico e especializado da medicina a mística nas ritualidades era aceita e fazia parte do cotidiano das famílias.

Nessa proposta validei a relevância da Religião de Matriz Africana na territorialidade sagrada da RMC, como resistência de uma religiosidade que até hoje sofre grandes preconceitos e ainda é segregada da rede de religiões consideradas “oficiais” por parte da sociedade. A ritualidade para os processos de benzimento e possíveis curas estão presentes nos terreiros e casas liderados por pessoas que enfrentam as intempéries sociais, muitas vezes instigadas por membros de outras religiões.

Dessa maneira, abri espaço textual para as narrativas de uma mãe de Santo/Sacerdotisa com grande influência e respeito por vários segmentos sociais da região, mas não mascarando ainda os preconceitos vividos e sugeridos.

Fotografia 10 - Narrativas de uma Sacerdotisa



Fonte: Acervo do autor (2019).

Sou Cícera Cicelia Freiras Lopes (Mãe Célia) – Iyálorixá Candomblé Ketu. Eu venho de uma fé católica por tradição e não por convicção. Minha mãe sabendo da minha espiritualidade, não aceitava. Porque na época não tinha o conhecimento que se tem hoje. A minha mãe me levou a um padre disse que eu poderia ter salvação? Como um padre diz isso, como outra fé pode dizer que eu posso me salvar? Eu não escolhi ser média, eu fui escolhida. Iniciei em 1986 na religião de Matriz Africana e vejo que tivemos um retrocesso, acho que estava tudo guardado, mas o preconceito é muito grande. Fiz o ginásio, trabalhei como técnica de enfermagem e pretendo fazer uma faculdade, quero fazer Psicologia porque já faço isso na vida, aqui a gente escuta de “tudo” (hoje Mãe Célia cursa o quarto período do Curso de Psicologia). No Candomblé as práticas das benzás e rituais para a saúde vem através dos búzios para saber qual a problemática se é material ou espiritual. E a partir daí que será dito através dos búzios, não somos nós que dizemos, quais os procedimentos necessários. Há uma diferença entre o tratamento de crianças e adultos, a criança é muito mais sensível. As benzedeadas, a Umbanda e o Candomblé cada um tem seus rituais, podem até ser parecidos, mas são diferentes. Em relação aos/as Santos/as católicos, eu ainda tenho uma fé católica, porque nasci numa família católica. Hoje do Candomblé tem muitos homens, mas é matriarcal, mulheres fortes, de pulso que controla toda a família dentro do Candomblé e na vida. A gente aprende a todo instante com as mulheres mais velhas. Hoje nós estamos aqui, eu dando entrevistas graças a grandes mulheres, não só aquelas escravas, mas também, grandes mulheres que lutaram e lutam até hoje aqui no Brasil. Ninguém é obrigado a ter religião, mas eu aconselho até, o ser humano precisa de base, ninguém pode ser livre se não se perde. As vezes as pessoas que nos procuram, e a depender do problema eu indico ao médico. O não cuidado da espiritualidade gera doença. As vezes a pessoa vai ao médico e o problema é espiritual. As vezes chega aqui e digo precisa de um médico e mesmo indo ao médico é importante cuidar da espiritualidade. Eu sou contra quando uma

religião diz “cura” e se teve porque não atestar clinicamente para comprovar o milagre? Pessoas da saúde as vezes indicam pessoas para nos procurar e as vezes essas mesmas pessoas da saúde procuram a gente. Nesse contexto temos vários relatos de pessoas que nos procuraram e ficaram curadas, não irei citar para não expor as pessoas. Como o sagrado não se mistura com drogas, acontece de alguém que é usuário, que tem vícios chegar aqui e não precisar de um trabalho tão profundo. Se por exemplo uma pessoa alcóolatra que vir pra cá, ou para qualquer igreja e se ele se propor a mudar ele consegue. Porque só conseguirmos tirar o alcoolismo quando é vertente espiritual, quando não precisa sim de um tratamento médico. Sobre a caminhada pela diversidade religiosa que acontece no Cariri, precisamente em Juazeiro do Norte, é uma caminhada de uma religião só, só do povo do terreiro. Se lançam convite para outras religiões, católica, evangélica... e muitas vezes alguns padre vão até a concentração e ficam até a hora de caminhar. Sei que eles têm as limitações, imposições e hierarquias não liberam, então é uma caminhada de uma religião só. A caminha é importante, é necessária, é uma vitória nossa, mesmo que estejamos caminhando sozinhos. O Padre Cícero merece respeito porque ninguém constrói uma cidade como foi Juazeiro sem um milagre, pra mim ele foi um grande médico e um grande vidente, um vidente histórico. Uma pessoa que viveu em oração, em reza e se ele não fez um milagre ninguém mais faria. Uma pessoa que vive em sacrifício e para fazer o bem, é sim capaz de fazer um milagre. Eu me chamo Cícera por causa do Padre Cícero. Sempre digo: Se ele não é Santo, quem mais é? Orixá é minha vida e sou do bem, sou da fé e sou do amor, amor ao sagrado que transformou a minha vida.

Observei atentamente, assim, na narrativa da Mãe Célia um compromisso social a partir do espiritual com todos/as aqueles que precisam de ajuda e conforto. A palavra tem grande peso e valor nos terreiros, principalmente diante de uma hierarquia que administra com conhecimento e propriedade nas tomadas de decisões. As instituições médicas por muito tempo tiveram, informalmente e por carência de profissionais da área nas religiões de matriz africana, como também indígenas, aliados para “diagnósticos” e tratamento de algumas enfermidades. Outrossim, pressiona uma dominação por parte de um grupo social e institucional que forçou, historicamente, o anulamento de práticas de uma medicina popular a partir do conhecimento da natureza.

Abrindo essa premissa, Santos (1999, p. 6) afirma que “suas práticas possuem como eixo matricial a luta para a implantação de uma ordem identificada à saúde (física e social) em oposição à desordem, consubstanciada pelos desequilíbrios físicos, emocionais, sociais e espirituais que geram a doença”. O autor ainda coloca que em tempos passados o medo da doença e da morte promoveram uma corrida para promoção da saúde e qualidade, a partir da união entre a religião e ciência.

As religiões de matriz africana são democráticas e abertas a todos/as que a procuram, conforme dito anteriormente. Entretanto, vale destacar que muitos profissionais da saúde institucionalizada encaminham pessoas para atendimento seja físico ou espiritual e, inclusive algumas vezes esse mesmo profissional se permite ser atendido em um terreiro. Esse fato parece que fica numa clandestinidade, já que a maioria não assume publicamente essa “visita” com medo do preconceito pelos próprios colegas da área da saúde. Por não se admitir que alguém com conhecimento técnico-científico transite por espaços em que ainda são vistos como não-lugar para uma parcela da população impregnada de preconceitos.

CAPÍTULO 6

“O CHAMADO” AO OFÍCIO DA CURA: NARRATIVAS DAS BENZEDEIRAS.



“Esse Dom de curar foi Deus que me deu, ninguém me ensinou”

(D. Francisca – Benzeadeira)

6 “O CHAMADO” AO OFÍCIO DA CURA: NARRATIVAS DAS BENZEDEIRAS

O Sistema Único de Saúde³⁰ é um modelo de saúde pública que chega na casa dos 30 anos de criação. É um projeto novo que surge para traçar planejamentos e estratégias para a atenção em saúde focando, principalmente, na população carente de maneira sistemática e efetivamente voltado para às reais carências da população. A área da saúde apresentava déficit de profissionais, sobretudo médicos/as e enfermeiros/as que atendessem as demandas de todo o território brasileiro, especialmente no interior dos estados. Para suprir essa carência tínhamos fortemente a presença dos curandeiros/as, que em geral faziam uso de mezinhas (medicamentos de conhecimento popular – plantas), e rezadores/as os/as quais adotaremos a partir de agora benzedeadas, no feminino, por ser o gênero que adotamos para a produção da pesquisa e “uma das razões para explicar tal destaque do gênero feminino, no exercício da técnica ou ofício do benzimento, tem relação com o predomínio de comunidades rurais e de estilos de vida rural mesmo no espaço urbano” (OLIVEIRA; MALHEIRO; PINHO, 2020, p, 206).

As práticas do benzimento, a utilização de plantas e ervas para auxílio nos processos de enfermidades remonta ao período do surgimento da região do Cariri. Em geral, atuavam curandeiros que faziam uso do conhecimento de uma ancestralidade, tanto indígena quanto africana. Naquele início de povoamento, a falta de médicos possibilitava a presença dos curandeiros, raizeiros e dos rezadores. Diferentemente dos curandeiros que tinham conhecimento das plantas, os rezadores tinham como o seu instrumento de cura de maneira direta o dom da palavra como aponta Vieira (2018, p. 124).

O conceito de Geotecnopsicosfera abraça o protagonismo das benzedeadas quando pensado na ideia de territorialidade sagrada na Região Metropolitana do Cariri, frente as práticas de uma medicina institucionalizada contrapondo-se as práticas geoeducativas.

Pensar em uma GTP, diante do sagrado a partir dos fenômenos das Benzadas, me permite muito mais do que uma investigação para o tema proposto como vemos na figura 1. Mas uma análise interpretativa e subjetiva sobre o sujeito que segue duas vertentes: a técnica posta por uma sociedade industrializada e formatizada e outra presente nos lugares em que a mística dos benzimentos, associada as crenças em rituais, possibilitam espaço de cura presentes na fé que transcende a psique humana.

Dessa maneira, trago dois segmentos que objetivam maior qualidade de vida e saúde para as pessoas e que podem andar paralelos ou totalmente avessos um ao outro que é a ciência médica

³⁰ A Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências, ou seja, a Lei que Cria o SUS.

institucionalizada e as práticas de benzimentos de pessoas, que aprenderam seus ofícios através da oralidade de gerações anteriores e/ou sozinhas. Percebe-se, com isso, que existem nessas práticas de ensinamentos, formais e informais, processos geoeeducacionais ora transmitido pelos livros ora pelas narrativas. Essa última, principalmente, pelas benzedeadas que além das “práticas de cura” orientam, aconselham e ensinam seu legado de sabedoria e experiência de vida.

A figura 1, revela que as ciências médicas devido as inúmeras especialidades se distanciou do humano e em vez de toques, narrativas e afetos são utilizadas como meios de intervenções as máquinas que mapeiam todas as estruturas do corpo humano. Enquanto que os “tratamentos”, através dos fenômenos presentes nos ritos de cura das benzedeadas, aproximam muito mais e cria um elo psicogeomocional entre os sujeitos envolvidos. Não à toa que existe, atualmente, uma vertente na saúde institucionalizada que tenta resgatar esse elo entre os profissionais e seus pacientes, que chamamos de equipe multiprofissional da medicina comunitária ou saúde da família.

Da Silva (2016, p. 105) mostra que pensar uma geografia das emoções permite a consciência de grandes desafios devido a complexidade que envolve essa área de estudo, na qual existe uma racionalidade traçada por lógicas políticas econômicas ou técnicas. Contudo, dentro da configuração tempo e lugar, são expressos fenômenos de vidas, dores, lutos, doenças, curas e que as relações socioemocionais não podem ser negligenciadas.

Explicitamente, lembro que as práticas das benzedeadas estão no seio das comunidades e os fenômenos geopsicoemocionais ligados às essas práticas são fortes, e para que essas barreiras sejam unificadas faz-se necessário que a instituição saúde perceba e respeite a cultura local. Para que nesses espaços exista a receptividade coletiva, possibilitando uma melhora nos tratamentos, atendimentos e maior qualidade de vida para as pessoas que ocupam esses territórios. E que são envolvidos por emoções de experiências vividas e guardadas em suas memórias afetivas do lugar, sendo visível na figura das benzedeadas os “retratos de acolhimento”.

Bruxas, charlatãs e mulheres que negavam a Deus e outros termos eram dados as benzedeadas no período medieval, por um igreja opressora e que não respeitava e nem validava outras possibilidades de crenças. Muitas mulheres foram penalizadas e até mortas por praticarem o ato de benzedeadas. A resistência e a necessidade vital de praticar seus ofícios, possibilitaram, mesmo que por muito tempo na clandestinidade, com que as gerações de hoje conheçam o papel dessas mulheres benzedeadas na sociedade. Papel esse que vem diminuindo a cada novo ciclo de geração, principalmente, com o aumento nas demandas de profissionais da saúde institucionalizados e das empresas farmacológicas que impulsionam a venda de medicamentos com a promessa de resultados muitos mais eficazes em um tempo consideravelmente menor do que a cura pelas ritualidades das benzedeadas. Sousa *et al.* (2021, p. 325) corroboram com essa afirmativa pontuando que:

Com o surgimento do modelo biomédico e as novas possibilidades de tratar enfermidades, assim como a grande renúncia por parte dos próprios familiares em perpetuar a tradição das benzas, o ofício das pessoas que “curam pela fé” vem se tornando cada vez mais escasso. É bem verdade que, atualmente, as pessoas perderam o interesse e este fato pode ser confirmado na prática, com o relato das próprias benzedeadas. Estas afirmam a importância de se querer aprender para que assim a tradição não se perca, mas que os próprios familiares não se interessam mais em dar continuidade ao legado, que desempenham um relevante papel na comunidade [...] Outro fato que pode ser constatado é a importância de se aliar os tratamentos biomédicos tradicionais com a fé, pois, assim, aumenta a adesão aos tratamentos farmacológicos e, conseqüentemente, a obtenção da esperada cura. Com isso, é possível demonstrar a notoriedade desta prática, até mesmo como uma aliada aos atendimentos nos postos, não devendo ser desmerecida pelos profissionais de saúde. Então, não é abandonar os tratamentos convencionais, mas buscar aliá-los como forma de potencializar aquilo que se espera.

Quando trago os fenômenos místicos das benzas no Cariri, não posso deixar de conhecer um pouco das narrativas dessas mulheres benzedeadas e como num elo de resistência conseguiu se firmar na sociedade atual, quase como sacerdotizas diante do seu poder influenciador nas comunidades. O papel social das benzedeadas como “instrumento divino” que leva a cura com suas palavras para os enfermos carentes de males do corpo, da mente e da alma, é visto com uma terapia espiritual. Elas são procuradas por pessoas das mais diversas classes sociais e crédulos. Muitas delas atuam na mesma localidade, em geral, em suas residências há várias décadas chegando a atender até três ou quatro membros da mesma família e de gerações distintas: filhos/as, netos/as e seus antecessores (pais e avós). É uma tradição passada de geração para geração, porém existe o risco de desaparecimento e num futuro próximo tenha-se apenas registros literários sobre a existência das benzedeadas.

Se existe uma cura pela fé, esse fenômeno é creditado as benzedeadas por suas práticas e resultados de melhoras daqueles/as que as procuram, em alguns casos até distantes e em outras regiões. Como um ser que transcende consegue realizar essa prática, carecendo as vezes apenas do nome ou algum objeto do/as adoecido/as? Para elas a reza não tem barreiras espaciais o que importa é acreditar para funcionar, sem maiores explicações.

A fala é o principal instrumento para a reza, porém algumas fazem uso de alguns elementos principalmente ramos, velas, água, entre outros. O que de fato importa para as benzedeadas é a sua conexão com o Divino, que as possibilitam ter um canal de transmissão dos processos de cura. Algumas benzedeadas são, também, mezinheiras pessoas que manipulam ervas artesanalmente para a produção e medicamentos caseiros como, por exemplo: lambedores (xaropes), sabão de aroeira que tem poder cicatrizante, a diversidade é infinita. Destaco que toda benzedeadas pode ser mezinheira, porém não necessariamente tem que acontecer o contrário.

Sendo a grande maioria das benzedoras mulheres de fé católica, elas têm em seus corações seus/as Santos/as de devoção que lhes ajudam tanto no momento das benzas, quanto em suas vidas particulares. Assim, os seres de luz as protegem dos males da vida terrena e espiritual. Por suas práticas de benzimento acontecerem dentro de suas residências, é comum, se não 100% têm a *Sala dos Santos*, que a sala principal da casa ou um quatinho reservado utilizado para esse fim, porém a tradição é que seja o primeiro espaço físico a partir da porta de entrada. Geralmente são postos nas paredes, oratórios ou mesinhas, quadros e imagens dos seus/as Santos/as e que em alguns casos falta a representação material dos seus por devoção.

Nas salas de algumas benzedoras muitas das imagens são doadas e por respeito a essa “presença” materializada desses *Seres de Luz*. A sala se torna um território sagrado e que não se pode realizar festas com bebidas alcóolicas ou que em geral não sejam festejos direcionados aos/as santos/as, a exemplo da festividade da “renovação do Sagrado Coração de Jesus e Maria”. Não pode faltar também a representação dos Santos Populares como o Padre Cícero e Frei Damião, mesmo esses não sendo reconhecidos pela Igreja Católica, como santos oficiais.

Por convicções e tradições orais e de fé, algumas práticas em torno do benzimento são comuns a maioria das benzedoras da Região Metropolitana do Cariri, como destacadas a seguir:

- a) São de religião católica;
- b) São líderes/chefas de família;
- c) São felizes e gratas pelo dom que têm;
- d) Não recebem dinheiro para rezar ou benzer;
- e) O ritual se dá por meio de orações e atos de benzimentos;
- f) Seguem movidas pelo grande dom e conhecimento sobre os seus propósitos na vida;
- g) Atendem pessoas de qualquer religião, acreditam que se as procuram porque precisam e elas ajudam;
- h) Não gostam de terem a sua prática de benza associadas a outras práticas que diferem das suas crenças;
- i) Indicam a ida aos profissionais de saúde quanto percebem que a reza chegou a determinado ponto que não ajuda mais às pessoas;
- j) Sempre utilizam instrumento para o auxílio da benza para que a enfermidade do outro não as atinjam, como por exemplo: ramos, ervas, pano, rosário, velas, copo com água, entre outros;
- k) Todas trazem em si a fé, em seu íntimo mais profundo, expressando muita humildade ao contarem suas histórias e ao escolherem o caminho exaustivo de servir ao próximo, incessantemente.

Fica evidente ao analisar os tópicos das práticas em torno dos benzimentos que as benzedeadas “doam as suas vidas” em prol de acolher o outro, abdicando em muitos momentos dos seus afazeres pessoais para atender as pessoas que chegam até suas casas em busca de alívio. E, prontamente, são atendidas e acolhidas em braços quase maternos. Para algumas pessoas da comunidade elas representam as suas mães que os acolhem e cuidam quando e como se fossem crianças. Podemos considerar que existe um retorno aos “braços perdidos” das mães, algo comum que pode acontecer aos/as filhos/as quando crescem. E nas benzedeadas essa falta pode ser preenchida mesmo que em uma simples escuta.

O papel das benzedeadas na sociedade tem despertado interesses em diversas áreas do conhecimento seja na Geografia, com olhar voltado para os fenômenos relatados na territorialidade, a Sociologia nas perspectivas dos manifestos e importância social, na História e Antropologia pelos processos históricos e culturais em volta das práticas das benzedeadas, da Psicologia num limiar entre a filosofia, a teologia e o misticismo de uma “cura” e da Psicanálise na busca de uma compreensão posto ao inconsciente, principalmente das pessoas que procuram as benzedeadas.

Diante desses achados, evidencio aqui uma perspectiva que muito é vivenciada pelas benzedeadas, a escuta. Não aquela escuta profissional de quem passou horas com a cara nos livros, em estágios, supervisões ou mesmo com pacientes pilotos. Mas, uma escuta fluída e sem teorias ou métodos que não as autorizem a opinar, questionar e até participar pragmaticamente das tomadas de decisões, ousado em chamar de “benzedeadologia”. Muitos dos que procuram essas mulheres buscam apenas falar dos seus conflitos pessoais, de trabalho e familiares. Resgatam sua infância, tentam elaborar suas dores e medos, compartilham suas conquistas e tomam decisões de vida.

Sabe o confessionário, a poltrona do consultório ou aquele divã? Está bem ali na poltrona e, às vezes, banquinhos embaixo de uma árvore, na sala dos Santos servindo de instrumento para mulheres com larga experiência de vida, com uma escuta atenciosa, com uma palavra de conforto e podendo exercer a sua “função materna/paterna”, ao sujeito resta apenas ouvir atentamente os ensinamentos daquelas que acreditam serem pessoas transcendentais ao Ser.

As benzedeadas realizam os seus rituais de cura, benzedeadas as pessoas sempre seguindo a luz do Sol, iniciam logo ao nascer e encerram suas atividades junto ao pôr do sol. Em raríssimas exceções elas atuam a noite. A crença no poder dessas mulheres leva as pessoas muitas vezes a procurarem seu auxílio espiritual mesmo antes de um atendimento médico, principalmente mães de crianças. Suas práticas de benzedeadas atuam em diversos males, como apresentados no quadro 9:

Quadro 9 - “Enfermidades x benzeção”

“Enfermidades”	Trechos de benzas
Espinhela caída – Engasgo	“Sangue que tem em si”
Mordedura de cobra – Engasgo	“Se te botaram na frente”
Bicheiras (miíase) – Izipra (erisipela)	“Para nesse campo alevantar”
Mal-olhado + Quebrando	“Mal-vizinho/a”
Dor de dente – Quebrando	“Com os poderes de Deus”
Torcicolo – Furúnculo	“Com Jesus Cristo”
Dor de cabeça – Cólicas	“Com Nossa Senhora”
Fadiga – Febre	“Eu te curo...”

Fonte: (VIEIRA, p. 124). Adaptado pelo autor (2021).

Conhecidas como guardiãs de uma prática milenar, as benzedadeiras protagonizam a manutenção de uma cultura e transformações na identidade das comunidades ao longo de séculos. Algumas delas chegam a ser conhecidas e reconhecidas até fora do seu lugar de residência, rompendo fronteiras e alcançando outros lugares. Nesses casos, elas fazem uso da mística do poder da mente e da fé, benzendo a distância, sendo necessário apenas o nome, uma foto ou um objeto da pessoa que precisa ser curada através da benzedura (OLIVEIRA; MALHEIRO; PINHO, 2020, p.208).

Durante o minicurso *Metodologias (cri)ativas* fui aos poucos sendo apresentado, pelos/as professores/as às benzedadeiras mais “famosas” dos municípios que compõem a Região Metropolitana do Cariri cearense. Todos/as os docentes conheceram e experienciaram em algum momento de suas vidas a benzeção pelas palavras e ramos das benzedadeiras. Outros/as ainda, hoje, levam seus/as filhos/as, netos/as e aproveitam essas visitas para receberem uma “limpeza” na alma com as palavras de força e fé dessas mulheres, consideradas “verdadeiras enviadas de Deus” em seus territórios.

6.1 Narrativa D. Francisca - Juazeiro do Norte

A oralidade é uma marca essencial nos processos de cura. Por esse motivo, que não deixam escritas as suas orações como se até mesmo materializando a palavra ela perdesse o seu sentido e valor no acolhimento de quem as procuram. Dessa maneira, apresento as narrativas das Histórias de Vida de algumas benzedadeiras do Cariri e nesse momento deixo as minhas homenagens a essas mulheres-guerreiras e de coração acolhedor das dores e dos males dos outros, apenas pelo simples fato de realizar o bem:

Fotografia 11 - Dona Francisca (benzedeira) e sua “sala dos Santos”

Fonte: Registro antes da pandemia, acervo dos autores (2020).

Sou Francisca, tenho 78 anos e entrei para 79. Nasci no Pernambuco e moro aqui desde os seis anos de idade, vim para cá em cima de uma carga de jumento, carga de caçua, via como romeiro tudo de pé, de cavalo e jumento. Comecei a rezar com 17 anos. Comecei com meus filhos e hoje tá espalhado no mundo todo. Aonde você perguntar quem é Francisca rezadeira, aqui no São José (bairro) todo mundo sabe (risos). Levei meu filho para uma rezadeira e ela disse que ela ir morrer e por isso não rezaria nele. Eu disse se pra morrer levo ele pra casa, quando cheguei me ajoelhei nos pés do Coração de Jesus e pedi a ele o dom de reza. Quando eu saí já vinha com tudo na minha cabeça, num foi aprendido com ninguém, Deus me ensinou e meu filho ficou bom, aí fui rezando nas crianças e o povo foi sabendo depois nos adultos e fui sonhando, a minha reza aprendi por sonhos. A reia em criança é mais maneira e de adulto mais pesada aí a reza é diferente. Fico muito tempo em pé e com problema no joelho o médico disse que teria que parar, aí meu filho disse que não posso, se eu paro de rezar fico perturbada. Sou católica até morrer e não tenho outra religião e meu Santo de devoção é meu “pai São Francisco” e meu padrinho Cícero é um grande mensageiro Divino, ele antes de nascer já era Santo e tudo que a gente fizesse ele já sabia e meus santos aqui na minha sala são tudo pra mim e eles me ajudam demais nas rezas, falo e peço a todos e quando só com a reza eu não posso resolver aí peço a eles e logo, logo eles resolve. E sobre o que uso pra rezas existe diferença porque com a água eu só rezo em pé. Com o ramo já vem da coluna e desce pro pescoço que tá duro, por isso atendo hoje só as crianças se fosse atender o povo todim que vem aqui eu não aguentava mais aí nos adultos eu só faço a prece que é mais curta. Têm muitos casos que pergunto logo se foi pro médico se não foi eu mando logo ir, as vezes o médico manda pra cá porque tomou o remédio do médico e não deu em nada, aí as vezes eu acho olhado... e também vem muitos médicos e enfermeiras pra eu rezar e uma vez rezei num padre sem saber e eu só soube depois e ele gostou muito. Muita história de cura uma vez chegou uma mulher amarrada e eu não queria rezar com medo e aí comecei a rezar distante e Deus me deu aquela força e a mulher se mordendo, dando coice e quando rezei o “crem Deus Pai ela se acalmou. Tinha sido que ela tinha menstruado e o marido e o cunhado tinha pregado com faca e ela viu aquilo, teve medo e suspendeu a menstruação pra cabeça aí ela ficou louca e tiveram que amarrar. Quando esse povo saiu eu tremia igual vara verde (risos). No outro dia ele veio cantando e boa, aí ela veio duas vezes e tornei a rezar e depois quando vi uma topique cheia de lá pra eu rezar, é muitas histórias e é gratificante demais. Já rezei muito e hoje num faço um quarto do que fiz porque eu num aguento. Eu só sei rezar e aqui a gente só reza. E hoje me sinto muito grata a Deus pelo meu dom porque aprendi com ele e o sofrimento pra eu chegar na reza foi grande porque só vivia doente e depois melhorei não 100% porque quem reza sempre da doente porque pega as coisas dos outros. Agente sofre com o sofrimento dos outros, é muita história que escuto e se você conta uma história dolorosa a gente fica com ela aqui (toca no peito nesse momento) e muita gente chega aqui chorando e eu choro também. Aí eu rezo a dor. E não conheço mais nenhuma benzedeiras e as que conheci já morreram e ninguém quer aprender a rezar porque é um peso grande pro resto da vida. Mas mesmo assim sou muito feliz porque Deus que me deu esse dom que carregarei até o fim e quando ele quiser me levar.

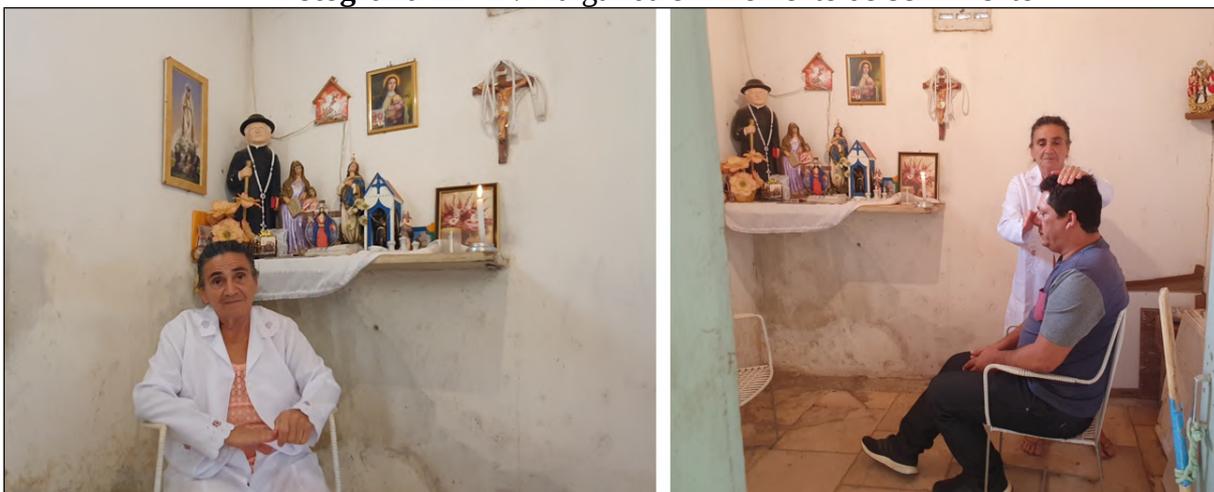
Tive a oportunidade de ser benzido por D. Francisca algumas vezes e não sei explicar o que me envolveu naquele momento ritualístico de fé e benzeção. Mas uma paz interior e uma leveza mental e espiritual me acompanhou pelo restante do dia. A fé dessa mulher e o cuidado que ela tem com as pessoas que a procuram é de uma delicadeza e de grandeza ímpar. Presenciei algumas pessoas chamando-a de mãe e dizendo que ela é uma santa, porque já curou muitos de sua família. Um senhor que certa vez entrou em sua sala do Santo apenas para pedir a bênção, porque iria para trabalho e deixar uma “garrafada” que o mesmo tinha preparado de maneira artesanal. E, com muito carinho para aliviar as dores dos joelhos dela, segundo ele já era benzido por D. Francisca desde criança e hoje seus filhos continuam com essa tradição de fé, porque “ela cura”.

Nas visitas observei muitas mães com seus bebês doentes e que além do acompanhamento médico elas relatavam que a melhora de fato aconteceu quando começou a benzeção, e tinham que voltar o número de vezes determinados por D. Francisca para se fechar o ritual e para que a cura chegasse com maior eficácia. Trago, assim, mais uma observação que foi avistar pessoas que além das benzas queriam muito mais aquela escuta cuidadosa e atenciosa, pois elas só encontrariam ali em meio a uma voz suave e um coração aberto para ajudar e encontrar alternativas para seus aflitos.

6.2 Narrativa de D. Margarida – Santana do Cariri

A prece e a oração fazem parte da semântica da linguagem das benzedadeiras como “hino” que direciona e alcança a atenção Divina, para auxílio no processo da cura. A reza verbalizada pouco é compreendida pelos pacientes/clientes, porém algumas acreditam que essa sonoridade com palavras inaudíveis e incompreensão linguística do simbólico/imaginário e dos ritos das benzas.

Fotografia 12 - D. Margarida em momento de benzimento



Fonte: Registro antes da pandemia, acervo dos autores (2020).

Sou Margarida Cândido Feitosa e tenho 63 anos de idade. Nascida aqui no Ceará mesmo e comecei essa missão eu tinha 30 anos. A minha saúde muito pouca e eu procurando nos hospitais e os médicos não me davam nenhuma solução. Fui pra São Paulo e lá me convidaram para ir numa reunião de caridade e saí do hospital e fui assistir essas reuniões e me encontrei, frequentei e passei uns 3 meses e lá me disseram que eu tinha mediunidade e eu precisava a fazer caridades. Vim embora para Juazeiro e fiquei 10 anos morando lá e encontrei uma criancinha magrinha e doentinha chorando porque tinha saído do hospital e os médicos davam remédio e ela não ficava boa. Aí perguntei se a senhora acredita em reza e ela disse que sim, mas não tinha quem rezasse. Eu disse bote ela aqui no meu colo e eu comecei a rezar, com quinze dias ela veio em minha casa dizendo “dona Margarida a minha filha ficou boa e eu vim lhe pagar”. Eu disse minha filha pagamento, não é uma coisa de Deus e não tem preciso eu ajudar e faço caridade e sua filha forte e saudável. Aí ela falando pra um e pra outro e as pessoas começaram a me procurar, e eu comecei essa missão e tô até agora e vou até o dia que Deus me permitir. Muita gente vêm aqui, casal pedindo para eu ajudar e digo primeiramente você tem que ter fé em Deus aí tudo se renova em sua vida, aí rezo e aconselho e poucos dias eles vem dizendo que na casa deles tá uma paz. Eu digo Deus consentiu vocês serem felizes juntos e eu escuto e aí pronto tem dia que nesse quartinho saiu mais de 3 horas da tarde, até se almoço porque eu atendo todo mundo. Atendo crianças e adultos e existe diferença porque a criança é inocente e nem sabe o que tá sentido e saem bom Graças a Deus. Minha religião é católica, frequento a igreja católica e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Aí depois de muito tempo doente eu procurei o Centro Espírita de Caridade que eu me senti muito bem. Nós se reunia numa mesa branca e cada um fazia a sua prece para receber a graça de Deus e isso não impede de eu ir na igreja, conversar, comungar porque tudo é de Deus. Me pego muito no São José, o Divino Espírito Santo e dos Arcanjos. O Padre Cícero pra mim é um santo, acredito mesmo Frei Damião a Menina Benigna são meus protetores, também e os santos que tenho aqui representam muita força e coragem e por isso acendo vela todos os dias, porque eles me protegem. Para as rezas eu uso somente a minha mão, nem vela, nem ramo só a mão e não existe diferença entre prece e reza porque a fé é tudo. Muitos casos eu mando procurar o médico, fazer exames pra ele descobrir seu problema quando não é de reza, quando só de reza aí tudo dá certo Graças a Deus. Eu uso o jaleco porque me sinto bem, respiro melhor, sinto presenças boas e o branco pra mim é sagrado. É difícil médico pedir pra eu rezar, mas é muito comum enfermeiras, doutoras chegam pesadas e bem pra eu rezar porque tão sem dormir e assim uma passa pra outra e vão chegando e eu vou indo. Pessoas de outras religiões me procuram. Evangélicos que já me conheciam antes de entrar na religião, pedem conselhos, perguntam o que devem fazer e dizem que está na igreja evangélica mais sempre lembra de mim, sempre quer uma palavra e as vezes lá ficam muito confusos. Guardo muitas histórias porque não é só daqui, vem de fora e as vezes eu nem conheço e outros voltam, muita gente carente e muitos têm prazer de trazer lembranças e eu aceito só não aceito pagamentos. Os casos de família que vem mais é por causa da bebida, conflitos e alguns dizem que não tem mais jeito e eu mando minha filha perdoe e palavra mais linda é o perdão e vem duas ou três vezes. Depois de 30 anos de reza eu me sinto que tô realizada com o que já fiz e vou continuar fazendo. Sei e duas mulheres que dizem que em Santana elas rezam mas eu não conheço mais ninguém. A fé cura, é o que mais cura é a fé e é através da fé que palavra de Deus chega nas pessoas porque ajuda as pessoas levantar e acreditar. As pessoas saem dizendo que não tem igual a Margarida, você sai de lá se sentindo muito bem, ela só dá um bom conselho. Já pediram pra eu colocar uma placa bem grande na minha porta pra que ganhar muito dinheiro, não é assim. Esse dom que Deus me deu não é profissão, aí me pediram desculpas. Quando você tá com aquela fé que vem de Deus e que vem do bem, os bens se aproximam.

Quando no curso de *Metodologias (cri)ativas*, com os/as professores/as de Santana do Cariri perguntei se conheciam alguma benzedeira no município, ouvi quase que em coro e unanimidade o nome D. Margarida e alguns/as levam seu/as filhos/as até ela. Contaram que o saber das benzas dela é muito forte. Tive a honra de também ser benzido por ela e senti uma paz interior e uma energia que transcende a escrita ou a oralidade, pois é muito diferente sentir e experienciar. D. Margarida me

contou que um grupo de um centro ligado a doutrina Espírita, numa cidade do Pernambuco, a convidou para ir até eles para compartilhar suas experiências. Porém, naquele ano ela infelizmente não tinha forças para sair, pois estava sofrendo muito pela morte de um filho que sofreu acidente de moto na chapada do Araripe. Em meio a um choro contido e com uma dor imensurável pela perda do filho ela narra que estava em suas orações e naquele momento foi avisada da morte do seu filho. Os “seres de luz” disseram para ela ir até seu filho, a mesma coisa com o seu esposo e naquele momento ele não acreditava, como que em uma negação para minimizar a sua dor ou pelo simples fato de considerar quase que impossível saber dentro de casa e sem contato com o mundo externo. Pouco depois chega a notícia da morte imediata do seu filho tão querido.

Uma fatalidade que a deixou em “carne viva” e mesmo assim segue cuidando, escutando, aconselhando e buscando em suas ritualidades de benzeção a fé e o dom para ajudar quem precisa do seu rezo. Uma voz doce que nos acolhe em sua fé e em sua dor “se reconcilia com a vida”, fazendo o bem a todos/as que a procuram.

6.3 Narrativa D. Zulene (Mestra Zulene) – Crato

A Geotecnopsicosfera da territorialidade sagrada abre espaço para a subjetividade dos fenômenos de benzimento, através do simbolismo da cura pela fé se entrelaça com os espaços sociais e culturais reconhecendo as Mestras da Cultura. E que tem forte relação com as benzas na região do Cariri, a exemplo da Mestra Zulene que de acordo com a Secretária de Cultura do Estado do Ceará (SECULT, 2020) possui o título de “Mestra Tesouro Vivo pela SECULT, mestra das brincadeiras pastoril, dança do coco e maneiro-pau. É membro fundadora da Fundação do Folclore Mestre Eloi”. Ainda completa a SECULT que “a Casa da Cultura Mestra Zulene Galdino foi considerada Museu orgânico da Cultura sendo inaugurada pela Mostra Sesc Cariri que aconteceu no ano de 2019”.

Fotografia 13 - Mestra Zulene: Sala dos Santos e Museu



Fonte: Registro antes da pandemia, acervo dos autores (2020).

Meu nome é Zulene Galdino e nome artístico Mestra Zulene. Tenho 70 anos e em março completo 71 anos de idade. Me dedique a reza em crianças e adultos quando eu ainda era criança, sou benzedeira desde os 7 anos de idade. E eu aprendi com mamãe. Era assim, ela rezava nas crianças e eu pedia pra ela me ensinar e ela dizia que não podia porque eu era uma menina e a reza dela ficaria fraca porque mulher ensina pro homem e ensina a mulher. Só que andava muito no sítio e no mato eu me acompanhei com uma “caboclinha do mato” mato que me ensinou tudo, essas coisas a rezar, a brincar e a minha cultura e a reza é cultura, também. As vezes vinha mãe de família pra mamãe rezar e num dava certo ela dizia que essa reza aí só da certo com Zulene. Sempre rezava e rezo com a folha de pião roxo porque ajuda muito a pessoa que reza e o paciente, eles tiram muita mandinga quer dizer olho gordo, inveja e aquele quebrando não passa pra rezadeira. Tem rezadeira que reza com uma cabeça de alho na mão e eu tando com a folha de pião roxo não deixa passar aquelas coisa negativa pra gente. Existe diferença entre rezar em criança e adulto, porque na criança quando é gases, dor de barriga, intestino a gente sabe, rezando no imbico da criança a gente sabe o que é. O bom que aprender rezar em adulto e criança. Sobre a minha religião, ahhhhh eu sou católica e eu sou é tudo e meu santo de devoção é primeiramente Deus, me pego com Deus, Nossa Senhora de Fátima e São Cosmo e São Damião, porque São Cosmo e Damião sempre curava todos e também meu padre Cícero e me apego com ele. É importante para nós que somos católicos porque como tem o retrato da gente quando morrer deixa a lembrança e mesmo assim é o padre Cícero passou pro mundo espiritual ele deixou todo mundo com a fé na forma dele. As vezes a gente faz a cura nas pessoas e tá pesado e dá muita sede nas pessoas aí a gente dá água pra eles, porque a água cura também. Quando vem gente aqui que é material mando pro médico e quando espiritual eu rezo aqui. E as vezes eles vêm aqui, ontem mesmo veio um médico pra eu rezar. Quando alguém chega aqui eu não pergunto qual a religião deles e nunca pergunto. Algumas pessoas já pediram pra eu ensinar a rezar, mas eu não ensino porque mamãe dizia que era pra eu não ensinar. E eu acho que a gente rezar é um dom e por isso não precisa ensinar. E outra coisa que acho errado é rezar lendo, porque a reza vem de dentro. Eu me sinto feliz com tantos anos de reza é tanto que eu mesmo rezo em mim, porque as vezes alguém reza na gente e diz que é errado ou cobra aí tá errado. Por isso quem chegar aqui eu rezo. As vezes alguém pergunta quanto é eu digo que não, mas se quiser me dar um presente eu recebo pra mim, porque gosto de ganhar presentes. E sobre outras rezadeiras eu não conheço nenhum. Tinha uma mulher aqui perto que rezava mas ela morreu. Hoje eu agradeço muito a Deus por tá morando dentro da cultura que eu gosto. Porque a minha casa virou um museu, aí dou muito valor por morar dentro do museu da cultura que eu gosto e papai me ensinou e me incentivou aí dou muito valor, muito valor e agradecendo a Deus. A fé pode curar e quem não acredita em Deus não resolve nada, a fé que cura e sem ela nada vai pra frente.

Conhecer a D. Zulene, benzedeira, ou melhor Mestra Zulene como ela prefere e merece ser chamada, me possibilitou um olhar diferenciado sobre o ofício do benzimento em meio a um processo de desenvolvimento urbano e progresso social, que contribui com o desaparecimento das personagens da nossa história viva. Assim, possibilitando reconhecer nelas uma figura que transita entre a fé e as práticas da medicina popular fazendo uso da sua fala para auxiliar na cura daqueles/as que as procuram. Quantas Mestras Zulene em seus ofícios de benzedeiras continuam anônimas e aos poucos desaparecem desse cenário que tanto falamos em sagrado, mas não preservamos esse saber único e que tanto possibilita no meio em que vivem?

Fica evidente as minhas observações que tanto o seu espaço de oração quanto o seu museu, se tornam democráticos e recebem pessoas de diversas classes sociais, crédulos e com pensamentos divergentes reconhecendo a importância nos processos das benzas. Assim, como ser fundamental a preservação da memória da arte e do ofício de rezar para promoção da cura. Registro, com isso, o

valor das benzedeadas como patrimônio da cultura, porém é preciso validar muito mais de maneira prática e real e não apenas na formalização em decretos ou leis.

6.4 Narrativa de D. Adelaide – Farias Brito

Se transcender está no imaginário, na fé e na devoção é possível que as benzedeadas em seus ofícios transbordem na construção dos seus processos ritualísticos de cura como algo intrínseco das suas vidas. Os fenômenos “reais ou simbólicos” podem pertencer aos desejos inconscientes ou simplesmente não precisam de explicações, pois a fé e tudo que lhe é atribuído não carecem de justificativas ou comprovações. Para o sujeito, o desejo de uma proximidade e elo entre o humano e o sagrado pode ter em sua essência a dádiva de ser um canal direto entre Ele e o outro na construção dos processos de curas, principalmente, no campo espiritual.

Fotografia 14 - D. Adelaide em momento de benção e seu oratório – Faria Brito



Fonte: Registro antes da pandemia, acervo dos autores (2019).

Eu tenho 72 anos de idade e comecei a rezar com 18 anos, me deu uma febre e uma paralisia grande e passei dois meses em coma num hospital em Juazeiro e quando eu me acordei foi por um servo de Deus me chamando, na minha cama e me descobria e me chamava por Fátima e eu dizia não sou Fátima e ele dizia de hoje em diante seu nome é Fátima. E começou a me ensinar toda prece com Jesus pra salvar as pessoas, tiver no hospital se levantar, se for alcance de Jesus levantar e se for morrer dá um sinal. Quando ele saía eu sentia tudo morando em minha cabeça que nem sei ler e nem sei de nada. Depois de dois meses quando cheguei na casa da minha mãe, ele chegou de novo e ensinava todas as rezas de novo e quando terminou tudo disse agora vou e se vira e se cura. Passei anos sem rezar porque eu era muito nova aí numa presa de uma criança morrendo eu acendi uma vela e rezei o que ele me ensinou. Aí eu disse se levante que Deus tá de chamando, ele se levantou e se curou e graças a Deus hoje é pai de família. Aí as pessoas foram descobrindo e vindo pra eu curar gente de todo canto Fortaleza, Paraná, Rio de Janeiro de todo canto, só basta uma prece daqui pra lá e dá certo. E graça a Deus essa casa é sagrada, todos que entram aqui não têm mais vontade de sair. Rezar em criança e adulto é diferente porque em criança a reza é mais maneira (leve) e adulto mais pesada. Sou católica e tudo porque

nenhuma ignora a casa de Deus. Ontem curei uma crente (evangélica) numa evangélica que nem queria ver Nossa Senhora e quando rezei ela saiu mais leve e agradecendo a Deus. Quando perguntam se eu acredito nas imagens (dos/as santos que tem em casa) eu digo aí é a presença de Deus, porque pai que morreu e quando vejo a foto dele conheço, mesmo assim é Jesus. Agora eu acredito lá do céu porque quando eu dou um grito, Ele vem (risos). Porque quando eu tô com aflição maior do mundo em caso de urgência eu digo Jesus desce com toda pressa e vem me ajudar, aí vejo a feição dele perto de mim, pra me ajudar e resolve o problema. Quando eu rezo e vejo que não resolve eu digo vá pro hospital e se interne e lá você fica boa. Quando é no hospital que não dá pra curar lá, aí o médico manda vir pra cá e diz: “vá na casa de vó pra terminar de curar e lá vocês acham a cura de vocês”. Já me pediram pra ensinar a rezar, mas como não pode escrever as pessoas não guardam na cabeça. Agora se um dia eu morrer e Deus passar pra alguém pode ser que receba o mesmo, né? Teve um homem que veio aqui e disse dou 300 reais pra vc rezar eu ficar bom, isso me doeu. Eu disse oh! Pode guardar o seu dinheiro porque eu não vendo a palavra de Deus por dinheiro nenhum. A gente nunca deve fazer o mal a ninguém, porque quando a gente não faz o mal a ninguém Deus tá presente. A palavra de Deus é forte e o que Deus mostrou pra mim, não quero outra vida melhor. Eu benzo em doutor e benzo em tudo.

Nos relatos foi possível perceber nos olhos de D. Adelaide a verdade de Jesus, que desce ao seu encontro tornando a sua casa sagrada para atender um chamado de “sua mãe”. Além disso, me encontrei sensível perante a crença e como é presente em processos psicanalíticos a verdade do sujeito que narra. Enfatizo, que sou diante daquele ser que materializa a imagem e a fala de um Divino e que tem a certeza de que a sua fé cura. Assim, saí do papel de pesquisador e, me vejo ali sentado em um pequeno banco para ficar na altura dos olhos daquela mulher que não anda fisicamente, mas corre o mundo com a sua crença e sua verdade.

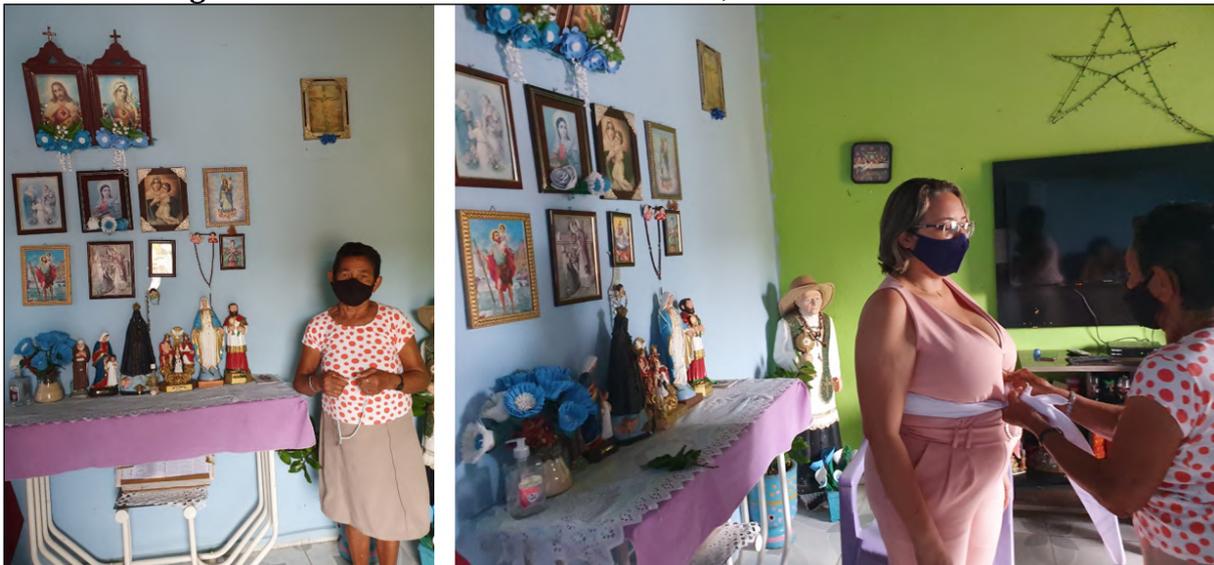
Foi um dos rituais de benzeção mais longos que participei nessa jornada de conhecimento e apreensão de algo que fez parte da minha infância e que por muitos anos estava longe do meu alcance. E agora, sou oportunizado a reviver essa falta de algo que não tinha consciência da significância do papel da benzedeira e hoje, mais do que nunca, reverencio num processo de valorização de algo que transcende a conceitos estruturais e que, possivelmente, gerações futuras apenas conhecerão em escritos e achados nas redes.

6.5 Narrativa D. Maria de Jesus – Barbalha

Quando a pesquisa foi iniciada jamais pensaria nos riscos, iminentes, de uma pandemia que além de infectar e matar um número grande de pessoas, principalmente no Brasil, impossibilitaria, também, o contado com as pessoas. Especialmente, entre as benzedeiros e seus/as pacientes/clientes. Muitas benzedeiros tiveram que interromper suas práticas por estarem em grupos de riscos, a idade e algumas com comorbidades que poderiam ter sérios comprometimentos em suas saúdes e até riscos de morte.

Para as benzedadeiras da Região Metropolitana do Cariri, o benzimento distante é possível, mas a presença física das pessoas traz grande força para o seu caminhar. Aos poucos e com parte da população imunizada algumas benzedadeiras voltaram a atender e com critérios bem definidos de acordo com os protocolos de segurança, para prevenir do contágio pela COVID-19, bem como a presença da máscara e o álcool em gel passam a fazer parte desse cenário.

Fotografia 15 - D. Maria de Jesus seus santos, o benzimento e a saúde – Barbalha



Fonte: Registro durante a pandemia, acervo dos autores (2021).

Sou Maria de Jesus de Oliveira e tenho 89 anos de idade (nesse momento a filha a corrige e fala 79), sou católica, filha natural de Barbalha e faço as minhas curas perante a Jesus e perante a Deus. Comecei a rezar de quarenta anos pra cá, no começo não era nova e não tinha aquele atenção e depois a gente vai ficando velha e as pessoas vai chegando e quando termino de rezar as pessoas tão bem e digo a tua fé que de curou. A minha mãe era muito rezadeira e me ensinou a rezar de tudo. Tem coisa que nem o médico descobre, só a reza mesmo. Eu rezo só com raminho e a espinhela com um pano. Tem uma diferença entre a oração e a prece, a prece é apressada, na hora do desespero e aflição muito grande sem saber o que faça: a minha Virgem da Conceição quem chamar por vós 150 vezes é valido, chegou a hora minha Nossa Senhora da Conceição tem que rezar 150 Ave Maria imediatamente, é o rosário. Agora tem que ter muita fé em Deus, porque a gente só tem fé em Deus na hora da aflição. Não tem diferença entre reza em criança e adulto não, porque a fé é uma só. Depois de tantos anos ajudando e rezando nas pessoas, Ave Maria, eu me sinto bem em fazer a caridade. Hoje eu só conheço uma velhinha aqui que rezava, mas hoje ela num vai mais nada não porque é de idade, disseram que fizeram o aniversário dela de 100 anos. Durante a pandemia eu parei porque as vezes eu tenho medo, não sei que tá contaminando, né? Aí uso a minha máscara e sobre essa pandemia a gente reza 3 Ave Maria, oferecida as 3 Maria concebida sem pecado no céu e interceda a Jesus por nós aqui nada terra. As pessoas todas sombradas e quando chega de viagem pega logo o álcool. Hoje ninguém morre de fome não, a gente morre de doença e é se Deus quiser, com a pandemia que tá no mundo, mas as pessoas já tão tomando a vacina. Eu peço a Deus e a fé a Jesus. Porque sem a fé a gente não faz nada. Eu me levanto de manhã com os poderes de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A fé vem do coração. A gente tá rezando aqui mas o coração tá em Deus.

Quando a vacinação contra a COVID-19 foi iniciada na região do Cariri, principalmente entre os/as idosos/as, retornei aos contatos com os professores/as para ver a possibilidade e retomada das entrevistas/visitas às residências de algumas benzedeadas. Cheguei até a casa de D. Maria de Jesus fazendo uso de máscara e com todo cuidado para saber se seria de fato possível essa conversa. Prontamente, ela me recebeu com muita alegria como que nossa presença afagasse um pouco a falta por pessoas que se distanciaram nesses quase dois anos.

Apesar da audição um pouco comprometida e precisando, às vezes, recorrer a ajuda da sua filha para a compreensão das interrogativas, ela se mostrou uma pessoa com muita vitalidade e muito amor por seu ofício. Ela transparece o amor pela reza e principalmente por ter a certeza dos processos de cura que acontecem a partir das suas benzas.

Fui benzido em duas situações: a primeira com o ramo de pião que ela já tem dentro de casa na proporção que precisa para a reza, e num segundo momento com uso de um pano para espinhela caída e o incrível foi perceber a diferença na metragem do pano antes e depois do ritual.

O medo por causa da COVID-19 ainda existe na casa de D. Maria de Jesus, mas o seu ofício e missão de vida a faz acreditar que pode ajudar os processos de cura de muita gente, que buscam seus conhecimentos de benzedeadas.

6.6 Narrativa D. Antônia Josefa (D. Socorro) – Jamacaru, distrito, Missão Velha

Fotografia 16 - D. Antônia Josefa, das benzas as plantas medicinais



Fonte: Registro durante a pandemia, acervo dos autores (2021).

Meu nome é Antônia Josefa dos Santos Silva, conhecida como Socorro de Romão. Eu comecei a rezar com minha mãe e ela tinha aprendido com o sogro dela. Antes dela falecer passou para mim e disse: “olha minha filha todos nós vamos morrer e antes de eu fazer a viagem para Deus e eu gostaria de uma das minhas filhas ficasse benzendo as crianças”. Eu e minha irmãs velha benzemos, mas minha irmã hoje manda as pessoas pra mim. o primeiro eu que benzi foi meu filho, porque morava em Porteiras e lá não tinha benzedeadas. Aí

minha mãe disse eu quero lhe ensinar todas as rezas que sei e todos que chegarem aqui você reze e um meu pequeno que não cobre nada porque a palavra de Deus vendida não serve. “Se alguém for lhe pegar não receba e diga para ela dizer: Deus lhe dê saúde e você responda Graças a Deus”. Ela disse eu vou ditar e você anota porque você não vai decorar tudo isso. Porque eu não vou poder ficar repetindo, porque mulher ensina a homem e homem ensina a mulher, pra não quebrar as forças e rezo a uns 22 anos. Pra mim rezar para o bem pode ser reza ou prece, tento fé é a mesma coisa. Essa linha vermelha em meu pescoço eu não troco por cordão nenhum, sabe por quê? Aqui é uma medida de São Sebastião. Assim que eu soube que a pandemia tava no mundo eu lembrei o que minha mãe dizia que ia chegar um tempo que é muito chapéu pra pouca cabeça e todo mundo com depressão, todo mundo olhando pras mãos e não entendia e agora todo mundo passando álcool gel, ela falava e eu não entendia e agora sei. Quando a pandemia chegou todo mundo ficou com aquele medo. Eu não tenho medo até porque um dia todos nós temos que ir pra Deus. Eu tenho fé e coragem e peço a Deus a sabedoria Dele. Mas assim que eu soube olhe só a linha vermelha no pescoço. Fui em São Sebastião e tirei a medida porque lembro que minha mãe quando sabia de uma pandemia ele botava a linha no pescoço de nós tudim e minha mãe era parteira e benzedeira. Muita gente chamava ela de mãe Zefinha porque ela botou muita gente no mundo e naquela época só tinha hospital no Juazeiro. Eu uso pra rezar só o ramo, eu sei que vela é luz, mas Deus já é Luz. Mas acendo vela na segunda-feira oferecendo as almas que Deus já levou, meu pai e minha mãe... Muita gente da saúde indicava ou vinha pra eu rezar, só que hoje muitos viraram evangélicos, aí quando passaram a evangélicos dizem que num tem nada haver. Mas como a minha profissão num é da matéria até pra evangélico serve. Porque quem sabe das coisas a Deus e quem menos sabe das coisas, sabe mais do que eu como diz Roberto Carlos (cantor). Eu acredito em todos os Santos, mas de devoção é Nossa Senhora de Fátima e o Santo de devoção é Santo Expedito, que é dono das causas difíceis e eu já alcancei muitas graças com ele. Pra mim ter fé é, têm muitos padres mas vou citar padre Reginaldo (Manzotti) e acompanho o programa dele e sou associada desde 2010 e amo o programa dele e não tenho o que dizer dos outros padres. Mas terminou o programa dele a gente bebe a água (o Padre Reginaldo Manzotti orienta que as pessoas fiquem com copo de água próximo durante o seu programa para benzer) e bota um pouco nas fotos dos filhos ou filha que tão dando trabalho e jogue na casa, nos objetos e nas fotos das pessoas, na sexta-feira. Acredito que ali nem precisa de remédio, eu não tomo nada graças a Deus e eu sei que, também, preciso de uns remédios, mas por enquanto eu não tomo nada não. E acredito muito quando bebo a água até de alcançar uma graça de um filho que tá desaparecido e todo dia coloco a água benta na foto dele e peço que Nossa Senhora Amostre. Porque todo mundo aqui que desapareceu foi encontrado e meu filho, ainda não, desde 2017 até hoje. Muita gente manda eu pegar a foto dele e ir onde abre mesa e eu não fui, botei na mão de Nossa Senhora e todo dia 13 vou pra missa (olhos lagrimejados e voz pouco engrolada). Minha mãe começou a rezar com 21 anos de idade e era quem mais rezava e depois dela ficaram duas benzedeiros de Jamacaru e hoje tão com Deus, mas todas elas rezavam. Tem outra perto daqui que por causa da pandemia e porque tem problema de vista não tá rezando e a minha irmã (que também não está mais rezando com questões pessoais). Depois de tantos anos de reza eu me sinto bem porque eu aprendi muita coisa boa, eu agradeço todos os dias quanto amanhece por tudo que Deus me deu e me sinto bem até o dia que Deus me tirar. Espero que tenha gostado e um feliz natal pra todo mundo e que Deus mostre logo um remédio pra gente ficar livre dessa pandemia pra poder mostrar os rosto, né? Porque a gente conhece o pessoal pelos olhos (sorriso).

A cada benzedeira surgiam narrativas de superação, de luta e de fé. Mulheres iguais a D. Socorro que nos ensina com seus exemplos de vida a perceber um universo para além do real, e que existe uma transcendência mesmo que não saibam explicar, mas que sentem uma força vital para continuar seus ofícios.

Nos estudos da Tanatologia são colocados, a priori, dois lutos: um real e outro simbólico. Identificadas explicitamente nas narrativas de D. Socorro duas grandes faltas: uma pela morte da

mãe, que foi citada diversas vezes e a outra do seu filho desaparecido, nesse último um luto simbólico não autorizado e com medo do real. Para ela, nesse momento, o encontro com o filho vivo ou morte é algo que a move, pois até o momento lhe foi negado os rituais de despedidas. A palavra morte não apareceu em nenhum momento, como que inconscientemente fosse negada a verdadeira etimologia dessa palavra, algo comum em nossa sociedade.

Mesmo em suas dores ela alimenta uma fé e necessidade visceral de ajudar a todos/as, que buscam no poder das benzas a cura. Posso considerar que as experiências pessoais e do legado dos benzimentos transcendem a partir dos processos em torno da cura pela fé e dos ritos que são, muitas vezes, necessários para fechamentos e aberturas de ciclos nas perspectivas geoemocionais pelos fenômenos que compõem o cenário da territorialidade sagrada a partir do real-simbólico, quando, por exemplo, Piazza (1983, p. 248) fala que na fenomenologia religiosa aparecem dois sentimentos em formatos de ritos e atitudes. Sendo que em dado momento se quer apagar de si tudo que está contrário ao sagrado ou em dado momento focar em tudo que possa unir ao sagrado, a partir das demandas do sujeito, seja ela a benzedeira ou o paciente.

6.7 Narrativa de Dona Maria Gercina – Caririáçu

Será que a Ciência, principalmente no campo educacional e o misticismo, a partir dos estudos sobre os fenômenos, pode comungar em uma única fonte? Possivelmente, esses dois contrapontos possam numa perspectiva pautada na subjetividade e presente nos estudos fenomenológicos ser percebidos em diversos campos e áreas de conhecimentos. Podem ser fixados no saber científico ou na cultura popular, a partir dos processos geoeducacionais e místicos das benzas. Em dado momento, ambos ensinam e transcendem ao espaço quando pensamos no lugar enquanto movimento de ações, reais e simbólicas.

A saber e analisar a partir das narrativas de uma benzedeira que nos mostra que sim, é possível navegar no campo educacional e simultaneamente no campo místico das benzas.

Fotografia 17 - D. Maria Gercina: amor, delicadeza e cuidado com seu/as Santos/as



Fonte: Registro antes da pandemia, acervo dos autores (2019).

Meu nome é Maria Gercina do Nascimento, tenho 64 anos e vou quase pros 65 já, já, o ano está só começando, mas já, já eu completo no meio do ano. Eu comecei a rezar porque a minha família, meu pai, minha mãe, meu irmão eram benzedores, rezavam. E eu sempre fui uma pessoa doente, muito doente disso, daquilo e daquilo outro. Na aquela época as pessoas falam em carga mediúnica e eu era uma dessas e só vivia doente, eu não era, eu sou. Continuei na idade adulta continuar doente e então procurei Centros Espíritas e nunca aqueles terreiros (falando de Religiões de Matrizes Africana). Eu procurava vários centros que tivessem desenvolvimentos de médicos e todos bem elevados. Lá eles disseram: sua doença é mediunidade e você tem que trabalhar. Eu sou pessoa bem ligada a igreja (católica) e faço parte de várias associações e inclusive sou “filha de Maria” e igreja e espiritismo não se unem. E frequentando esses dias espaços, lá eles disseram que me dariam uma missão, já que não posso fazer outra, você vai rezar nas pessoas. E como vou rezar se não sei e certo dia sonhei com uma pessoa que me ensinava a rezar. E como vou rezar nas pessoas? Certo dia uma pessoa chegou e disse: eu vim pra você rezar e eu rezei. Mas num dá pra ficar só rezando porque eu vivo, também, em sala de aula. Às vezes eu chego da escola e têm 10 pessoas. Nunca deixe de rezar quando alguém pedir, mas nunca peça: deixe eu rezar em você. A mediunidade diz que quando você reza numa criança ela está aberta ao mundo exterior, não esse, mas ao outro (nesse momento ergue uma mão para o alto) e no adulto fechou, ele não está tão exposto, por isso a reza é diferente. É bem melhor curar uma criança do que um adulto, não sei se por causa da inocência. Os Santos que têm em minha casa (na sala), eu não sou criada por minha família. Minha família era bem pobre e eu queria estudar e pra estudar naquela época que eu era criança você tinha que ter uma família. Se você chegasse numa escola e perguntassem quem é seu pai e você falasse sou moradora de fulano de tal, aí falavam minha filha vá embora, aqui não é lugar para você, tinha que ter “uma família” que representasse. Aí vim morar com a patroa do meu pai, ela praticamente construiu essa cidade. Naquele tempo ninguém dava valor a estudos ou a livros, minha filha você quer estudar o que você vai fazer com livros? Ninguém como livro, não se come livros e pra quê você quer estudar? Ora porque quero e vou ser professora.

Mas não vou colocar você na escola, quero que você fique aqui em minha casa, me faça companhia, eu era presa tinha 7 anos, me faça companhia e fique comigo. Eu vou ficar com você. E eu fui e fiz o primário, fiz o ginásio, do ginásio fiz o normal (curso pedagógico para da educação infantil ao ensino fundamental I), fiz faculdade, fiz pós-graduação (lato sensu) e hoje eu faço doutorado no Paraguai e não tenho mais a família e aqueles Santos eram dessa família que foram morrendo, morrendo que eram pessoas de muita idade e os Santos ficaram lá. Ela era Deus no céu e os Santos na Terra. Como ela gostava muito dos Santos e eu também aí eu disse: vou levar. Eu não rezo em nome de um Santo, eu rezo em nome de Deus, Deus é o Santo e nunca rezo com ramo, sempre com as mãos. Até doutor me procurou e eu disse você num sabe curar? E ele respondeu não, eu quero uma cura Divina. E pessoas de várias religiões, evangélicos vêm muitos e eu digo religião é coisa sua. Depois desses anos rezando nas pessoas eu me sinto bem, acho que primeiro a reza representa a fé da humanidade. E se estou bem tem cura. e dizem, há mas você é professora. Sem problema, sou professora e curo as pessoas, curo de duas formas: curo do analfabetismo e curo da fé, aumenta a fé das pessoas. E rezo, também, em animais, cachorro rezo demais. Quem reza de gente, também reza em animal. Sobre outras pessoas que rezam aqui conheço três homens um na cidade e outros na zona rural e um bem deles bem distante, o restante já morreu. A fé cura, cura até mesmo se eu não rezar, se você tem a sua fé, ela cura. E por que manda rezar? Porque há uma troca, somos feitos de energia e de Luz e quando misturo a minha com a sua Luz ela fica mais forte. Numa visão geoeducacional as benzas são uma cultura milenar. Se na bíblia diz que Cristo curava, então antes de Cristo acho que já tinham formas de benzer. Eu rezo o ofício todos os dias e muita gente nem sabe mais. Os novos não fazem mais do mesmo jeito e as palavras são diferentes e a cultura vai desaparecendo e isso vai sumindo do mundo e da Era moderna.

O encontro com D. Gercina me possibilitou conhecer uma mulher muito inteligente e segura em suas falas. Uma pessoa determinada e que venceu preconceitos sociais em uma época, principalmente no interior, em que o nome da família poderia tanto lhe colocar em uma posição social confortável quanto apenas lhe considerar um sujeito a margem da sociedade, existente para, exclusivamente, servir a uma elite.

Ela conseguiu estudar e realizar o seu sonho de ser professora. Ao mesmo tempo em que um “chamado”, para exercer o ofício de benzedeira era posto em sua trajetória de vida. Porém, conciliar esses dois segmentos foram tarefas cumpridas com muito esmero e paixão. Na oportunidade, fui benzido pela mesma e não diferente das outras experiências “flutuei” num processo transcendente e de bem-estar, ao ponto de em fragmentos de segundos me fazer deslocar daquela sala para um espaço imaginário em que senti no corpo e na mente a sensação de estar dentro de um sonho. Talvez não seja possível explicar esse fenômeno, mas tenho a certeza de que algo mágico acontece em cada imposição de mãos, em cada sussurro, quase inaudível e a experiência de ser paciente de “mãos que curam pela fé” me fez ter a consciência do protagonismo das benzedeadas na sociedade.

D. Gercina mostra que aliar educação e fenômenos místicos fazem parte do mesmo cenário, pois como ela mesma citou, curar o analfabetismo e curar as doenças do corpo, da mente e do espírito compõe o papel social da professora-benedeira para a consciência de uma cultura que está desaparecendo. A figura do/a professor/a em relação a desvalorização social e econômica (que

considero um apagamento) e em relação a benzedeira a não renovação das novas gerações para o exercício desse ofício.

Até aqui destaquei narrativas das benzedeadas de 7 dos 9 municípios da RMC. Informo que a benzedeadada de Nova Olinda não foi apresentada, mesmo sendo entrevistada. Uma senhora com mais de 80 anos de idade, lúcida e com grande papel enquanto benzedeadada nessa localidade, dito pelos/as professores/as que a indicaram, apontando-a como a maior daquela cidade. Os/as mesmos/as não souberam indicar outra pessoa. Porém, uma das suas filhas não permite mais que a imagem da sua mãe seja apresentada em entrevista por quaisquer meios. Mesmo a benzedeadada dizendo que já estava lá então ia falar. Optei por não apresentar suas narrativas.

No município de Jardim, o primeiro impasse no protocolo de pesquisa foi que não aconteceu o curso, conforme citado anteriormente. Mesmo assim, procurei ter contato com benzedeadas do município e cheguei a duas informações: a primeira uma das mais famosas da região tinha falecido a poucos meses e estava com 100 anos de idade. A segunda não foi possível iniciar a entrevista, mesmo com a torcida da filha e do marido. A benzedeadada com mais de 80 anos, com sinais de mal de Parkinson e declarado pela filha mal de Alzheimer. A filha chamou a mãe até a sala nos dizendo que ela era uma grande benzedeadada e conhecida por muitos e seu ofício ajudou nos processos de curas de gerações, na cidade. Entretanto, estava visivelmente medicada e com sua cognição comprometida.

Sendo assim, frustrando os familiares presentes que buscavam “o resgate” de sua genitora e que eu não iria expor a mãe dela em situação delicada por respeito a quem ela foi enquanto benzedeadada, pela idade e pela condição em que se encontrava, porque poderia causar um desconforto psíquico enorme para ela. Saí entristecido por presenciar um pouco da morte e desaparecimento das benzedeadas na Região Metropolitana do Cariri cearense.

6.8 Geotecnopsicosfera: novas perspectivas dos fenômenos místicos das benzas

Os processos construtivos e dinâmicos dos fenômenos culturais provocam na Geografia novas perspectivas sobre os espaços vividos e suas experiências de lugar, como manifestos sociais de maneira individual e/ou coletiva. Nesse contexto, a Geografia e suas vertentes contemporâneas proporcionam a construção de novos conceitos pautados na complexidade e na subjetividade, haja visto que estamos atuando com as relações entre indivíduos mexendo diretamente com as suas memórias afetivas, suas emoções e suas crenças.

Esse dinamismo da territorialidade reverbera nas ações reais e simbólicas na tentativa de preservar e manter elementos do passado, enquanto ao mesmo tempo se autoriza novos projetos a

serem introduzidos na sociedade através da tecnologia e do pragmatismo imediato para movimentar a esfera das geoemoções. Embora, existe um risco de tentar manter uma cultura sem a preocupação em contextualizá-la no momento social que temos, tornando-a nada flexível e engessando-a, nesse caso fadada ao fracasso.

Originalmente, quais fenômenos de benzas estão impressos em nossas memórias afetivas? Posso considerar que a descrição, no caso das benzedeadas, lista características próprias e comuns a esse universo. Em nosso imaginário ou mesmo numa simbologia imposta e aceita socialmente temos a figura das benzedeadas com mulheres idosas, cuja única função na vida é benzer e curar a todos/as que buscam seus conhecimentos. Essas mulheres, a priori, não cobram por suas práticas do benzimento e, em geral, não repassam seus rituais de cura para as novas gerações com medo de “perder as suas forças”, e citamos, ainda, que grande parte são pessoas idosas.

Nessa configuração, a terminologia *Geotecnopsicosfera* fica comprometida, pois a sua proposta conceitual é ter fluidez. Principalmente diante do cenário pandêmico que o mundo vive e que precisa cada vez mais que as distâncias geográficas, sejam encolhidas e que as relações se tornem cada vez mais próximas e abertas ao novo. Valido essa premissa em Suess (2017, p. 8) quando traz a Geografia e a fenomenologia como território de experiências no campo do real-simbólico, para a configuração dinâmica dos fenômenos místicos, a saber:

Nesse sentido, eis que surge a preocupação na Geografia de colocar o sujeito, seus anseios, percepções, sentimentos e experiência vivida em destaque. Relacionando-a com a fenomenologia, a Geografia vai buscar a valorização do ser humano e sua experiência espacial para compreender as relações que são tecidas no espaço geográfico, qual seja, a subjetividade e o mundo vivido.

Cuidar do passado e das tradições das benzas não implica em se fechar para o novo em meio a um mundo em processo de informatização e rompimentos de barreiras. Tanto falei nos riscos de desaparecimento das benzedeadas na Região Metropolitana do Cariri, que quase me esqueci de abrir novas verdades e não menos eficazes propostas para um novo “modelo de benzedeadas”, se for ousado chamar a benzedeadas do século XXI, como resistência e preservação de toda uma ancestralidade.

É evidente e honotório o desastre social que a pandemia vem causando. Porém, em meio a esse caos tive a oportunidade de conhecer muita coisa nova e com qualidade, principalmente de projetos e práticas de outras regiões e com novos olhas para culturas distintas das nossas. Mas, passível de agregar e romper com alguns (pré)conceitos. Cito, aqui, os processos inovadores de benzimento que vêm, timidamente, tomando espaço e se solidificando. Não tenho a ousadia de comparar nosso mundo, hoje, com a “era espacial” da animação teletransmitida nos anos 1980, os

Jetsons. Agora, diante do desenvolvimento tecnológico e dos recursos de comunicação que temos, fica quase que impossível algumas tradições não se abrirem para esse universo, apontando novas roupagens e estratégias de sobrevivência.

6.9 Narrativa de Jacqueline Naylah – Porto Alegre, RS

Conforme, sempre ouvindo das nossas benzedeadas, aqui, no Cariri cearense seu ofício foi adquirido através da sua fé e algumas aprenderam a rezar sozinhas, em sonhos e em alguns casos alguém muito próximo as ensinou. Dizem elas que não podem repassar para outras pessoas, porque, podem quebrar “suas forças do benzimento”. Algo unânime à essas mulheres com “dom da cura” é que não podem cobrar por seus serviços de benzedeadas, pois a reza não se paga e quando se paga é com o termo “Deus te abençoe”. Para nós nordestinos, essas informações não são novidades porque os fenômenos místicos em torno das benzas fazem parte nas nossas relações de lugar, lugar sagrado e de territorialidade carregada de misticismo e todos esses elementos são respeitados.

Com a pandemia, grande parte das benzedeadas suspenderam seus atendimentos, seja pela idade, por comorbidades ou por segurança em suas saúdes e vidas. Já pensou que se de repente em meio a pandemia, momento em que as pessoas ficaram quase dois anos em isolamento social e em algumas situações por decreto, surgissem benzedeadas fazendo uso de uma ferramenta chamada tecnologia e rede/internet para os processos de benzimento? Ainda mais, se elas ensinasse esses ofícios que vêm de gerações em formato de cursos online? E para arredondar essa ideia, imaginemos se essas pessoas comesçassem a cobrar por seus serviços prestados para benzer e curar, confrontando a “tradição” de nunca cobrar por essa prática? Qualquer um/a diria que é loucura e que nada disso é real. Será?

Para a minha surpresa, certo dia apareceu no Instagram uma propaganda de um curso *online* para formar benzedeadas/rezador, com direito a certificado. Fiquei curioso e fui atrás para me matricular e saber um pouco mais dessa formação, que até o momento iria contra aquilo que sempre ouvi e acreditei. O resultado será visto com as narrativas de uma benzedeadas que coordena e ministra as aulas *online*, Ensino à Distância (EAD). Vejamos:

Figura 8 - Curso de Benzimento online, entrevista via Youtube

Fonte: Acervo dos autores (2021).

Feliz em estar aqui, nessa data linda (08.01.2021) começando o ano para gente conversar e rompendo muitas crenças sobre o que é a arte do bendizer e trazendo um panorama dessa geração. Até então nós convivemos com outra geração. E o que levamos pra essa geração agora, sempre digo que quando falamos sobre qualidade de vida, saúde, sobre o bem-estar, sobre emoções, sobre espiritualidade e sobre fé, nós podemos ter e saber o poder ancestral, mas, também podemos conversar com os jovens. Nós podemos, também, trazer uma linguagem para essa geração. Porque essa geração não pode se afastar daquilo que é verdade, daquilo que faz bem, daquilo que paira a espiritualidade e aponta pra fé. Então eu conversei com todas as gerações, podendo ser essa pessoa livre. As benzedeadas estão sumindo e foi por uma preocupação assim que me bateu um ponto de interrogação e foi quando a minha avó desencarnou e ela foi a última benzedeadas da família e para onde vai todo esse saber? Se ninguém abraçar tudo isso que ela fazia, pra onde vai e o que faremos com essa informação? Será que vai extinguir se ninguém quer e se minha mãe não quer? E peguei pra mim e comecei a pesquisa qual o método e ferramentas do benzimento. Até para as patologias são tratadas diferentes, por exemplo aqui no Sul as pessoas são muito acometidas por doenças do frio, por doenças respiratórias, São Paulo tem muita enxaqueca por causa da poluição, o Nordeste tem um solo não tão rico e quente e é acometido por doenças de desnutrição ou carência de vitaminas por causa do solo que não é tão abastecido com nutrientes e fui pesquisar, eu sou uma pesquisadora, eu sou uma cientista e eu fui pesquisar isso, tentar entender. E mesmo algumas patologias sendo diferentes em casa cultura, o benzimento se repete em alguns aspectos. Então quer dizer que uma raiz única e é uma arte ancestral e algum momento ele fez de uma raiz subiu o tronco e fez uma árvore se tornando multicultural. E tem algumas crenças que nos limitaram até hoje, por exemplo que toda benzedeadas é uma velhinha, uma anciã, mas na história do benzimento elas começaram quando eram muito jovens. Acho que tá na Era diferente, e podemos fazer mais, essa Era da tecnologia nos impulsiona a isso, o que você pode fazer mais. Eu começo uma das aulas falando que as benzedeadas diziam que se ensinassem a alguém elas perderiam o dom. o que é rezar? Rezar é uma conversa íntima com Deus. Rezar é algo único e sem decorar. Tanto que elas cochicham porque o outro não pode ouvir, porque estão em conexão. Em meu curso as pessoas dizem que não têm o dom e gostariam de benzer. Eu digo: você tem o dom se não, você não se interessaria em fazer o curso. Sobre prece e rezar existem diferenças entre culturas. Para algumas prece e pedido de misericórdia, para que algum Santo, entidade... interceda por você e rezar é o agradecimento, primeiro você pede e depois agradece. Eu acredito que toda oração é um agradecimento. A minha avó usa uma palavra (termo) “os

homens da terra” (médicos), existem os médicos astrais e os médicos da terra e eles também tem um Dom de Deus. Todos os dias sofro preconceitos por que sou benzedeira jovem. Sou pessoa que recebo ataques nas redes sociais, todos os dias. As redes sociais, as pessoas despejam ali, antes você recebia crítica no jantar ou almoço em família, numa festa e hoje as pessoas se sentem livres por jogam o que pensam porque pensam que eu nunca irei conhecer essas pessoas. Muitas vezes as palavras proferidas a mim nas redes sociais são: diabólica, em “nome de Deus” tu vai queimar no fogo do inferno”. Eu faço um movimento e falo em amor em nome de Deus de maneira tão singela e amorosa e do outro lado tem gente em “nome de Deus” me xinga. A principal ferramenta de todo curandeiro é a mão. Muitas pessoas dizem que ao conversar com um curandeiro e só em pegar na mão dele, a mão é quente. Parece que Deus usa essa ferramenta que é a mão para alcançar outras pessoas. Hoje não consigo abrir as portas da minha casa para atendimento, a minha vida mudou e só no facebook eu tenho mais de 30 mil pessoas e no meu instagram tem quase 18 mil pessoas. Eu sou autora de livro que é best seller na Europa. O que fiz? Toda terça-feira eu faço o benzo a distância e as pessoas vão mandando nomes, data de nascimento e o que está acontecendo. Coloca nas redes sociais eu ou um assessor coloca tudo em um baú e em formato de canto eu corto com a tesoura. Eu corto as doenças que estão pairando aí. E no formato digital? Na ancestralidade as benzedeiras já atendiam a distância e hoje estamos nesse formato digital e eu acredito muito e eu consigo, agora, eu consigo sentir a sua alegria e que você está bem e sem cabo que nos liga, mas existe uma energia que nos conecta e Deus é uma energia e ele consegue se conectar dentro da nossa essência, alma e orações. Diariamente eu recebo críticas porque cobro pelos atendimentos (risos). É histórico a Era do patriarcado, a gente reconhece isso e quando a gente vai estudar mais afundo o que a gente ouvia das nossas ancestrais, coisas que a minha vó falava e minha mãe ainda fala: como eu queria um dinheirinho para comprar. Mas seu pai, avó nunca deixou trabalhar. E hoje estamos ocupando esse espaço. Lá atrás as benzedeiras foram induzidas a dizer que se cobrassem perderiam seu Dom. porque mulher em um determinado período da nossa história a mulher não poderia trabalhar ganhando e ali ela não teria a sua liberdade. Tenho a fotografia de uma página de um livro que diz que fulano de tal é rico porque sua fortuna provinha dos seus Dons de benzedor. Que interessante um homem, nunca teve medo de ganhar e dizer que tinha fortuna sendo benzedor e porque o ato de tanto medo das mulheres benzedeiras, aí sabemos de onde vem essa história, de um lugar que não podia ter liberdade e autonomia. Eu tive no curso benzedeiras com mais de 90 anos de idade e quando eu dizia isso, elas choravam dizendo “minha filha isso é libertador pra nós e eu vou pode ter meu dinheirinho”. Porque qual a diferença entre cobrar e ser valorizada, lá na ancestralidade o benzimento tinha troca e quem era benzido pagava com galinhas, cabras, ouro, as pessoas valorizam o benzer. Hoje a moeda de troca é o real, dinheiro e esse dinheiro é apenas energia e o que você vai fazer com ele, bem ou mal. Mais de 90% dos meus alunos são mulheres, por uma questão materna, a benzedeira é do abraço. Tem benzimentos que eram muitos mais masculino, por exemplo benzer o campo, a lavoura, o pasto, o rebanho, na história do benzimento esses ritos eram muito deles, os homens se apropriavam desse tipo de benzimento. A fé é muito importante, fé em Deus, fé na religião. Mas esse ano (pandemia) nos trouxe algo importante: fé em nós mesmos. Precisamos acreditar que Deus somos nós. Cada um de nós é uma partícula Divina. Por isso as redes sociais possibilitaram essa busca por um saber e por confirmar e acreditar que embora longe dos rituais, com igrejas e templos fechados e que energia é essa que nos liga, mesmo isolados e ao mesmo tempo conectados uns com os outros, que fé é essa? Meu objetivo com os livros e com as redes sociais é perpetuar o legado das minhas ancestrais. O livro eterniza, tem seu pico de venda, depois não tem mais, mas ele fica eterno.

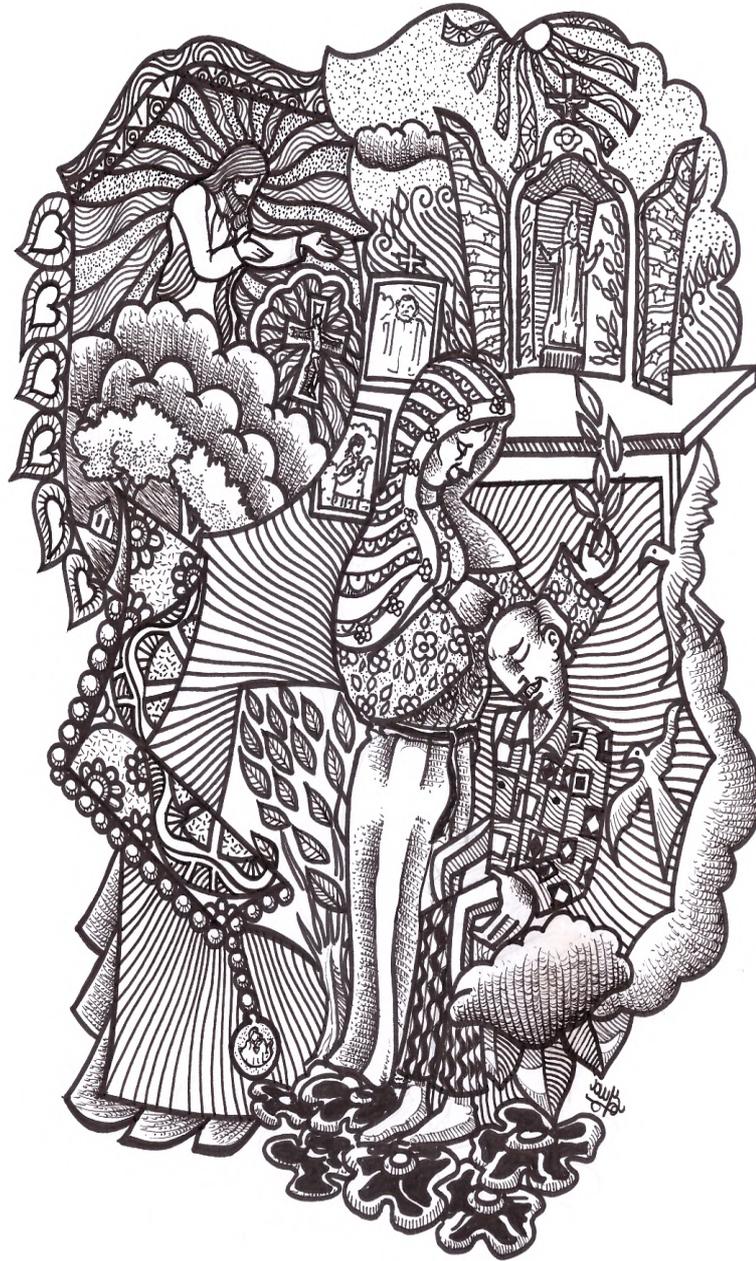
Se a transcendência não ocupa tempo ou lugar e não pode ser palpada, tal qual os elementos da revolução tecnológica percorridos através da fibra óptica posso repensar novos caminhos para os fenômenos místicos das benzas, como faz uma das nossas protagonistas, a benzedeira Jacqueline. Quando ela propõe a partir dos achados em torno o misticismo, postos por sua ancestralidade, novos caminhos para os processos do benzimento e da cura. Dinamizando, assim, a instrumentalização desses ritos, fazendo uso das técnicas milenares “manufaturadas” e se apropriando de um tecnicismo

educacional, que nos fora apresentado ainda na década de 1970. Todavia, hoje, de maneira interativa em que “educadora da benzação” e alunos/as troquem suas experiências numa simultaneidade que os novos fenômenos técnicos possibilitam, sem perder, segundo a benzeadeira, a verdadeira essência nos processos místicos da cura pela fé.

O curso de benzeadeira e rezador proposto pelas vias das redes apresenta uma metodologia que rompe com a crença das perdas das “forças”, quando se ensina e como em qualquer curso, academicamente, é proposto uma certificação em que valida e profissionaliza o ato de benzer. Confesso que ainda me inquieta e acredito que a muitos também, pois romper com nosso imaginário em torno dos fenômenos místicos e memórias afetivas, voltadas aquelas senhoras benzeadeiras. Trazendo uma angústia e o rompimento de vínculo com algo que era “mágico” e que para se manter vivo os ritos de benzação carece de mudanças de conceitos e paradigmas que são passíveis a ser.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS



“Pai Nosso e Ave Maria oferece pra nosso Senhor Jesus Cristo quebrante, mau olhado, dois pões, três tira, com o poder de Deus, filho da Virgem Maria”
(Benzimento).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos desafios da tese foi pensar a partir de Milton Santos em *A natureza do espaço* (2006) quando ele me faz refletir sobre tecnosfera e psicosfera e agregar a uma territorialidade sagrada dos fenômenos místicos, frente a uma região considerada seio de uma religiosidade popular na Região Metropolitana do Cariri cearense.

Para essa produção, conforme proposto no campo metodológico, naveguei pelos caminhos de uma Geografia Humanista com vertentes em várias áreas do conhecimento como a Psicanálise, a Antropologia, a Sociologia e não apenas com foco nos grandes e conceituados teóricos dentro de cada segmento como, por exemplo: Mircea Eliade, Zenir Rosendahl e Christian Dennys em seus estudos sobre uma Geografia da Religião; Yi-fu Tuan em suas perspectivas culturais; Sigmund Freud em suas descobertas no universo do inconsciente; e o próprio Milton Santos e a sua capacidade de lançar no mundo acadêmico possibilidades de investigações a partir de diversos temas em que ele aponta o caminho e nós que desbravemos esse pensar para o novo.

Busquei, também, pesquisadores não canônicos e com grande potencial na construção desse saber situado, contribuindo em seus achados de maneira conceitual e subjetiva para a pesquisa, refletindo sobre os fragmentos de uma fenomenologia num mosaico de fenômenos que se agregam na reflexão de uma territorialidade sagrada.

A subjetividade apresentada ao longo da tese, conforme apresentada, me permite uma (des)construção de conceitos formalizados em seus escritos, porém, quando trazidos para uma proximidade com as realidades setoriais, fica claro que transcender em uma territorialidade sagrada está para além dos templos religiosos ou das gestões públicas que muitas vezes formalizam e institucionalizam tanto os ritos quanto a fé. Por isso, durante a escrita foram dados passos à frente e em alguns momentos ao passado como se em meio a ondas que se movem e se complementam equilibrando o oceano, nesse caso o místico.

Destaco, aqui, sobre uma fé tanto do Divino sacralizado e intocável quanto no “Divino materializado” em mulheres que apresentam características sociais muito próximas umas das outras, e que estão no meio do povo, trazendo através do “Verbo”, fenômenos de cura. O mesmo Verbo posto na Bíblia, como Deus único e onipotente e que para as benzedeadas, é um Deus que em “um chamado” Ele chega, senta-se e conversa direcionando-as como canais de cura.

Se a palavra era o Verbo, como afirma João no primeiro livro da Bíblia, Gêneses, e o Verbo é Deus ou está em sua essência, me permito considerar que os fenômenos místicos das benzedeadas e toda a ritualidade falada pelas benzedeadas trazem expressivamente uma conexão entre essas mulheres e o Divino por vias do dito, ou seja, da Palavra, que se sacraliza no momento do benzimento. Para as

pessoas que as procuram está ali um ser que tem também, além da palavra, o dom da escuta acolhedora dos seus problemas não apenas espirituais, mas sociais e psíquicos.

Quando apresento a “benzanálise” não é descreditando o papel do psicanalista ou psicólogo, mas apenas mostrando que uma escuta é autorizada quase que por um ser divino para que essas mulheres-benzedadeiras abracem todos/as aqueles que sofrem de maneira a acalantar em seu colo as suas dores, os seus medos e seus desejos de vida, fazendo com que após suas “sessões” sintam-se fortalecidos/as para tomadas de decisões ao mesmo tempo em que com as rezas percebem alívios em suas “enfermidades-espirituais” manifestas muitas vezes no físico.

Seria imprudente da minha parte deixar de refletir sobre quais fenômenos expressam ou caracterizam a Região Metropolitana do Cariri como um território sagrado. Analisando as narrativas postas ao longo do texto, fica evidente que para cada segmento social, político ou religioso são destacados objetivos distintos, mesmo que não pareçam. Na territorialidade sagrada, não descarto o papel geoe educacional dos/as professores/as como sujeitos de resgate das memórias afetivas do lugar e das transformações espaciais que aconteceram e acontecem a cada ciclo de geração.

Nesse segmento, elementos culturais definem com clareza o misticismo presente na região quando os/as professores destacam a importância das benzedadeiras em suas infâncias, as ritualidades sagradas e institucionalizadas como fenômenos que se relacionam, aparente e harmonicamente, mesmo nos municípios em que não contam com a presença de algumas religiões como, por exemplo, de matriz africana. Mostrando, assim, que os fenômenos místicos estão presentes sim, na territorialidade da RMC, mas com grandes distinções entre cada município. Aqui cito as festas de Santo Antônio em Barbalha e Jardim e as romarias de Juazeiro do Norte, Farias Brito, Crato e Santana do Cariri em que os investimentos financeiros e humanos apresentam características próprias para cada evento e localidade.

A formalização do ensino, é rompida com os aprendizados e ensinamentos passados de gerações a gerações, e que “não cabem” nos livros didáticos, mas estão lá no meio do povo, transcendendo as leis e as normas impostas pelas instituições.

Quanto mais ouvi falar que a cultura é viva e dinâmica, mais certeza tenho quando me deparo na (des)construção de parâmetros entre a benzedeira e os ritos calçados numa ancestralidade com riscos de desaparecimento, já que as novas gerações não têm interesse em perpetuar esses ofícios de maneira “tão artesanal”. Em contrapartida, me encontrei diante de inventos postos a partir da (r)evolução tecnológica que permite a continuidade dos fenômenos místicos com manutenção e preservação dessa herança ancestral como em uma cereja no bolo para abrilhantar a festa.

Encontrar processos e rituais de benzimentos nas redes sociais em uma mídia que permite perpetuar o papel da benzedeira, em meio a riscos de fraturar conceitos, crenças e tradições

oportuniza às novas gerações que estão no “universo da internet”, a acreditar em uma transcendência para além do físico por uma virtualidade que já está incorporada à sociedade do século XXI e que a fé possa continuar tendo seu lugar na vida desse sujeito. E mesmo que pelas redes e fibra ótica, a cura possa chegar como elo de uma nova trindade: o Divino, o humano e a máquina.

Não à toa que Edgar Morin (1998) afirma que podemos pesquisar na complexidade, acrescento também na subjetividade. Por essa filosofia e conceito, entrelaçados a estudos da fenomenologia nasceu a construção para conceituar o neologismo Geotecnopsicosfera. No cenário dos fenômenos linguísticos e com a ideia miltoniana de tecnosfera e psicosfera, refleti a partir da territorialidade sagrada e dos fenômenos místicos das benzas no Cariri.

Essa Geo = terra = a espaço, movimentada técnicas que perpassam a ideia estrutural, conceituada numa revolução industrial (século XVIII), para fenômenos transcendentais que podem ter seu nascimento na psique do sujeito, seja consciente ou inconscientemente, trazem a concretude de uma fé enraizada nas memórias afetivas dos lugares e de todos os seus manifestos registrados num inconsciente postos por um sujeito que não pensa o lugar, apenas vive a sua essência, seja ele residente ou visitante.

A psicosfera e tecnosfera possibilitam idas e vindas numa territorialidade em que me no torno sujeito desses lugares juntamente com as benzedeiras, os/as professores/as, gestores/as e todos os atores que protagonizam esses cenários místicos de benzas. E de fenômenos que transcendem o institucional e perpassam pelas essências, e crenças quase que uno de uma fé curativa de todos os males sejam eles físicos, mentais ou espirituais.

Quando na tese está conceituado um novo neologismo, *geotecnopsicosfera*, não pretendo um engessamento de um termo, como visto numa academia enraizada, muitas vezes, em segmentos e propostas dentro de caixinhas. A ideia de elementos tão subjetivos, conforme sinalizados, me permite, a partir desse ponto, que esse termo ganhe novas releituras e que componham cenários multidisciplinares e de diversas áreas do conhecimento.

Assim, procurei fazer que sua construção e desconstruções possam acontecer para que o dinamismo científico permaneça vivo em seus registros, e novos fenômenos se tornem prismas na reflexão do saber no fazer, a partir das vivências e experiências do sujeito.

Revisitar as minhas memórias afetivas a partir do que considerava fenômenos místicos, mesmo sem ter essa consciência, me fez refletir sobre essa territorialidade sagrada em que estou inserido como sujeito pensante e ativo nas ações do lugar.

Em alguns momentos o meu superego abriu caminhos para elementos guardados no inconsciente e que despertaram muitas emoções e novas percepções sobre o meu espaço (físico, mente e espírito) e sobre o meu papel diante de tantos sujeitos que têm uma fé quase inabalável sobre

algo que transcende a minha compreensão de geógrafo, psicanalista e, também, de protagonista nesse território que estrutura a região metropolitana do Cariri cearense frente a uma Psicofera, Tecnosfera e a Geotecnopsicosfera.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliza P; BICUDO, Edison. Psicoesfera e medicina: Meio construído urbano e congressos médicos na América Latina. **Revista Geográfica Venezuelana**, v. 51, n. 2, 2010.

ANDRADE, Juliana Oliveira; ROCHA, Marcos da Silva. Poder público, eficácia simbólica e espaços sagrados: o discurso da (in)tolerância religiosa. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; CAVALCANTE, Tiago Vieira (org.) **Geoeducação em espaços simbólicos**. Curitiba: CRV, 2019.

ANDRADE, Marco Paulo *et al.* Representações dos profissionais da saúde pública sobre as práticas integrativas e complementares na Cidade de Viçosa-MG, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, 2021.

BARTZ, Alessandro. Trânsito Religioso no Brasil: Mudanças e Tendências Contemporâneas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 2012, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: EST, v. 1, p. 258-273, 2012.

BAUMAN. Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BELZEN, Jacob A. Psicologia Cultural da Religião: Perspectivas, Desafios, Possibilidades. **Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009.

BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOWLBY J. **Apego**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1990.

BRASIL. **Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Plano Nacional de Cultura – PNC. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm. Acesso em: 3 set. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2.821, de 2019**. Política Nacional Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PNPIC. Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=7B6FA376B07691ABB30607E9EAC8AE57.proposicoesWebExterno2?codteor=1753405&filename=Avulso+-PL+2821/2019#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,campo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20do%20SUS.&text=O%20Congresso%20Nacional%20decreta%3A,Art. Acesso em: 4 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007**. Art. 1º Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11635.htm. Acesso: 18 ago. 2019. Acesso em: 4 out. 2020.

BRASIL. **Resolução nº 82, de 19 de novembro de 1998**. Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=96327>. Acesso em: 7 ago. 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Regulamenta os artigos 29, 30, 32 e 87 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9459, de 13 de maio de 1997.** Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Casa Civil. Brasília, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm. Acesso em: 12 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 9.226, de 2 de maio de 1946.** Art. 1º Fica criada a Floresta Nacional do Araripe-Apodí. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del9226.htm. Acesso em: 15 ago. 2019.

CARBALLO, Cristina Teresa. **Hierópolis como espacios em construcción:** las prácticas peregrinas em Argentina. Em Trilhas do Sagrado. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CASTRO, Lavini. Hegemonia Cristã. O Neopentecostalismo e sua Relação com as Religiões de Matrizes Africanas. **Revista da ABPN**, v. 11, n. 28, p.34-54 mar/mai, 2019.

CASTRO, Rogério Paiva. Romarias em Juazeiro do Norte: espaço e tempo de devoções populares. In: OLINDA, Ercília Maria Brada de; SILVA, Adriana Maria Simião (org.). **Vidas em Romaria.** Fortaleza: EdUECE, 2016.

CEARÁ. Secretária de Cultura do Estado do Ceará – SECULT, **Vila da Música em Rede | Debate sobre Raízes da Tradição com Mestra Zulene Guardiã das Brincadeiras Populares.** 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2020/07/31/vila-da-musica-em-rede-debate-sobre-raizes-da-tradicao-com-mestra-zulene-guardia-das-brincadeiras-populares/>. Acesso em: 24 out. 2021.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). **Mapas – Ceará, 2017.** Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/lista/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CEARÁ. **Lei Complementar nº 78, de 26 de junho de 2009.** Dispõe sobre a criação da Região Metropolitana do Cariri, cria o Conselho de Desenvolvimento e Integração e o Fundo de Desenvolvimento e Integração da Região Metropolitana do Cariri – FDMC, altera a composição de microrregiões do estado do Ceará e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Ceará, Fortaleza, série 3, ano I, n. 121, 2009.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CLAVAL, Paul. **Géographie culturelle, culture des géographes:** d'après une conférence de Paul Claval à l'École Normale Supérieure de Lyon, Géoconfluences, février 2003. Disponível em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/informations-scientifiques/dossiers-thematiques/remue-meninges/paul-claval/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

COUTO, Pablo Luiz Santos; BOA SORTE, Elionara Teixeira; SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes da. A religiosidade como alternativa terapêutica: uma discussão de gênero sobre o sofrimento masculino na busca pela cura. **Polêm!ca**, v. 18, n. 2, 2018.

DA SILVA, Marcia Alves Soares. Por uma geografia das emoções. **GEOgraphia**, v. 18, n. 38, 2016.

DEMÉTRIO, Águida Meneses Valadares; BARBOSA, Rita Maria dos Santos Puga. Apego, afeto e territorialidade: elos entre o idoso e seu ambiente. **Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 7, n. 3, 2016.

DIOCESE DO CRATO. **Caminhão Pau de Arara, a Pastoral Diocesana de Romaria explica porque defende este tipo de transporte**. 31 de outubro de 2014. Disponível em <http://diocesedecrato.org/transporte-pau-de-arara-a-pastoral-diocesana-de-romaria-explica-porque-defende-este-tipo-de-conducao/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; KOLLER, Silvia Helena; PEREIRA, Maria Teresa Lisboa Nobre. Religião, Saúde e Cura: um Estudo entre Neopentecostais. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 24, n. 3, 2004.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. 1.º edição em português — Lisboa Portugal - Editora Arcádia. Setembro de 1979.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998

FILHO, Arnaldo Ferreira de Araújo; OLIVEIRA, Alesca Prado de. Fragmentação do espaço sagrado de Ipiacu, MG. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAÚJO, Leonor Franco de; PÓVOA, Carlos Alberto (org.) **Narrativa da fé**: tradições religiosas, ancestralidade e resistência no Brasil contemporâneo. Ituiutaba: Barlavento, 2019.

FÖETSCH; Alcimara Aparecida; ROIEK, Michele. Benzedeiras, curandeiras e rezadeiras: ofícios de intercessão, cura e oração - o sagrado feminino na região do contestado. In: MACHADO, Ivna Carolinne Bezerra *et al.* (org.). **Geografia cultural do feminino**: enfoque e perspectivas (livro eletrônico). Santa Maria, RS: Arco Editores, 2021.

FREUD, Sigmund (1856-1939). O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1856-1939). **Totem e Tabu** (1913-1914). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GAZONI, Jefferson L. **Aproveitamento Turístico de Recursos Mítico-religiosos**: os passos de Anchieta. Turismo religioso: ensaios e reflexões / Reinaldo Dias, Emerson José Sena da Silveira (org.). Campinas, SP: Editora Alinea, 2003.

GIL, Gilberto. **Andar com fé**. Rio de Janeiro, WEA Disco, 1982.

GUIMARÃES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amancio; LIMA, Samuel do Carmo. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia (MG): Assis Editora, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

HEGEL, G. W. F. **Hegel e a Fenomenologia do Espírito**. Tradução Paulo Meneses. ed. revisada. Petrópolis: Vozes, 2002.

HISADA, Sueli. **Conversando sobre psicossomática**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter LTDA, 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades Ceará**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce>. Acesso em: 02 de maio de 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região Metropolitana: situação em 2000 e 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, [2012]

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Salvaguarda de bens de natureza imaterial**, 2011. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/177> Acesso em: 29 jan. 2021.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KAHIL, Samira Peduti. **Psicosfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3): 475-485, dez. 2010.

KARNAL, Leandro. **Santos fortes: raízes do sagrado no Brasil**/Leandro Karbal, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Anfiateatro, 2017.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um Projeto Infinito**. (Lumensana Publicações Eletrônicas) Editora Sextante, 2000.

MALHEIRO, Djailson Ricardo *et al.* **Benedeiras do CRAJUBAR: saberes e práticas remanescentes**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021.

MAC FADDEN, Maria Adélia Jorge. **Psicanálise e Psicossomática**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2000.

MATOS, Camila Carvalho de Souza Amorim. **As práticas de saúde no candomblé. Research, Society and Development**, v. 9, n.1, 2020.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino**. Tradução de Orlando Reis. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOÏSI, Dominique. **A geopolítica das emoções: como as culturas do Ocidente, do Oriente e da Ásia estão remodelando o mundo**. Tradução Patrícia Sá. Rio de Janeiro, Elsevier – 2009.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomsom, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1998.

NASCIMENTO, Rita Fabiana Arrais do. A benção Juazeirense: o sentido da doença num revelar mágico-religioso de cura. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 29., 2014. **Anais** [...]. Natal, 2014.

NAYLAH, Jacqueline. **Eu te benzo**: o legado de minhas ancestrais. 2. ed. Porto Alegre: Besourobox, 2019.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; ARAÚJO, Michel Ângelo. A romaria como experiência religiosa espiritualizante e o sentido da vida. *In: OLINDA*, Ercília Maria Brada de; SILVA, Adriana Maria Simião (org.). **Vidas em Romaria**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ROCHA, Marcos da Silva; ARAGÃO, Raimundo Freitas. **Paisagem de gigantes**: totemismo, turismo e geopolítica da visibilidade. Curitiba: (Coleção Caminhos Simbólicos – v. 2) CRV, 2020.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; MALHEIRO, Djailson Ricardo; PINHO, Lucas Fernandes de. Benzedoras: “cura” pela fé na cultura do Cariri cearense. *In: PORTUGUEZ*, Anderson Pereira; ARAÚJO, Leonor Franco de; COPPE, Moisés Abdon (org.). **A força da fé**: existência, resistência e resiliência da religiosidade popular brasileira. Ituiutaba: Barlavento, 2020.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Geografia do turismo na cultura carnavalesca**: o sambódromo do Anhembi. São Paulo: Paulistana, 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; *et al.* Turismo e modernização dos santuários cearenses: a lógica mítica do espetáculo. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, n. 01, 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph (Coleção do ABC do Turismo), 2004.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **SER-TÃO ROMEIRO [manuscrito]**: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro do Norte – Ce, 2019.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. Intolerância Religiosa e as Relações Étnico-Raciais: o caso das religiões de matriz africana no Brasil. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 8., 2017. **Anais** [...] Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

PIAZZA, Waldomiro Octavio. **Introdução à Fenomenologia Religiosa**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1983.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Espaço e cultura na religiosidade afro-brasileira**. Ituiutaba MG: Barlavento, 2015.

REIS FILHO, Casemiro. **A educação e a ilusão liberal**: origens da escola pública. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

RODRIGUES, Antonio. Juazeiro do Norte tem centenas terreiros ativos. **Jornal Diário do Nordeste**. 10 de outubro de 2017. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/juazeiro-do-norte-tem-centenas-terreiros-ativos-1.1828341>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ROSENDHAL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. **Anais [...]**. Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural: uma breve reflexão**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ROSSETTI, Regina; MUNHOZ, Marcos Martinez. Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes de da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, v. 23, 3, p. 71-89, 2017.

SANTOS, Maria da Graça M. Poças. **Espiritualidade, turismo e território: estudo geográfico de Fátima**. São João do Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. Saúde e Sagrado: Representações da doença e práticas de atendimento dos sacerdotes supremos do Candomblé Jêje-Nagô do Brasil. **Rev. Bras. Cresc. Des. Hum**, v. 12, n. 2, 1999.

SANTOS, Milton. **A Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAÚDEBRASIL. **O que significa ter saúde?** 2020. Disponível em <https://saudebrasil.saude.gov.br/eu-queiro-me-exercitar-mais/o-que-significa-ter-saude>> acesso 19.02.2021.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil [livro eletrônico]: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Rev. Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 16, n. 1, jun. 2010.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidade: matrizes e matizes**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2018.

SOARES, Fernanda da Silva Costa; MARQUES, Ana Neurimar Oliveira; PINHO, Carolline Rocha Parente de; FIGUEIREDO, Marcos Paulo Magalhães de. **Itinerários terapêuticos e religião:**

Candomblé, Umbanda, Ebó e a busca pela cura do corpo e da alma. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n. 9, 2021.

SOUSA, Maria Clara de; QUEIROZ, Gêssica da Silva; MORAIS, Maria Gabriela Gomes de; ALBUQUERQUE, Lucas Tavares Cruz de; MALHEIRO, Djailson Ricardo; OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Cura pela Fé: As Benzedeiros do Cariri Cearense. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v. 14, n. 54, 2021.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. O Espaço fora do Lugar: uma suposta filosofia geográfica do espaço e do lugar. **Revista do Departamento de Geografia**, USP São Paulo, v. 29, p. 305 a 319, 2015.

SUESS, Rodrigo Capelle. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! a insurgência de um novo horizonte? **Élisée, Rev. Geo.**, v.6, n.2, 2017.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, p. 354-393 no 23, jan./abr. 2010.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Edifel, São Paulo – SP, 1983.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: DIFEL I Difusão Editorial S. A, Ed. Edifel, São Paulo – SP, 1980.

VIEIRA, J. Flávio. **Dormindo à borda do abismo**: a medicina no Cariri cearense 1800-1900. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

VOLVEY, Anne. La transitionnalité: nouveaux éléments psychanalytiques d'un chantier épistémologique pour la géographie. **Geographische Zeitschrift**, 2004, v. 92, n. 3, p. 17-184. 2004.

APÊNDICE A - HOMENAGEM À DONA OTÍLIA – BENZEDEIRA – PELA VIDA REZANDO NAS PESSOAS

Dona Otília, 1923-2020 (em memória)



Fonte: Acervo do autor (2020).

Dona Otília, 97 anos de idade e mais de 80 como benzeadeira, nascida em Abaiara – Ceará. Ainda na adolescência foi residir em Juazeiro do Norte onde aprendeu a rezar e teve como mentora uma beata que residia na casa do Padre Cícero Romão Batista. Tinha em Nossa Senhora Aparecida e Santo Expedito seus santos de maior devoção. Segundo ela, as orações vêm da fé e por isso não podem ser cobradas. Em vida dedicou-se a ajudar as pessoas que, em determinados dias, enchiam sua sala à procura da sua benzeção. Nunca deixou de rezar porque se sentia muito bem com essa missão de vida.

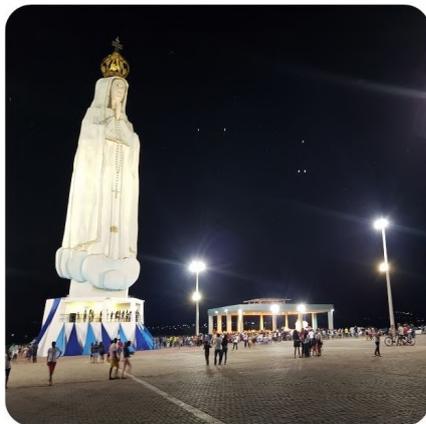
APÊNDICE B - REGISTROS FOTOGRÁFICOS FENÔMENOS MÍSTICOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI



Estruturação N. S. Fátima Crato CE



Réplica capela de N. S. Fátima



Missa 13 de maio N. S. Fátima



Túmulo de Benigna Santana do Cariri



Devorta de Bengina



Devortaode Bengina

Fonte: Acervo do autor (2019/2020/2021).

Registros fotográficos fenômenos místicos da Região Metropolitana do Cariri



Arte Humana: Anjo



Fé



"Cristo em mim"



Romaria Candeias: lamparina



Romaria Candeias: vela



Romaria Candeias: celular

Fonte: Acervo do autor (2019/2020/2021).

Registros fotográficos fenômenos místicos da Região Metropolitana do Cariri



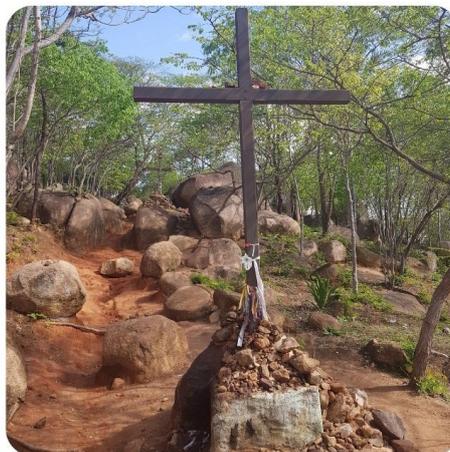
Ex-votos Santuário Benigna



Romaria: remédios caseiros



Bandeira S. Sebastião Nova Olinda



Santo Sepulcro



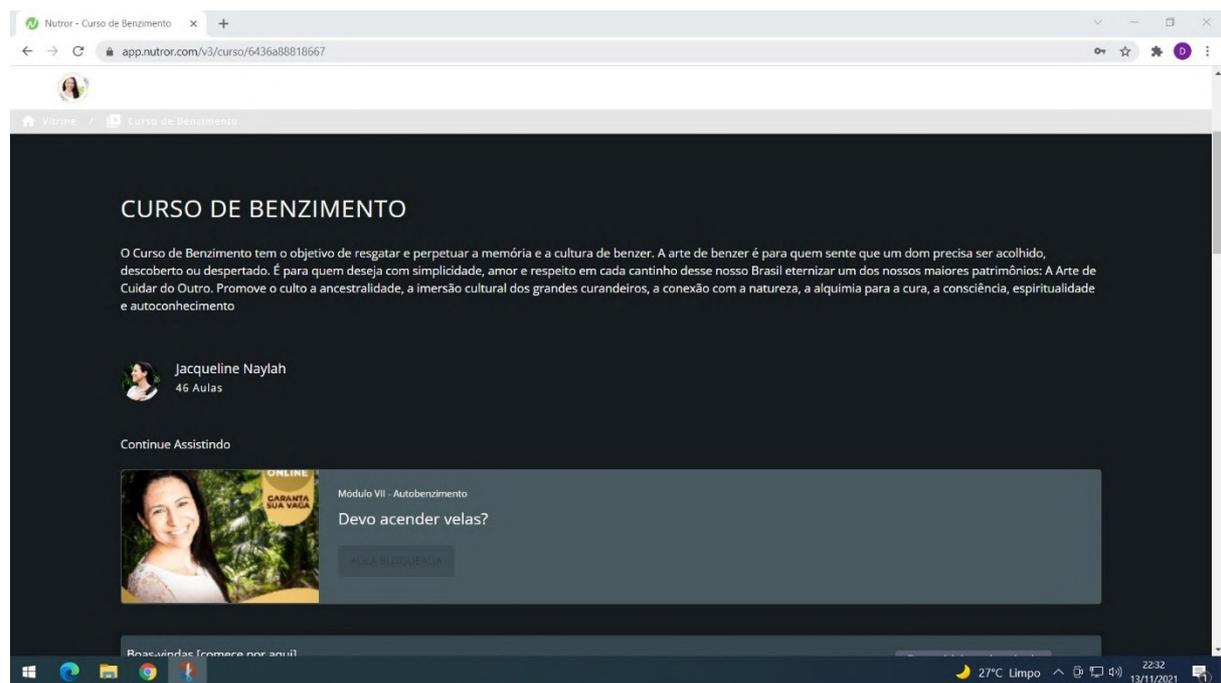
Santo Sepulcro



Horto do Padre Cícero

Fonte: Acervo do autor (2019/2020/2021).

APÊNDICE C - TELA PRINCIPAL DO CURSO DE BENZEDEIRA/BENZEDOR EAD



Fonte: Curso de Benzedeira (2021).

APÊNDICE D - MINIGLOSSÁRIO DE SÍMBOLOS

“Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos ou nossos sonhos, quer percebamos isso ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão forma aos desejos, incitam a empreendimentos, modelam comportamentos, promovem êxitos ou derrotas”.
(CHEVALIER, 2002)

Nos territórios sagrados do Cariri cearense temos quase que em um fenômeno ritualístico em meio a geotecnopsicofera muitos símbolos que representam a fé e a devoção, a festa e a profanação em um composto sacro-profano. Por esse motivo apresento esse glossário com alguns símbolos encontrados no Cariri. O material ilustrado e explicitado é uma adaptação, simplória, da obra de Chevalier (2002) intitulada *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*.

	<p>A bandeira ou estandarte é símbolo de proteção e de liderança. Quando erguida acima da cabeça demonstra passa a ser uma evocação ao Divino. Para o cristianismo representa a ressurreição de Cristo. A toalha que enxugou o rosto ensanguentado de Jesus torna-se bandeira Santa.</p> <p>A bandeira representa o poder cívico e o patriotismo, a devoção pelos santos (Divino). Para o povo Brasileiro a bandeira Nacional é o seu maior símbolo pátrio. Para os romeiros e fiéis com a estampa do/a Santo/a representa a força e a fé de um povo. Sem deixar de ser também uma demarcação religiosa do espaço.</p>
	<p>O chapéu pode ter uma relação com a coroa de um rei, a força e poder do coronel.</p> <p>Poder ser item complementar a uma vestimenta ou personalidade, e pode também esconder a falta de cabelos.</p> <p>Para o romeiro na territorialidade sagrada do Cariri o chapéu é símbolo de fé e devoção. A bênção dos chapéus é um dos momentos mais marcantes na despedida dos peregrinos a “capital da fé” Juazeiro do Norte Ceará.</p>
	<p>A cruz é um símbolo dos mais antigos, data encontrada uma no século XV a.C.</p> <p>Para os cristãos ela representa o Cristo crucificado, o Salvador.</p> <p>Para algumas culturas a Cruz simboliza a “Árvore da Vida”.</p> <p>Para o peregrino simboliza a dor e alegria, o respeito pelo Deus e seus representantes na terra os “santos”.</p> <p>Fazer o sinal da Cruz diante de templos e imagens, principalmente católicas, demonstra obediência e respeito pelas divindades.</p>
	<p>As estatuetas, em geral de barro ou gesso, enquanto mercadoria só tem valor comercial. Após ser consagrada passa a ser símbolo religioso e elo entre o humano e o divino. Tanto em casas, em algumas religiões afro, como por exemplo a Umbanda, e igrejas católicas sempre encontraremos as estatuetas como representatividade de que a fé e a proteção estão naqueles espaços.</p> <p>Podemos rezar e acender velas diante das estatuetas como formo de um encontro as nossas súplicas e agradecimentos aos santos.</p>
	<p>O fogo para algumas religiões purifica a alma. Em algumas sociedades é símbolo de rituais desportivos. Representa até o amor <i>caliente</i>, paixão e sexualidade. No nordeste brasileiro o fogo é fundamental para as homenagens aos santos juninos (Santo Antônio, São João e São Pedro), através das fogueiras. “O Sol, pelos seus raios, o fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora” (CHEVALIER 2002).</p>
	<p>A máscara tem várias simbologias e estão presentes nos cenários sociais deste muito tempo. Pode ser arquétipo da morte, das festas carnavalescas e representa a alegria e a tristeza na arte teatral. As máscaras trazem uma sacralidade profana. As máscaras no contexto atual se humanizam e representam figuras ilustres seja como homenagens ou críticas. Na cidade de Jardim CE, é o maior símbolo da festa dos “Karetas”.</p>
	<p>A pedra tem simbologias holísticas usado em terapias, em tratamentos de certas enfermidades, ela pode ser muito cara quando considerada preciosa e pode não valer nada quando passamos por ela numa rua qualquer.</p> <p>A pedra pode ser sagrada quando contemplada e sacralizada em alguns rituais religiosos.</p> <p>Para o romeiro, na colina do Horto em Juazeiro do Norte, colocar pedras empilhadas em árvores representar um pouco da dor e do sacrifício deixado ali, e para alguns subir escadarias de joelhos e com uma pedra na cabeça é a maneira encontrada para agradecer preces ou promessas alcançadas. Até a “pedra do joelho” ainda na subida ao Horto, pode aliviar dores reumáticas nas articulações.</p>

	<p>“O templo é o reflexo do mundo divino [...] é a habitação de Deus sobre a terra” expressa Chevalier (2002). É a casa do Pai (Deus) e um retorno ao materno (acolhida divina). É um espaço de ritos e rituais em que cada religião programa ações e símbolos pertencentes a seus Deuses. Em algumas religiões, a exemplo da católica, algumas autoridades eclesiásticas ou de grande poder são sepultadas dentro dos templos. Em Juazeiro do Norte o padre Cícero está sepultado na capela de Nossa Senhora do Socorro e em Santana do Cariri os restos mortais da beata Benigna foram transferidos e 2018 para a igreja Matriz.</p>
	<p>Para Freud o totem é um animal, estátua, planta ou outro elemento que representa um ser divino e em seu entorno devem acontecer rituais. O totem é um elemento individual que representa o poder. Podemos dizer que em tempos modernos nos territórios sagrados do Cariri encontramos alguns totens contextualizados com a realidade local. Por exemplo, a Estátua do padre Cícero na colina do Horto em que rituais estão presentes. É muito comum e crescente o número de grandes Estátuas (que podem ser considerados ou não totens) em pontos específicos das cidades.</p>
	<p>A vela simboliza a vida que está presente no ato dos batizados, principalmente no catolicismo, nas atividades da religião afro, nos aniversários como renovação de vida e até na hora da morte, representando uma passagem do mundo terreno para um mundo de luz. No cariri é elemento importante na procissão de Nossa Senhora das Candeias em que vemos um “mar de velas” como forma de pedir luz e proteção divina.</p>

Templo

Totem

Vela

Fonte: Adaptado pelo autor do Livro: CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número. [et al.]. [...] 17ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SOBRE O AUTOR



Prof. Dr. Djailson Ricardo Malheiro

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Graduado em Geografia, especialista em Geografia e Meio Ambiente, Língua Portuguesa e Arte-Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Atualmente é professor Assistente II da Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte - Estácio/IDOMED, professor efetivo da rede municipal de Juazeiro do Norte atualmente Diretor Administrativo da Escola de Saberes Daniel Walker órgão da Secretaria de Educação e Psicanalista. Membro do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e espaços simbólicos (LEGES) - UFC e da Rede de Pesquisa em Turismo Religioso do Nordeste (REPETUR). Coordena os Projetos de Extensão: Laboratório de Tanatologia: perdas e lutos - ênfase em lutos materno e o Núcleo de apoio a afetados em situações extremas - NASE; ECOMED: ambiente e saúde com consciência e Projeto de Pesquisa: A dor que não se nomeia: mães enlutadas do CRAJUBAR (ESTÁCIO/IDOMED). Coordena, através da Secretaria de Educação, o Projeto Vidas Preservadas, em Juazeiro do Norte, do Ministério Público do Estado do Ceará. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana (Geografia da Saúde), Saúde Ambiental, Psicanálise e Tanatologia.

ÍNDICE REMISSIVO

Benzas.....0, 1, 9, 11, 12, 14, 16, 20, 58, 65, 67, 69, 70, 72, 73, 78, 79, 81, 88, 91, 93, 94, 101, 102, 103, 104, 108, 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 148, 149

Benedeiras.....4, 8, 12, 19, 61, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 89, 91, 94, 95, 103, 104, 108, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 157

Geoeducação.....8, 18, 53, 54, 55, 56, 101, 103, 107, 151

Geografia cultural.....8, 18, 29, 99, 153, 156, 157

Geotecnopsicosfera...0, 1, 8, 9, 11, 13, 20, 21, 26, 29, 53, 54, 57, 60, 61, 69, 70, 77, 93, 95, 97, 99, 101, 102, 108, 115, 116, 121, 130, 140, 141, 149, 150

Lugares do sagrado.....8, 23, 24

Materialização da cura.....8, 63, 64

Migração.....8, 11, 35, 39, 83, 85

Narrativas.....0, 1, 4, 8, 11, 12, 14, 20, 56, 67, 70, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 109, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 126, 136, 137, 140, 142, 148

Psicosfera...0, 1, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 29, 34, 43, 53, 54, 57, 58, 60, 61, 69, 70, 77, 91, 93, 95, 97, 99, 101, 102, 106, 108, 114, 115, 116, 121, 130, 140, 141, 147, 149, 150, 154

Religiões.....8, 11, 12, 16, 27, 28, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 63, 73, 74, 75, 76, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 97, 98, 104, 109, 112, 116, 117, 118, 129, 138, 139, 148, 152, 153, 155

Sagrado... 8, 11, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 54, 56, 58, 60, 61, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 105, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 121, 124, 129, 131, 132, 137, 142, 148, 151, 152, 153, 154, 156, 163

Territorialidade sagrada...0, 1, 8, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 20, 26, 28, 29, 33, 34, 43, 50, 66, 94, 95, 99, 101, 109, 116, 121, 130, 137, 147, 148, 149, 150

Territórios sagrados...8, 11, 13, 17, 19, 20, 22, 24, 27, 29, 31, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 48, 52, 56, 58, 60, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80, 82, 83, 85, 92, 93, 95, 97, 99, 100, 111, 114, 115, 163

ISBN 978-655376072-1



9

786553

760721